EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

131 Anos
Patrimônio da Paraíba

Ano CXXXI Número 201 | R$ 3,50

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 22 de setembro de 2024

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

AMOR E ACEITAÇÃO

Adoção tardia oferece nova vida a crianças e adolescentes na PB

Maioria dos casais ainda prefere bebês, mas alguns começam a aderir a essa forma de construção familiar. *Página 5*

Foto: João Pedrosa



Investimentos fortalecem o esporte no estado

Eventos como o Campeonato Brasileiro de Ginástica Artística, que termina hoje, atraem atletas de todo o país e colocam a Paraíba no cenário nacional. *Página 21*

■ "Onde os índios se esconderam, se enfurnaram para subsistir, está sob chamas. Atingidos pela fornalha ambiental da poluição, ateada pelo desmatamento incontrolável ou por mãos incendiárias?".

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ "O saldo positivo na criação de novos empregos reforça o dinamismo da economia paraibana, que, aliado a um ambiente econômico favorável, impulsiona o setor varejista e cria condições para crescimento contínuo".

João Bosco Ferraz de Oliveira

Página 17



Foto: Divulgacao/NBC

"Friends" celebra 30 anos como um dos seriados mais populares da televisão mundial

Com um elenco liderado por Matt Le Blanc, Lisa Kudrow, David Schwimmer, Matthew Perry, Courteney Cox e Jennifer Aniston, o programa permaneceu no ar por 10 anos com extraordinário sucesso.

Página 9

Obras escritas por Monteiro Lobato completam 100 anos

Com personagens históricos da literatura infantil tipicamente brasileira, o paulista marcou uma geração de leitores e inspirou outros autores.

Página 25

Foto: Tônio





Universidades abrem vagas em concursos

UFCG e UFPB lançaram editais para preencher funções técnico-administrativas e cargos docentes.

Página 16



Pensar

O que leva uma pessoa a se tornar heteropessimista e quais os caminhos para lidar com a decepção nas relações amorosas? Homens e mulheres héteros explicam os fatores que levam à desilusão com o sexo oposto, e especialistas avaliam como idealização do romance pode prejudicar as conexões.

Páginas 29 a 32

Editorial

Agricultura familiar

“Afagar a terra, conhecer os segredos da terra. Cio da terra, propícia estação, e fecundar o chão.” O trecho da canção cantada por Milton Nascimento e escrita por Chico Buarque apresenta, de forma poética, como se constitui a relação de respeito, cuidado, e muitas vezes de devoção, dos camponeses com o quinhão do qual tiram seu sustento.

Uma das principais expressões dessa ligação de deferência e cortesia entre homem e terra se dá através dos trabalhos envolvendo as práticas da agricultura familiar. Não é exagero dizer que são esses produtores quem alimentam o Brasil. Representam 77% do abastecimento agrícola nacional. No que diz respeito à produção de alimentos, é responsável por 70% do feijão, 87% da mandioca, 46% do milho, 38% do café, 34% do arroz, 21% do trigo e 50% da banana, a grande maioria voltada para o consumo interno. Oitavo lugar no *ranking* mundial de produção alimentícia. Tanta produção requer mão de obra, gente cultivando. São 10,1 milhões de trabalhadores, o que torna a agricultura familiar a principal responsável pela manutenção das pessoas no campo.

O Nordeste se destaca nacionalmente no setor. Os nove estados somados concentram mais de 46% do total de estabelecimentos agropecuários, contabilizando 1,8 milhão de unidades produtivas. A Paraíba, por sua vez, participa com 6,8% desse montante. Essa atividade corresponde a quase metade da produção agropecuária desenvolvida em todo o estado.

A expressividade dos números destacados, porém, não seria possível sem trabalho, tanto o labor daqueles que cultivam diretamente a terra quanto aquele desenvolvido pelos que fomentam esses cultivos e dão condições para que eles sejam exercidos. Diante disso, políticas públicas são fundamentais, tanto no que diz respeito ao investimento para a produção quanto para a transferência dos produtos para as pessoas.

No estado da Paraíba muitas dessas ações são feitas através da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer-PB), órgão vinculado à Secretaria de Estado do Desenvolvimento Agropecuário e da Pesca (Sedap). Procase, Projeto Cooperar e Sertão Vivo são iniciativas de repasse de verbas com o objetivo de fomentar a agricultura familiar estadual, bem como a implantação de bancos de sementes que possibilitem o plantio sustentável das mais diversas culturas e o estímulo a feiras específicas.

Na cadeia produtiva, esta talvez seja a mais importante etapa: dar ao que é cultivado a sua função social de alimentar a população, possibilitando uma dieta saudável e acessível financeiramente. Impulsionar o crescimento e as práticas de agricultura familiar, portanto, além de estimular a relação de reverência em relação à terra, entendida por alguns como parte de uma ancestralidade própria, possibilita efetivamente uma maior segurança alimentar para todos.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A lei da censura prévia

A censura a informações contrárias ao governo passou a existir desde os primeiros dias após o golpe de 64. Mas, só em 1970, foi oficialmente definida pelo Decreto Lei 1077, publicado em janeiro. Ficou conhecida como Lei da Censura Prévia, pois tinha como objetivo regular e censurar veículos midiáticos, violando a liberdade de expressão. Também foi popularmente chamado de “Decreto Leila Diniz”, isso porque ele foi divulgado poucos meses depois que a atriz deu uma entrevista considerada polêmica para o jornal Pasquim, quando falou 72 palavrões.

Assinado pelo general Garrastazu Médici, então presidente da República, logo no seu primeiro artigo estabelecia: “Não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes, quaisquer que sejam os meios de comunicação”. Censores se instalaram nas redações de jornais e revistas, com a autoridade de decidir o que poderia ser publicado. Cabia a eles identificar as notícias que entendiam ferir os “bons costumes”. A mídia alternativa, como os jornais “Opinião”, “Movimento” e “O Pasquim”, contrária ao regime, era obrigada a enviar para a Divisão do Departamento de Polícia Federal, em Brasília, os textos que pretendia publicar.

Os canais de comunicação ficavam, então, proibidos de divulgar qualquer informação considerada “incômoda” ao Palácio do Planalto. O descumprimento da lei implicaria aplicação de multa, além de pagamento pela incineração de todos os exemplares publicados com a matéria censurada. Foi a forma encontrada pelos ditadores para impedir que os veículos de comunicação investigassem denúncias de corrupção contra o governo.

Não foi só a imprensa que se tornou alvo da censura prévia, artistas, escritores, cineastas e teatrólogos tiveram suas obras vetadas, total ou parcialmente, por serem consideradas ofensivas aos princípios morais e políticos da ditadura. Músicos como Chico Buarque, Elis Regina, Gilberto Gil, Raul Seixas, Taiguara se tornaram alvos constantes da censura. Livros apresentados aos censores pelos escritores Rubem Fonseca, Érico Veríssimo, Jorge Amado e Maria da Conceição Tavares, foram proibidos de ser editados. Os filmes “Laranja Mecânica”, “Encouraçado Potemkin”, “Macunaíma”, igualmente impedidos de exibição.

Os jornais incluíam receitas gastronômicas nos espaços em que estavam programadas publicações vetadas pela censura. Era a forma encontrada para dar a conhecer, publicamente, que foram alcançados pela censura prévia, que impedia a divulgação de matérias contrárias aos interesses do governo. A população ficava sem ter acesso a informações sobre os bárbaros acontecimentos da época: perseguição intensa a políticos de esquerda, estudantes, artistas e intelectuais; desrespeito aos direitos humanos; cassação de mandatos; relatos de práticas de torturas e de desaparecimentos; e medidas governamentais que comprometiam o futuro político, econômico e social do Brasil. A imprensa, policiada e silenciada, ficava restrita a veicular, apenas, o que era conveniente ao governo.

Teoricamente, a censura à imprensa estava identificada com conceitos da Doutrina da Segurança Nacional, ideologia-base do regime militar. Daí o entendimento de que se fazia necessário censurar os meios de comunicação e as expressões culturais, como meio de o Estado enfrentar os inimigos na “guerra contra o avanço do comunismo”. Os mecanismos de repressão à imprensa se valiam de práticas sigilosas e normas de exceção para calar vozes dissidentes e preservar a unidade do discurso oficial. A censura política à imprensa obedecia a ordens centralizadas, proferidas por um núcleo institucional devidamente estabelecido.

A censura prévia à imprensa só acabou oficialmente em 1988, ano em que a nova Constituição foi promulgada, símbolo da redemocratização nacional.

> “Os jornais incluíam receitas gastronômicas nos espaços em que estavam programadas publicações vetadas pela censura
>
> Rui Leitão

Foto Legenda

Carlos Rodrigo



Trabalho árduo, boa colheita

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Bandeiras desbotadas

Onde os índios se esconderam, se enfurnaram para subsistir está sob chamas. Atingidos pela fornalha ambiental da poluição, ateada pelo desmatamento incontrolável ou por mãos incendiárias?

Num número antigo de 10 anos da National Geografic, revejo a melhor de suas reportagens a denunciar o avanço da intolerância sobre o que resta de nação indígena na Amazônia. A maioria dos brasileiros nem está aí para essa coisa, a seu ver, de remotíssimo interesse — acentua a revista, editada por gente de outra nacionalidade. Da pauta de uma revista estrangeira, há quem veja, alarmada, que a Amazônia fica longe, muito longe dos particulares e públicos interesses brasileiros; é uma selva densa e pouco importa que seus remanescentes naturais se achem expostos à fúria devastadora dos madeireiros e mineradores ilegais.

No entanto, já houve quem muito se preocupasse com isso. A começar pelos forjadores da nossa República, os positivistas, entre os quais se achava o santarritense Atistides Lobo, não se sabe por qual milagre com uma estátua ainda incólume no alto da praça que tem seu nome nesta nossa cidade. Avalia-se ter sido o movimento político-filosófico de resultados práticos com um catecismo ditando a prática das ações .

Quem ressalta soberbamente esse papel catequista dos positivistas é Alfredo Bosi num número velho de três anos da revista da ABL dedicado à amizade França-Brasil. Nele, é avaliada a influência da doutrina na campanha abolicionista. E avança mais: “O fim do regime escravo prende-se a um tópico nuclear da doutrina social-positivista: a incorporação do proletariado na sociedade moderna”.

Outro paraibano, José Maria dos Santos, já havia se antecipado nessa mesma avaliação, ao tratar do abolicionismo entre os fundadores do Partido Republicano Paulista.

Alfredo Bosi pinça esta frase, um achado: “O Apostolado sempre vinculou a abolição ao tema do trabalho, preocupando-se com o que chamava ‘proletariado nacional’ e manifestando reservas à imigração em massa subsidiada pelo governo”.

> “Onde os índios se esconderam, se enfurnaram para subsistir está sob chamas
>
> Gonzaga Rodrigues

E vem à tona a reação dos positivistas à balela preconceituosa de uma certa elite cultural que começou estigmatizando o índio como preguiçoso e terminou “alertando para o perigo da vagabundagem negra, caso o negro fosse liberto por lei”

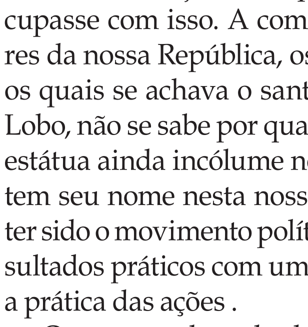
A refutação desse tipo de argumento “soa nossa contemporânea”— ressalta o ensaísta. E como ressoa.

Vem a pelo estas palavras de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, apóstolos do positivismo, escritas antes da Abolição:

“Para desvanecer este tecido de sofismas importa reconhecer, em primeiro lugar, que a vagabundagem, a recusa ao trabalho, não é um vicio peculiar às classes pobres. A contemplação da sociedade demonstra não só que o maior número de vagabundos é fornecido pela burguesia, mas, ainda, que são esses os vagabundos mais prejudiciais. Porquanto os vadios que ela fornece dispõem de um capital que falta aos outros, e esses recursos os colocam em estado de lesar a sociedade por modos inacessíveis aos proletários”.

O Cerrado que cerca Brasília também está pegando fogo. Como lá se concentram as forças de segurança, ficou mais fácil identificar a ação incendiária.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)
ASSINATURAS: Anual ..... R$350,00 / Semestral ..... R$175,00 / Número Atrasado ..... R$3,00
CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA: 99143-6762

EDUCAÇÃO

EJA conta com mais de 40 mil estudantes na PB

Ensino para jovens e adultos oferece aulas presenciais e semipresenciais

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com



Foto: João Pedrosa

O secretário Wilson Filho afirma que a EJA é uma das prioridades do Governo do Estado

Pela necessidade de trabalhar para contribuir com o sustento de suas famílias, cuidar dos filhos ou pessoas idosas, enfrentar problemas de saúde ou outras questões, muitos jovens e adultos não conseguiram seguir com os estudos na idade regular. Para atender a essa demanda, foi criada a Educação de Jovens e Adultos (EJA), que é destinada a essas pessoas que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos Fundamental e Médio na idade própria. Na Paraíba, neste ano de 2024, 40.699 estudantes estão matriculados nessa modalidade de ensino, que oferece aulas presenciais e semipresenciais.

O grande objetivo da EJA, que existe no estado desde o ano 2000, é proporcionar acesso à educação e capacitação para os jovens, adultos e idosos, oferecendo oportunidade para que retomem seus estudos e obtenham a certificação dos ensinos Fundamental e Médio.

As legislações preveem que "os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames", afirma a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Com isso, a CEE-PB também aponta especificidades para que a EJA respeite as características próprias de cada público, como jovens e adultos da cidade ou do campo, pessoas que se encontram em unidades prisionais, ou em situação de itinerância, como ciganos, indígenas, circenses e povos nômades.

No estado da Paraíba, neste ano de 2024, 40.699 estudantes estão matriculados na EJA, nas 382 escolas onde a modalidade é ofertada, divididas nas 16 Gerências Regionais de Educação (GREs). Destes, a maioria, 4.016, estão matriculados na modalidade semipresencial, e a 1ª GRE é a que possui o maior número de matriculados, contando com 6.905 estudantes, tanto do ensino presencial como semipresencial. Com sede em João Pessoa, essa GRE abrange também os municípios de Lucena, Sapé, Mari, Santa Rita, Bayeux, Conde, Alhandra, Caaporã, Pitimbu, Cabedelo, Riachão do Poço, Cruz do Espírito Santo e Sobrado. Os estudantes matriculados têm a partir de 15, até os 92 anos.

A gerente-executiva de Educação de Jovens e Adultos e Educação para as Pessoas Privadas de Liberdade, ligadas à Secretaria da Educação (SEE-PB), Célia Varela, fala que a EJA é uma política de estado que afirma o direito inalienável à educação para todos. "A GEEJA/SEE-PB oferece a EJA em todos os municípios, com 382 escolas envolvidas nesse projeto. Além disso, asseguramos a inclusão e equidade ao possibilitar oportunidades educacionais adequadas às necessidades dos estudantes, considerando suas diversidades cultural, social e econômica. Garantimos diferentes formatos de acesso à educação básica, seja na EJA presencial, semipresencial ou até mesmo na educação em prisões", afirma.

Ela ainda destaca que a EJA oferece oportunidades de transformação na vida de muitas pessoas do estado: "Para muitos, voltar à escola é uma chance de mudar de vida, de realizar sonhos adiados e de se preparar melhor para o mercado de trabalho e as exigências da sociedade atual. Com esse projeto, estamos construindo pontes para um futuro mais digno, inclusivo e cheio de possibilidades", ressaltou.

O secretário de Estado da Educação, Wilson Filho, também destaca o papel da EJA para transformar realidades, sobretudo daqueles que tiveram que interromper os estudos para trabalhar, e afirma que a Educação de Jovens e Adultos é uma das prioridades do Governo. "Os nossos alunos da EJA, em sua maioria, são pessoas que não tiveram anteriormente as oportunidades que, hoje, o Governo do Estado oferta para garantir a frequência escolar e a qualidade do ensino. Buscamos constantemente aperfeiçoar o ensino ofertado, por meio de formações pedagógicas, justamente para garantir que esses estudantes possam conquistar seu diploma. É a partir desse conhecimento conquistado, que vão conseguir melhores oportunidades no mercado de trabalho e até mesmo o acesso ao Ensino Superior", afirmou.

> O grande objetivo da EJA, que existe no Estado desde o ano 2000, é proporcionar acesso à educação e capacitação para os jovens, adultos e idosos

Plantão pedagógico para atender alunos

Além da modalidade presencial, a Paraíba também oferece a EJA semipresencial, onde a carga horária mínima é distribuída em: 35% de atividades presenciais e 65% de atividades não presenciais. Cada estudante possui um Guia de Estudos, contendo orientações e informações do percurso formativo; e o atendimento a cada um dos estudantes acontece por meio de plantões pedagógicos, podendo ser no período diurno ou no noturno.

Por meio desses plantões pedagógicos, o estudante recebe atendimentos individuais ou em pequenos grupos, nos quais são desenvolvidas atividades e metodologias com características específicas, devidamente planejadas pelo professor. Para o cumprimento do currículo, é preciso que o estudante cumpra uma carga horária de 35% de forma presencial na escola e 65% em atividades não presenciais, em ambientes externos e virtuais de forma sequencial, que são contabilizadas para cumprir a carga horária total de 40 horas por componente curricular, para que haja certificação.

Na EJA semipresencial, a avaliação é realizada de forma presencial, quando o aluno estiver apto a submeter-se às avaliações dos conteúdos programáticos, compostas de atividades somativas e uma prova, para fins de conclusão de cada componente curricular. A modalidade semipresencial é uma alternativa para os estudantes que não podem frequentar as aulas presenciais assiduamente, estando todos os dias na escola, e que buscam oportunidades educacionais de aprendizagem com flexibilidade de horário.

Como se matricular

A matrícula para as turmas de Educação de Jovens e Adultos fica aberta durante o ano inteiro, atendendo a flexibilidade de tempo do estudante, e os interessados devem ir presencialmente à escola da sua região, levando seus documentos pessoais, para efetivar o ingresso na EJA. Após se matricular, cada estudante terá sua matrícula ativa na escola por seis meses. Caso não compareça nesse período, a matrícula será desativada e, para retornar aos estudos, deverá realizar uma nova matrícula.

História

No Brasil, os primórdios da Educação de Jovens e Adultos remonta aos tempos coloniais, quando religiosos exerciam ações educativas missionárias com adultos. No período imperial, também há relatos nesse sentido. Com a primeira Constituição Brasileira, no ano de 1824, formalizou-se a garantia de uma "instrução primária e gratuita para todos os cidadãos", direito que se fez presente nas Constituições seguintes. Porém, é apenas nos anos 1940 que a noção de EJA se firma como questão de política nacional, por força da Constituição de 1934, que instituiu, nacionalmente, a obrigatoriedade e a gratuidade do ensino primário para todos. Na década de 60, esse debate é estendido também às demais séries, chamadas de ensino ginasial. Nesse processo do desenvolvimento da EJA, o educador Paulo Freire teve um papel fundamental, desenvolvendo, por meio da educação popular, um trabalho que levasse em conta a realidade dos alunos, com a renovação de métodos e processos educativos que ganharam apoio do Governo Federal. Em 1967, foi organizado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), que visava à alfabetização de jovens e adultos, com foco no ato de ler e escrever. Em 1970, iniciou-se uma campanha massiva de alfabetização e de educação continuada para jovens e adultos no país.

Com a instituição do Ensino Supletivo, em 1971, acontece a ampliação dessa escolaridade para alcançar a totalidade do 1º grau, com a implantação de Centros de Ensino Supletivo (CES), pelo Ministério da Educação (MEC), para atender alunos fora da idade regular para as séries iniciais, inclusive egressos do Mobral. Hoje, a EJA é uma modalidade de ensino legalmente instituída pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394 de 1996.

UN Informe
DA REDAÇÃO

TJPB ADOTARÁ PROTOCOLO DE ESCUTA ESPECIALIZADA EM CASOS DE ALIENAÇÃO PARENTAL

A Justiça passará a ouvir, de forma especializada, crianças e adolescentes em processos de família que tratam de alienação parental. Essa decisão foi aprovada pelo Plenário do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), por unanimidade, na 4ª Sessão Extraordinária de 2024, realizada na última terça-feira (17). A recomendação define um protocolo para a escuta e o depoimento nesses casos. "O intuito é que eles possam contribuir com a elucidação dos fatos, com a manifestação da sua opinião e com a oportunidade de pedir ajuda quando necessário", afirmou o relator da matéria, conselheiro João Paulo Schoucair. No Tribunal de Justiça da Paraíba, a iniciativa teve boa aceitação, como explica o desembargador Romero da Fonseca (foto), coordenador estadual da Infância e Juventude (Coinju). Segundo ele, o depoimento especial, como o próprio nome diz, foge da norma geral de depoimento prestado perante a autoridade judiciária ou mesmo perante a autoridade policial. "Essa é uma das questões. O depoimento deve ser tomado logo no início perante a autoridade policial ou deve se aguardar a instauração do processo em juízo para que ele seja tomado, ou deve ser tomado em juízo a requerimento da autoridade policial? São os protocolos que vão definir essas situações, que precisam ser regulamentadas para que em todo o país esse depoimento passe a uma normatização única", pontuou.

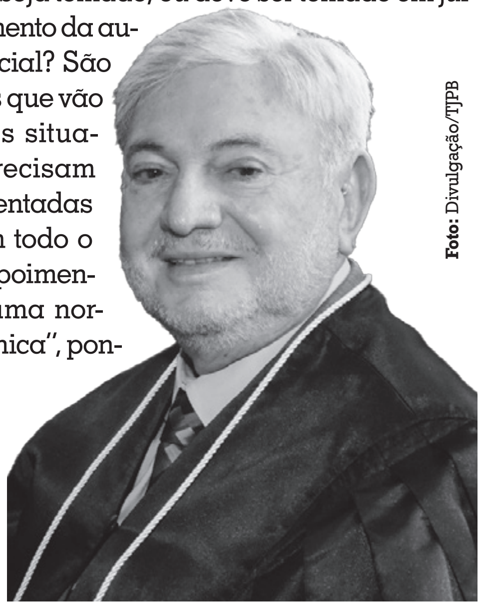


Foto: Divulgação/TJPB

IMÓVEIS MAIS CAROS

O mercado imobiliário do Nordeste vem apresentando desempenho crescente. E a cidade de João Pessoa está em segundo lugar, no país, na valorização de imóveis, perdendo apenas para Curitiba. É o que mostram dados do Índice FipeZap. Os preços dos imóveis na capital paraibana tiveram uma alta significativa de 7,7% nos imóveis residenciais no primeiro semestre deste ano.

DESENVOLVIMENTO DO SUS

A Secretaria de Estado da Saúde recebeu, na sexta-feira (20), a visita de representantes do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) para discutir os projetos propostos pelo grupo no âmbito do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Institucional do Sistema Único de Saúde para o triênio 2024-2026. O encontro contou com as presenças do secretário de Estado da Saúde, Ari Reis, e do secretário-executivo Patrick Almeida.

PARCERIA DO INEP COM A UFPB

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e a UFPB instituíram o primeiro Núcleo do Serviço de Acesso a Dados Protegidos (Sedap) do Inep da Região Nordeste. O acordo foi assinado pelo presidente do Instituto, Manuel Palacios, e pelo reitor da UFPB, Valdiney Gouveia, no dia 13 de setembro. O ambiente está localizado no Espaço José Galbinski, na Biblioteca Central do Campus I, em João Pessoa.

PRESENTE AO PAPA (1)

O presente que a ministra da Cultura, Margareth Menezes, entregou ao papa Francisco, durante missão oficial à Europa, foi um artesanato confeccionado pela paraibana Teresa Júlio, do projeto Farol de Cabedelo, e não das artesãs do grupo Sereias da Penha, como noticiamos na edição do último dia 19, baseados no *site* gov.br, do Governo Federal.

PRESENTE AO PAPA (2)

Trata-se da Flor da Alcachofra, biojoia adquirida pela ministra em sua visita ao Salão do Artesanato Paraibano, em junho último. A peça foi produzida com escamas de peixe, uma tipologia própria do Nordeste brasileiro e que vai representar a Paraíba no Salon Ob'Art Plaine Commune, que acontece em Paris, no mês de outubro.

MEMBROS DO MPPB INICIAM CURSO DE ATUALIZAÇÃO SOBRE MENTES SOMBRIAS

Começou, na última sexta-feira (20), o "Curso de Atualização sobre Mentes Sombrias", que está sendo promovido pelo Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional do Ministério Público (Ceaf/MPPB) a membros, servidores e assessores da instituição, de forma híbrida. A capacitação é ministrada pelo reitor e professor do curso de Psicologia da UFPB, Valdiney Veloso Gouveia, e terá continuidade nos dias 27 deste mês e 11 e 18 de outubro.



Foto: Evandro Pereira

Marconi Medeiros

Presidente da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado da Paraíba

"Estamos num período positivo para o comércio"

Presidente da Fecomércio-PB destaca o fortalecimento das vendas no estado, alavancadas pelo crescimento de turistas

Lílian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

A Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado da Paraíba (Fecomércio-PB), neste ano, celebrou um marco significativo: seus 25 anos de fundação. A instituição desempenha um papel crucial na defesa das empresas do comércio de bens, serviços e turismo de todo o estado e na qualificação da mão de obra, promovendo o desenvolvimento econômico e lutando por reformas que impactam diretamente o setor. Em entrevista ao Jornal **A União**, o presidente da Federação, Marconi Medeiros, destacou o fortalecimento do comércio, alavancado pelo crescimento de turistas na Paraíba, além dos desafios enfrentados pelo setor e as demandas para o futuro gestor político. Empresário do Comércio e Serviços, consultor e assessor empresarial, Marconi Medeiros também é presidente dos Conselhos Regionais do Sesc e do Senac do estado e membro do Conselho Deliberativo do Sebrae Paraíba.

A entrevista

■ *João Pessoa está se consolidando como um dos destinos mais procurados por brasileiros no Nordeste, mesmo nas baixas temporadas, de acordo com um levantamento recente da Booking.com, realizado em agosto. De que forma esse aumento de turistas impacta no desenvolvimento do comércio do estado?*

É positivo para o comércio, é positivo para as empresas de serviços e, principalmente, para as empresas ligadas ao turismo. Então, abrange toda uma rede de empresas do estado da Paraíba. E, nesse momento, a gente pode dizer que, não só João Pessoa, mas a Paraíba é a bola da vez para ser conhecida pelos brasileiros e até por pessoas de outros países. Quando comparamos com outros estados próximos, como Pernambuco e Rio Grande do Norte, percebemos o quanto crescemos e o quanto nos tornamos um destino final de visita, não só de passagem, como acontecia anteriormente.

■ *Os turistas também têm buscado outras cidades além de João Pessoa? Há demanda para o comércio, indústria e turismo nas outras regiões do estado?*

Hoje, há um crescimento do turismo não só na capital João Pessoa, mas, também, em Campina Grande e, principalmente, nas cidades do Sertão e do Brejo paraibano, como Areia, Bananeiras e Solânea, e outras cidades em volta delas. Esse movimento é muito bom para a Paraíba, porque vai fazer com que haja um crescimento e um desenvolvimento naquela região, não só no turismo, mas toda a cadeia de comércio e infraestrutura. E, nesse ponto, nós temos que observar as ações do governo nessa região. As estradas, principalmente as estradas da Paraíba, estão asfaltadas, estão boas para o tráfego de automóveis, de ônibus. Isso é bastante importante. A gente verifica, por exemplo, que, em períodos de fim de semana, há um fluxo muito grande para aquela região. Cidades menores, mas que estão se tornando muito acolhedoras. Tudo isso gera emprego, gera renda, gera arrecadação de tributos. É importante tudo isso, e o nosso estado ainda está em uma tendência de crescimento, o que pode trazer ainda mais desenvolvimento.

■ *Essa interiorização do turismo e do comércio ajuda a tornar a Paraíba mais competitiva e atrativa para a instalação de grandes empresas?*

Sim, impacta diretamente, porque gera emprego, renda e torna o estado um local seguro para o comércio e a indústria. É bastante interessante para nós, que fazemos o comércio da Paraíba, ter um governo que transmite segurança na área fiscal, na busca de dotar a Paraíba com mais infraestrutura... Toda vez que o governo prepara ainda mais a Paraíba, no que tange à infraestrutura, pode ter certeza, o comércio chega forte. Chega forte não só nas vendas, mas chega forte em tudo, em busca do crescimento econômico.

■ *Podemos afirmar, então, que o comércio está em um período positivo?*

Sim, podemos dizer que estamos num período positivo para o comércio, para os serviços, para o turismo. Estamos em um período que deveria ser de baixa estação, mas, neste ano, não tivemos isso. Pelo contrário, foi alta estação o ano inteiro. O que nós precisamos é de mais hotéis e, nesse ponto, precisamos lembrar do Polo Cabo Branco, onde o Governo do Estado tem investido muito forte. Depois de pronto, esse projeto vai duplicar o número de leitos, com a chegada dos *resorts*.

> **"Estamos em um período que deveria ser de baixa estação, mas, neste ano, não tivemos isso. Pelo contrário, foi alta estação o ano inteiro**

■ *Além do turismo, o comércio no entorno do Polo Cabo Branco tende a se desenvolver também?*

João Pessoa cresce para a Zona Sul. Nós mesmos — o sistema Fecomércio, Sesc (Serviço Social do Comércio) e Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) — estamos terminando agora, já em fase de conclusão, uma escola do Senac, que vai tratar de tecnologia e de inovação para aquela região do Valentina Figueiredo e de Mangabeira, por exemplo, para capacitar os moradores desses bairros próximos, especialmente os jovens. Na escola, teremos cursos em várias áreas, como tecnologia da informação e gastronomia, porque a região está crescendo muito e precisamos qualificar a população para receber o público que estará nos *resorts* que citei antes. Estamos chegando para que, principalmente, os jovens sejam preparados e, como nas grandes cidades brasileiras, possam trabalhar perto de onde moram; possam viver bem na sua região. É uma região espetacular, cheia de supermercados, comércio bem desenvolvido, escolas e farmácias...Por isso, precisamos estar perto deles, para que nossas instituições possam treinar e capacitar a população para receber esses grandes empreendimentos que estão chegando.

■ *Entre esses empreendimentos, podemos incluir as grandes empresas atacadistas?*

Com certeza. O Governo do Estado tem estimulado a vinda de grandes empresas atacadistas para o estado, que atendem não só a Paraíba, mas atendem também outros estados do Nordeste. A localização da Paraíba é um privilégio, porque é a parte central do Nordeste. Isso facilita muito. E a Paraíba já está pronta para receber ainda mais empresas desse segmento, tanto do ponto de vista fiscal, quanto facilidades de instalação. E cada empresa dessa gera 200, 300 empregos. Dez empresas dessas, geram três mil empregos; é isso que a nossa Paraíba precisa. Por outro lado, a juventude, que estamos qualificando, está chegando ao mercado de trabalho, e esse mercado precisa estar ativo para recebê-la. Quer dizer, o governo estimula a vinda de empresas, elas geram emprego, geram renda, geram tributos e geram crescimento e desenvolvimento econômico e social para o nosso Estado, ao passo que capacitamos a mão de obra para entender o mercado de trabalho e suas especificidades. Isso torna a Paraíba competitiva e, ao mesmo tempo, um dos melhores lugares para se morar.

■ *O senhor citou o crescimento do comércio na Zona Sul de João Pessoa. Em compensação, o Centro da cidade tem sofrido com a migração dos empreendimentos para os bairros mais próximos da orla. Como a Fecomércio tem atuado para reverter essa situação?*

O Centro da nossa capital é uma das regiões mais importantes da cidade; tem a história do nascimento e do desenvolvimento do nosso estado e da nossa capital. O Governo da Paraíba e a Prefeitura Municipal têm feito um trabalho bastante elegante no sentido de estimular e promover a revitalização do Centro. O que nós também apoiamos e estamos colaborando. Tanto o Governo da Paraíba quanto a Prefeitura Municipal já deram estímulos à vinda de pequenas empresas de serviço para o Centro comercial, com redução de impostos e incentivos fiscais, e muitas empresas já estão vindo. Sabemos que há certas dificuldades, mas nós estamos em contato toda hora com o Iphaep (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba) e o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), tentando facilitar a vinda dessas empresas. Nós temos esperança de que vamos conseguir revitalizar o Centro. Inclusive, boa parte da população está esperando a revitalização do Centro para que possa trabalhar e morar no bairro também.

■ *A estrutura do Centro comporta a retomada da demanda comercial?*

O Centro já tem uma estrutura pronta. Já é preparado, porque já comportou tudo o que a orla está recebendo agora. A parte de água, esgoto, iluminação, já tem tudo isso. Então, a revitalização é um processo mais fácil. E a gente já consegue ver que muita gente também tem percebido isso. Muitas ruas que estavam abandonadas estão recebendo diversas lojas comerciais. Isso é muito bom. Os primeiros passos foram dados, o Poder Público está estimulando a vinda de empresas e aquisições. Então, vamos agora, todos, população e a área empresarial também, ajudar nessa revitalização do Centro de João Pessoa, que é muito rico em história e em cultura, e um espaço pronto para ser movimentado.

■ *Os ambulantes ainda são vistos como concorrentes desleais aos comerciantes locais e "poluidores" visuais da cidade. Como o senhor enxerga esse grupo?*

É preciso, sim, encontrar uma solução para eles, mas, antes de tudo, é preciso lembrar que eles têm famílias e que, assim como os comerciantes, precisam de espaço para vender seus produtos. Eu conheço a história do ambulante. Então, por isso, eu posso dizer que essa situação precisa ser pensada com calma, verificando um local que tenha muito trânsito de pessoas, não de carro. Não adianta levá-los para a estrada de Cabedelo, que é um local para quem tem carro. Os ambulantes precisam faturar todo dia, diferentemente das lojas, que estão preparadas para o apurado mensal. Eles não, eles precisam de faturamento diário, para conseguir comprar novos produtos e vender no dia seguinte. Por isso, precisam estar em locais com muito trânsito de pessoas. Mas eu lhe digo: há possibilidade de convivência entre a loja e o vendedor ambulante. Agora, precisamos da fiscalização para não deixar crescer demais, porque vai atrapalhar o comércio, onde também há 100, 200 famílias trabalhando pelo seu sustento. Então, repito: há possibilidade de boa convivência entre comerciantes e ambulantes, mas tudo tem que ser feito com muita calma, com acompanhamento, padronização das barracas, limpeza urbana e fiscalização do Poder Público.

> **"O Governo da Paraíba e a Prefeitura Municipal têm feito um trabalho bastante elegante no sentido de estimular e promover a revitalização do Centro**

■ *Estamos prestes a eleger ou reeleger os gestores municipais. Qual a demanda da área para esses próximos políticos?*

Não há uma demanda específica, mas algo bem amplo. Torcemos para que os eleitos sejam pessoas preocupadas em trazer melhorias para nossas cidades, desde as pequenininhas até as maiores, como João Pessoa, Campina Grande, Patos, Souza, Cajazeiras e Guarabira. Que tenham a vontade de trazer crescimento, desenvolvimento, que invistam em educação e saúde para o nosso povo. É isso que nós esperamos. Quanto mais estruturado o município, mais forte é a atuação do empresário, oferecendo vagas de emprego, renda, crescimento e desenvolvimento local. Esperamos poder trabalhar em parceria com o Poder Público sempre, no sentido de, juntos, fortalecermos todos os aspectos das cidades, seja econômico ou socialmente.

ADOÇÃO TARDIA

Idade não deve determinar vínculos

No estado, metade das crianças adotadas em 2024 tinha até dois anos; busca por bebês ainda é o mais comum

Emerson da Cunha
emersoncsousa@gmail.com

Foto: Arquivo pessoal



A maioria opta por bebês, talvez por pensar que crianças mais velhas vêm com a personalidade já formada

Adhailton Lacet

Fotos: Arquivo pessoal



Em 2021, depois de muita procura, a família de Simone e Carlos ganhou três novos membros: Gabriel, Alessandro e Manoel

Em outubro de 2021, a família do casal Simone Aciole e Carlos Marinho, de Campina Grande, cresceu com a entrada de mais três novos membros: Gabriel, Alessandro e Manoel, respectivamente com três, seis e sete anos de idade, à época. Depois de dois anos de procura, o casal conseguiu adotar um grupo de três irmãos — algo fora da curva em relação às adoções, que geralmente focam em bebês e crianças de até dois anos. "Entendemos que todas as crianças podem se tornar filhos, independentemente da sua idade. Não nos prendemos à ideia de que não seria possível viver com os nossos filhos, pelo fato de não serem mais bebês, e dissemos 'sim' a tudo o que poderíamos construir e viver juntos, a partir do nosso encontro", considera Simone.

Segundo informações do Setor de Adoção da 1ª Vara de Infância e Juventude de João Pessoa, metade das 32 crianças adotadas neste ano, na Paraíba, tinha até dois anos de idade. Além delas, foram adotadas três crianças de dois a quatro anos; seis de quatro a seis; quatro de seis a oito anos; uma de oito a 10; uma de 10 a 12; e uma de 14 a 16 anos. Atualmente, a Paraíba dispõe de 84 crianças e adolescentes para a adoção, sendo que 37 já estão vinculados a pretendentes. No contexto brasileiro, em 2024, de 3.020 crianças e adolescentes adotados, 1.343 tinham até dois anos de idade — quase a metade do número total.

Em 2023, por sua vez, 40% das 71 crianças adotadas na Paraíba tinham até dois anos. As demais idades ficaram assim: sete crianças de dois a quatro anos; 10 de quatro a seis; 10 de seis a oito; três de oito a 10 anos; sete de 10 a 12 anos; quatro de 12 a 14 anos; e duas de 14 a 16 anos. No Brasil, nesse mesmo ano, 2.398 crianças de até dois anos foram adotadas, dentro de um conjunto de 5.339 adoções realizadas em 2023 — cerca de 44% do total.

De acordo com o juiz da 1ª Vara da Infância e Juventude de João Pessoa, Adhailton Lacet, a maioria das pessoas quer adotar crianças mais jovens por acreditar que elas dão menos trabalho e são mais fáceis de fortalecer os vínculos de afinidade, sem a necessidade de reconstruir a história de sofrimento e de violações de direitos por que passaram. "Já que o cadastro dá oportunidade de traçar o perfil, a maioria opta por bebês, talvez por pensar que crianças mais velhas vêm com a personalidade já formada e carregam as angústias e as dores dos lares anteriores.

Atualmente, a Paraíba dispõe de 84 crianças e adolescentes para a adoção, sendo que 37 já estão vinculados a pretendentes

O perfil procurado pela maioria das pessoas é bebê de zero até dois anos, do sexo feminino e da pele clara", explica.

Para Simone e Carlos, isso não foi um problema. Segundo ela, como adotantes, ambos entendiam que os filhos não eram uma página em branco e carregavam uma história que precisava ser respeitada. "Sabíamos disso. Quando conhecemos a história deles, nós a abraçamos, pois ela faz parte da vida deles. Mas eles não se resumem a ela. Entendemos que estamos aqui exatamente para ajudá-los a ressignificar a sua história e construir um novo caminho. Precisamos abraçar esse passado com eles, para ajudá-los a seguir adiante. Não temos o poder de curar todas as feridas. Mas, como pais, temos a missão de ajudá-los a sentir menos dor", defende Simone.

Construção de novos caminhos demanda afeto e compreensão

A adoção de um grupo de três irmãos também é algo incomum entre os adotantes paraibanos. No caso de Gabriel, Alessandro e Manoel — que estavam cadastrados no Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA) —, o casal Simone e Carlos precisou fazer o que é chamado de "busca ativa", que significa procurar crianças e adolescentes que não tivessem pretendentes para o seu perfil, ou seja, com poucas chances de adoção. Em situações assim, a busca pode ser feita em nível nacional.

Das 32 adoções efetivadas na Paraíba, neste ano, apenas duas incluem três irmãos ou mais, contra 15 adoções sem irmãos e 15 com um irmão. Inicialmente, o casal havia pensado em adotar duas crianças — ou seja, já havia o desejo de adotar irmãos. "Mas, depois de muita reflexão, um ano depois de darmos entrada no processo de habilitação, solicitamos a alteração do perfil, ampliando o grupo de irmãos e a faixa etária. Uma semana depois, fomos chamados e informados sobre os nossos filhos", relembra Simone.

Segundo o casal, houve as dificuldades de adaptação esperadas, como em qualquer adoção. No entanto, essas questões não tiveram relação com a idade das crianças, e sim com a mudança da composição familiar, que passou de um casal para um grupo de cinco pessoas. "Os desafios que surgiram eram previstos, como dificuldades escolares do nosso filho mais velho e regressões de comportamento — quando as crianças se comportam como se tivessem menos idade, como se fossem bebês. Mas sabíamos que isso poderia acontecer, por se tratar de um mecanismo psicológico deles, para se sentirem pertencentes. Nada que dedicação, amor e paciência não resolvessem. Eles se entregaram muito rápido ao amor de pertencer a uma família! É um processo intenso!", diz ela.

Vara incentiva prática

A chamada adoção tardia, justamente por ser mais incomum entre os pretendentes, precisa ser incentivada. Todo dia 25 de maio, Dia Nacional da Adoção, a 1ª Vara de Infância e Adolescência realiza ações e projetos para informar e conscientizar as pessoas sobre a possibilidade de adoção de crianças mais velhas. "Nós juntamos as crianças dos acolhimentos com pessoas pretendentes à adoção para fazer essa aproximação e para mostrar que existem pessoas que adotam crianças mais velhas e se dão muito bem com essa escolha. Então, na vara, há sempre esse tipo de evento para estimular a adoção tardia", coloca Lacet.

Atualmente, a capital paraibana está com a lista de adoção zerada, segundo Lacet. As crianças que se encontram nos abrigos da capital já estão em estágio de convivência com os adotantes. "Hoje, se alguém der à luz a uma criança e disser que quer entregá-la para a adoção, a maternidade entra em contato com a Vara da Infância e Juventude, a nossa equipe técnica recebe aquele bebê e o encaminha imediatamente para o casal que está na fila do SNA. As que aparecem são imediatamente encaminhadas para as pessoas previamente habilitadas", explica o juiz.

Fechar a conta

De acordo com a Andi – Comunicação e Direitos, há, no Brasil mais de 35 mil pretendentes à adoção, categorizados por estado civil: casado (73%), união estável (14%), solteiro (9%) e divorciado (3%). Do total, apenas 2% aceitam a adoção tardia, segundo dados atualizados da plataforma SNA.

De um lado, há quase 4,5 mil crianças e adolescentes aguardando uma família para chamar de sua; do outro, milhares de pessoas que desejam viver a parentalidade. A conta não fecha. Apesar de a adoção tardia ter crescido 9,3%, entre 2022 e 2023, crianças com mais de 10 anos ainda representam 60% das disponíveis para adoção.



"Eles se entregaram muito rápido ao amor de pertencer a uma família!", celebrou Simone

Para mais informações, acesse o SNA por este *QR Code*

Saiba Mais

Conceitos do processo de adoção:

Acolhidos(as): são crianças e adolescentes que sofreram algum tipo de violação de direitos ou violência dentro do lar e, momentaneamente, são encaminhadas a um abrigo, até que se resolva a situação que motivou o afastamento.

Crianças e adolescentes disponibilizados: são aqueles cujos pais estão destituídos do poder familiar e que aguardam a possibilidade de serem colocadas em uma família substituta.

Busca ativa: é quando uma criança ou adolescente tem poucas ou remotas possibilidades de adoção, seja por ter uma patologia mais acentuada ou uma doença incurável, seja por estar em um grupo de irmãos. Nesse caso, a equipe técnica faz a busca ativa de pretendentes em todo o território nacional, para encontrar alguém disposto a adotar.

Instituições de acolhimento ou abrigos: são casas que comportam até 20 crianças, cuidadas por equipes multidisciplinares compostas por coordenadores, psicólogos, assistentes sociais, cuidadores, vigias e cozinheiros.

Famílias acolhedoras: são residências comuns, em que as pessoas são capacitadas para receber crianças por até 18 meses.

CELULAR NA ESCOLA

Proibir é benéfico para a educação?

Como integrar a tecnologia digital na aprendizagem e, ao mesmo tempo, minimizar o seu potencial distrativo

Emerson da Cunha
emersoncsousa@gmail.com

Maria Beatriz Oliveira
obeatriz394@gmail.com



“Uso do celular ficou em completo descontrole. Há alunos que se tornam agressivos, quando têm o seu aparelho recolhido

Joventina Fernandes



Fotos: Julio Cezar Peres

Para Larissa Piano, mãe de Gabriel, de 14 anos, proibição é um dos fatores que a fazem valorizar a escola do adolescente

Não é novidade que o Brasil é, hoje, um dos países que passa mais tempo utilizando telas, em todo o mundo. Em média, o brasileiro passa nove horas do seu dia dividido entre *smartphones*, computadores, *tablets* e outros dispositivos eletrônicos. E, no caso de crianças e adolescentes, a tendência se repete. O Comitê Gestor da Internet no Brasil, em pesquisa realizada em 2022, mostrou que 92% dos indivíduos com idade entre nove e 17 anos já são usuários regulares de internet, sendo o celular o principal dispositivo de acesso. Talvez seja por isso que pais e educadores têm buscado tornar a educação, novamente, um espaço livre de telas, mobilizando-se para utilizar material didático impresso e promover exercícios off-line.

Joventina Fernandes é gestora da Escola Cidadã Integral Félix Araújo, em Campina Grande, e conta que, antes do isolamento social causado pela pandemia de Covid-19, os professores vinham utilizando os dispositivos eletrônicos em sala de aula como forma de integrar a tecnologia ao aprendizado. “Nós fazíamos atividades com o celular, pesquisas e jogos, mas percebemos que, ao retornamos, o uso do celular ficou em completo descontrole. Temos alunos que, quando têm o seu aparelho recolhido, tornam-se agressivos. É como uma verdadeira dependência. Então, tivemos de proibir totalmente o uso dos celulares, de novo”, conta.

Ela revela ainda que os pais concordam com a proibição na escola, mas encontram dificuldades em conscientizar os filhos quanto aos malefícios do uso exagerado desses dispositivos. “É difícil, para os pais, ter esse controle. Muitos trabalham o dia todo e não têm como fiscalizar o que os filhos estão fazendo na internet nem quanto tempo estão passando on-line. É uma situação complexa de ser resolvida”, diz.

Ensino e perspectiva

A nova geração é a primeira a nascer em um mundo integralmente digital. Por essa razão, ainda é cedo para apontar quais são os efeitos, em longo prazo, de uma infância e uma adolescência imersas nas plataformas on-line e nos dispositivos eletrônicos. O que os educadores já conseguem perceber é a dificuldade de atenção que muitos alunos apresentam em sala de aula. A pedagoga Mariana Eugênia, que trabalha com crianças em fase de alfabetização, relata que as crianças têm dificuldades de executar tarefas que exigem mais concentração.

“O excesso do uso também prejudica o desenvolvimento global da criança. A fala, a memória, a escrita e, inclusive, a questão motora. Alunos menores, que são apresentados ao celular muito cedo, ficam com o movimento de pinça, que a gente chama de praxia fina, prejudicado. Não conseguem ter esse movimento para segurar o lápis, por exemplo, porque só sabem fazer o movimento de deslize característico das telas”, detalha a pedagoga.

Com a migração cada vez maior para o mundo digital, os pais se mostram aliviados ao saber que, pelo menos, na escola, os filhos terão algum tempo longe das telas. Para Larissa Piano, mãe de Gabriel, de 14 anos, a proibição dos celulares é um dos fatores que a fazem valorizar a escola particular onde o adolescente estuda. “Nas salas de aula, há bolsões enumerados, em que cada aluno tem um número para guardar o seu celular durante a aula. No intervalo, é permitido, mas, ao entrar na sala, tem que deixar o celular no bolsão. Eu acho isso ótimo, porque é um mecanismo que inibe esse comportamento vicioso”, relata Larissa.

Segundo a mãe, a mudança de humor e de concentração é totalmente perceptível quando Gabriel está com o celular no momento de estudo. “Temos que dar o celular por necessidade de comunicação e também porque não acho certo isolar o adolescente da vida social, sempre buscando ensiná-lo a usar o aparelho com sabedoria. No entanto, percebo que, com o celular, ele não tem a atenção necessária para assistir a um filme ou para ler um livro, por exemplo”, acrescenta.

Além da atuação da escola, Larissa também busca preencher o tempo do filho com atividades que não precisem do celular. “Ele começou a praticar basquete, durante a pandemia, já como uma forma de diminuir o uso do celular, pois, com o isolamento, o celular era tudo o que ele tinha para se distrair. E aí, com a prática do esporte, ele fica três ou quatro horas sem se lembrar de que o celular existe”, comemora.

Protocolos de uso são construídos em colaboração com os pais

Foi por meio dos professores que os primeiros sinais do prejuízo que causa o uso excessivo de aparelhos celulares no aprendizado chegaram à direção da Escola Municipal de Ensino Fundamental Leônidas Santiago, no Bairro do Cristo Redentor, em João Pessoa. Em reuniões de planejamento pedagógico, os docentes do 5º ao 9º anos do Ensino Fundamental levaram reclamações sobre como o celular atrapalhava a concentração nas aulas, a participação em atividades e a interação dos alunos entre si.

Foi então que, a partir de abril deste ano, o colégio adotou um protocolo de uso dos aparelhos: os celulares são recolhidos após a entrada de todos os alunos na sala, ficam guardados em pastas específicas, na sala da direção, e são entregues apenas quando os estudantes são liberados das aulas. No entanto, a decisão e o formato do protocolo não foram definidos de uma hora para outra.

A medida foi tomada depois de muita conversa da direção com a equipe pedagógica e com os professores, segundo explica a gestora pedagógica da escola, Aline Barbosa. “Após a decisão, a direção realizou uma reunião com os pais dos alunos para discutir a situação e ouvir a opinião deles em relação ao recolhimento dos aparelhos. A aceitação foi unânime. A Secretaria de Educação foi informada da decisão e nos deu total autonomia, pois entendeu que beneficiaria a aprendizagem e os resultados obtidos pela escola”, explica Barbosa.

De fato, o município de João Pessoa não tem legislação específica sobre o assunto, mas a Secretaria de Educação e Cultura do Município de João Pessoa tem algumas recomendações, como o uso pedagógico dos aparelhos como recurso didático. “O uso indevido, que distrai o estudante durante a aula, é o ponto crucial da discussão. Para ajudar os educadores, dispomos de um conjunto de estudos educacionais, no âmbito da psicologia e da neurociência, que nos fornecem argumentos e esclarecimentos sobre o uso excessivo de telas e as suas consequências para as capacidades cognitiva e emocional dos estudantes, inclusive as crianças”, acrescenta a diretora de Ensino, Gestão e Escola de Formação da secretaria, Clévia Carvalho.

Neuroplasticidade

Também foi a partir do olhar dos docentes que uma escola particular de João Pessoa, o Instituto Pessoense de Educação Integrada (Ipei), precisou ajustar o uso dos celulares. Nesse caso, os professores foram percebendo uma queda progressiva no rendimento dos alunos e a intensificação de um comportamento distraído nas aulas — e viram que isso estaria associado ao uso excessivo de celular, dentro e fora da escola.

“A primeira medida foi estudar, a partir da neurociência, o que era fato e o que era *fake*. Então, confirmamos que a prática realmente prejudica a neuroplasticidade mental. A segunda foi levar psicólogos para orientar os professores. Depois disso, fomos até as famílias para discutir o caso e dizer que a mudança não se daria de uma hora para a outra, mas de forma didática”, relata Amélia Nóbrega, gestora pedagógica do colégio. A aproximação com os alunos foi feita a partir da inserção do tema nas disciplinas, em conversas nas assembleias coletivas e nas reuniões com os representantes de turma.

Nas palavras da gestora, a transição aconteceu como um desmame, de forma gradual e educativa. No início do ano, foi proibido o uso de celular tanto na sala de aula como no primeiro dos dois intervalos do colégio. Assim se seguiu até abril, quando o uso também foi proibido no segundo intervalo, deixando apenas a opção do uso do celular ao fim das aulas. “Agora a gente está na fase de não ter mais de jeito nenhum. Se alguém estiver doente, procura a secretaria da escola, que a gente entra em contato com as famílias. Se alguém estiver precisando de um motorista de aplicativo, a gente pede na escola”, explica.

Para Lara Rique, aluna e representante do 9º ano do Ipei, a retirada do celular permitiu novos comportamentos. “Percebi que, no recreio, a gente já não fica distraída com o celular. Consegue conversar, interagir e descansar a mente depois das aulas. A gente volta para a sala com a cabeça mais descansada e disposta a aprender. Ajuda muito na concentração, porque diminui a ansiedade. Além disso, já que conversamos com todos os amigos, durante o recreio, não ficamos conversando tanto na sala de aula”, observa a estudante.



“Bolsão” para guardar o aparelho durante as aulas é uma das alternativas encontradas

Saiba Mais

O uso excessivo do celular e os problemas que ele pode causar:

- **Distração:** prejudica a capacidade de se concentrar, reter informações e processar tarefas complexas.
- **Redução da memorização ativa:** impacta a memória de longo prazo, o que compromete o desempenho acadêmico.
- **Isolamento social:** diminui as interações pessoais entre os alunos.
- **Saúde mental:** aumenta a ansiedade, a depressão e a falta de sono; promove sobrecarga emocional.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Instituições celebram aliados digitais

Inovações tecnológicas têm trazido benefícios para serviços públicos e iniciativas científicas na Paraíba

Marcella Alencar
marcella.t.alencar@gmail.com

Discussões em torno do uso indevido da inteligência artificial (IA) têm tomado conta dos noticiários e das redes sociais, em meio a alertas sobre os cuidados diante do avanço dessa tecnologia. Problemas como a produção de áudios e vídeos falsos (conhecidos como *deepfakes*) e os processamentos impróprios de dados pessoais vêm dando a tônica desse tipo de debate.

Mas, por outro lado, é possível visualizar vários exemplos positivos de exploração da IA em ferramentas construídas e implementadas na Paraíba. O estado, a propósito, é conhecido por sua capacidade de inovação no segmento tecnológico, e instituições públicas paraibanas já adotam recursos de IA para otimizar serviços e processos, assim como impulsionar projetos científicos que aprimorem a qualidade de vida da população.

Tales Nobre, aluno de Ciência de Dados e Inteligência Artificial na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), reconhece que o estigma negativo em torno da IA é alimentado por casos reais e filmes sobre o mau uso das tecnologias. "Mas, assim como qualquer ferramenta, ela pode ser muito positiva, a depender da forma que se usa", ressalta o estudante, que é também vice-presidente da Tail, considerada a primeira liga acadêmica de IA do estado e voltada à aplicação de novas ideias em setores como Ciência de Dados e Estatística.

A criação de tecnologias em prol do bem coletivo faz parte do cotidiano da Tail. No cenário local, a equipe já desenvolveu um projeto baseado em IA para auxiliar a atuação do Corpo de Bombeiros.

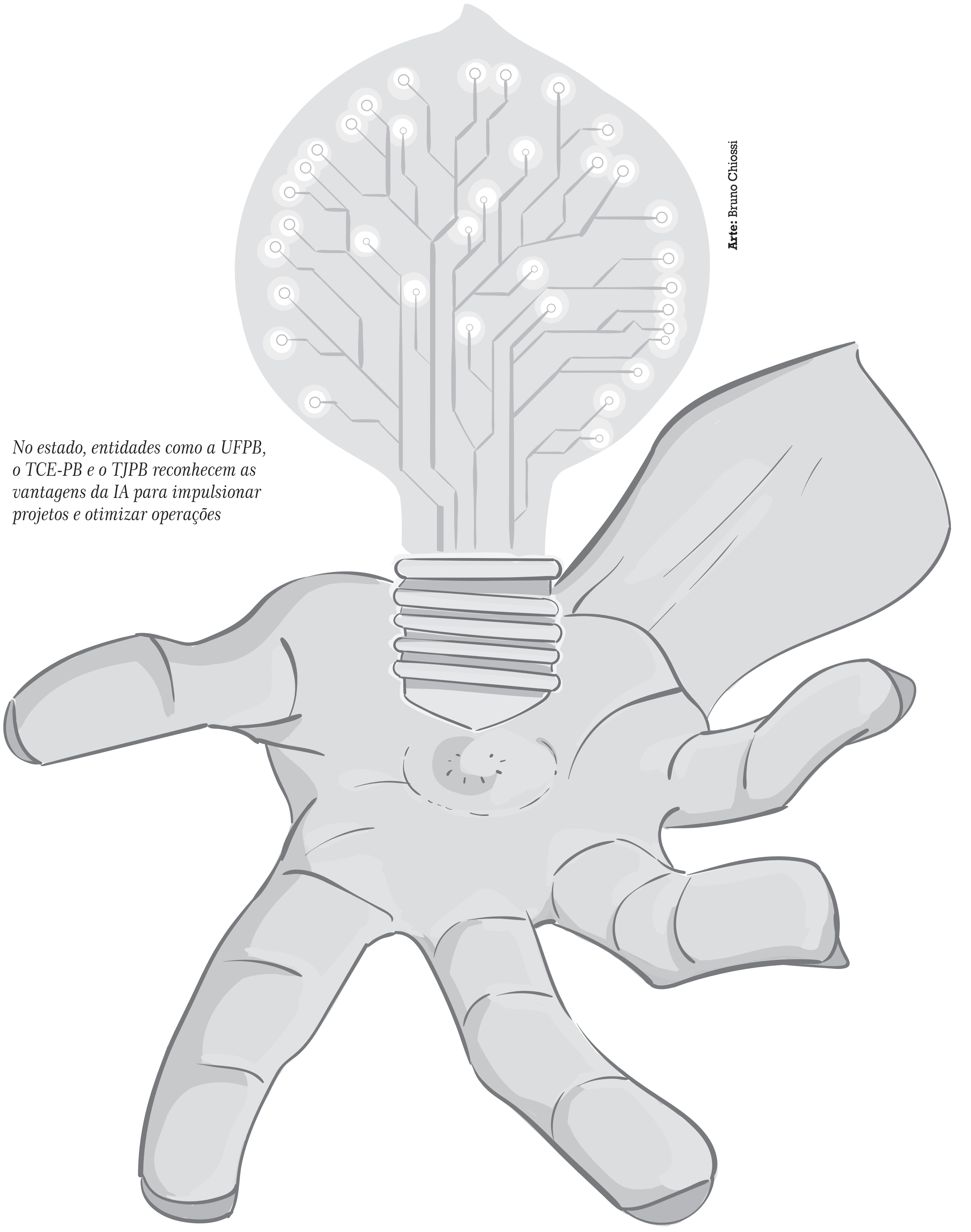
> **Assim como qualquer ferramenta, a inteligência artificial pode ser muito positiva, a depender da forma como é utilizada**
>
> Tales Nobre

"Nossa função era ler as plantas de construções e checar se havia extintores e saídas de emergência, bem como checar se estavam no local adequado", explica Tales.

Em âmbito nacional, a liga teve a oportunidade de construir outro mecanismo importante — utilizado, inclusive, nos Jogos Paralímpicos de Paris —, para ajudar a preparação da equipe de golbol do Brasil, composta por atletas com deficiência visual. "Usamos a tecnologia de visão computacional para auxiliar os treinos da Seleção Brasileira paralímpica", revela o estudante, referindo-se ao sistema de redes neurais artificiais que permite às máquinas terem uma visão similar à humana, tornando-as capazes de reconhecer e de descrever imagens com alguma precisão e eficiência.

Diagnóstico

Para além da atuação da Tail, a UFPB tem fomentado outras iniciativas que evidenciam o potencial positivo da IA. Neste mês, por exemplo, a universidade anunciou um investimento de R$ 5 milhões da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), para o desenvolvimento de uma ferramenta voltada à detecção precoce de doenças. Segundo a instituição, a nova tecnologia deverá se tornar capaz de diagnosticar possíveis transtornos neurodegenerativos por meio da voz do paciente, entre outros fatores a serem mapeados em tempo real — incluindo funcionamento cerebral e desempenho motor. O Centro de Ciências da Saúde da UFPB espera que a IA possibilite, de maneira não invasiva, o monitoramento contínuo dessas condições mentais.



No estado, entidades como a UFPB, o TCE-PB e o TJPB reconhecem as vantagens da IA para impulsionar projetos e otimizar operações

Arte: Bruno Chiossi

Tribunais registram ganhos em eficiência

Não é só a UFPB que reconhece as vantagens da aplicação responsável de tecnologias inovadoras. Outras entidades do estado vêm celebrando os benefícios da adoção da IA em suas operações.

Turmalina é o nome da ferramenta de IA desenvolvida pela parceria entre o Tribunal de Contas da Paraíba (TCE-PB) e o Laboratório de Sistemas de Informação da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). A importância desse sistema se deve à sua capacidade de aprimorar a eficiência dos processos de fiscalização e de controle interno do TCE-PB, permitindo que o órgão colete, mais rapidamente, dados digitais de seu interesse, além de filtrar aqueles que não lhes são úteis.

Assim, o tribunal consegue monitorar automaticamente os portais de transparência dos municípios paraibanos e verificar, em um intervalo de até 48 horas, se as informações exigidas pela Lei de Responsabilidade Fiscal estão disponíveis nesses ambientes. Conforme André Agra, auditor fiscal e coordenador do Espaço de Cidadania Digital do TCE-PB, a IA garante mais celeridade às análises de prestações de contas feitas pelo órgão. "A gente faz a auditoria dos portais de transparência uma vez por ano. Agora, nós temos a conversão automatizada dos dados, o que nos permitiu fazer, por exemplo, a análise dos 223 municípios [da Paraíba] em um dia", detalha André.

Ele também explica que a Turmalina oferece a geração automatizada de relatórios, que precisam apenas de organização e validação humanas. "É como se o auditor virasse, digamos, um 'híbrido'. Ou seja, alguém que usa seu próprio cérebro para trabalhar com auxílio artificial", define. Para André, o mecanismo acelera a capacidade produtiva dos profissionais do TCE-PB. "A maior finalidade não é o tribunal virar uma supermáquina tecnológica; é a gestão pública se tornar mais capaz de gerar resultados que criem um ambiente de prosperidade sustentável no estado", conclui.

Sebastiana

Já no Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), a novidade em IA se chama Sebastiana. Desenvolvida pela Diretoria de Tecnologia da Informação (TI) do órgão, ela "auxilia magistrados e assessores na predição de movimentações processuais, aumentando a precisão e a eficiência dos processos", como afirma o responsável pela área, Ney Pereira. Isso resulta, segundo ele, em uma economia significativa de tempo e recursos, além de melhorar a qualidade dos dados processuais.

Assim, na avaliação de Ney, Sebastiana também beneficia indiretamente a população, pois a maior eficiência e a maior precisão na gestão dos processos judiciais possibilitam uma prestação jurisdicional mais rápida e eficaz.

Plano federal

De sua parte, o Governo Federal lançou, em agosto, o Plano Brasileiro de Inteligência Artificial (PBIA). A iniciativa, considerada importante para o desenvolvimento tecnológico do Brasil, prevê um investimento de R$ 23 bilhões ao longo de quatro anos, visando otimizar serviços públicos e fomentar a inclusão social, com a criação de um supercomputador para processar grandes volumes de dados, além de desenvolver algoritmos avançados de IA.

Foto: Arquivo pessoal



> **É como se o auditor virasse um 'híbrido'. Ou seja, alguém que usa seu próprio cérebro para trabalhar com auxílio artificial**
>
> André Agra

Conceito é investigado desde a década de 1940

O conceito de inteligência artificial surgiu entre os anos 1940 e 1950, como informam Stuart Russell e Peter Norvig no livro "Inteligência Artificial". O primeiro trabalho reconhecido como IA foi realizado em 1943, por McCulloch e Pitts, com base em três fontes: conhecimento de fisiologia básica e da função de neurônios no cérebro; análise formal da lógica proposicional; e a teoria da computação criada por Alan Turing.

Conhecido como o "pai da informática", Turing foi um dos primeiros cientistas a considerar que máquinas poderiam se tornar capazes de realizar tarefas intelectuais similares às dos humanos. Ele criou o Teste de Turing, que questiona se computadores poderiam pensar e ser considerados inteligentes, oferecendo respostas indistinguíveis das de outras pessoas. Essa ideia ecoa hoje em dia, por exemplo, no desenvolvimento do ChatGPT, que gera textos complexos em interações com usuários de todo o mundo na internet.

De fato, os recentes avanços em IA têm produzido soluções cada vez mais semelhantes a processos humanos. No entanto, a capacidade de criar e dar sentido ainda pertence às pessoas, e, como demonstram os exemplos nesta reportagem, cabe à humanidade fornecer significados profícuos à utilização dessas inovações.

> "Pai da informática", Alan Turing já refletia sobre a capacidade de máquinas realizarem tarefas intelectuais como humanos

MONTADAS

Da Pré-História às telas de cinema

No Agreste paraibano, cidade onde foram encontrados fósseis de animais gigantes inspira documentário

Emerson da Cunha
emersoncsousa@gmail.com

Em Montadas, município do Agreste paraibano, tudo começou com a presença de animais gigantes. Ou, pelo menos, esse é o ponto mais antigo a que chegam os registros sobre a vida no local. Em 2018, pesquisadores do Laboratório de Animais Vertebrados e Paleontologia do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba (Lavep/CCA/UFPB) descobriram, no território da cidade, fósseis de preguiças-gigantes (ou preguiças-terrícolas). Os vestígios pré-históricos foram encontrados entre escavações e resgates de materiais fósseis na região conhecida como Lagoa Salgada, que também abrange os municípios de Areial e Pocinhos.

De acordo com o professor David Oliveira, que coordenou a expedição, esses animais teriam vivido cerca de 1,8 milhão de anos, durante o Período Pleistoceno, e se extinguiram há aproximadamente 11 mil anos. "Algumas espécies podiam alcançar até 5 m de altura e pesar até quatro toneladas", explica o pesquisador, em publicação no *site* da UFPB, ressaltando que estudos desse tipo são importantes para "conhecer a fauna de mamíferos gigantes que existiam na região".

Ainda em 2009, antes mesmo da descoberta desses fósseis, já haviam sido encontrados, nos arredores de Lagoa Salgada, amostras de cerâmica indígena, fortalecendo a tese de que a área também foi habitada por antigas comunidades humanas. O achado foi feito por uma equipe de paleontólogos, arqueólogos, biólogos e historiadores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Mas, apesar dessa longa história, Montadas só viria a nascer ali, como município politicamente emancipado, no dia 14 de outubro de 1963, desmembrando-se, depois de muitas disputas territoriais, da cidade de Esperança. Foi com a emancipação, inclusive, que "Montada", até então nomeada no singular, foi rebatizada para o plural. De acordo com o prefeito da cidade, Jonas de Souza, a origem do nome remeteria à passagem de vaqueiros pela região, onde havia uma mata densa. "Na época, aqui era muito fechado, e os mais velhos contam que, quando os vaqueiros passavam com o gado, ele ficava amoitado; daí veio 'moitada' e, depois, 'montada'", conta o gestor.

A pouco menos de um mês para a festa de aniversário de 61 anos do município, o prefeito montadense explica como a data costuma ser comemorada na cidade. "Nessa época, a gente faz um desfile com banda no dia 14 [de outubro] e, nos dias anteriores, sempre fazemos shows religiosos, tanto evangélicos como católicos", revela Jonas.

Entre outros eventos de destaque no calendário municipal, há ainda uma festa junina diferente. "Ficamos a 25 km de Campina Grande. Estando próximas d'O Maior São João do Mundo, as cidades vizinhas também fazem São João, mas a gente, aqui, faz o Recordando o São João, no mês de julho", salienta o prefeito.





Fotos: Kleyton Freire/Colaboração

Situado a uma média de 750 m acima do mar, Montadas é considerado o quinto município com maior altitude da Paraíba, o que também o torna um dos mais frios do estado

Agropecuária

De acordo com o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Montadas possui 5.812 habitantes. Os montadenses da Zona Urbana trabalham, em especial, nos setores de comércio e de serviços. Já na Zona Rural, o foco é a produção agrícola familiar: estima-se que dois mil moradores vivam no campo como pequenos produtores de feijão, batata e mandioca, principalmente.

Figuras relevantes para a economia local, esses trabalhadores rurais têm sido incentivados pela gestão municipal, de acordo com o prefeito. "A gente tem uma parceria boa com sindicatos rurais, com o Banco do Nordeste, sempre com a preocupação de fortalecer a agricultura familiar. Se a gente não tiver essa visão de incentivar quem tem um papel importante, quem leva alimento para a nossa mesa no dia a dia, futuramente, nós vamos ter o recurso, mas não vamos ter a quem comprar. Estamos fazendo, como se diz, o papel do beija-flor, fazendo a nossa parte", afirma Jonas de Souza, acrescentando que, quanto à pecuária montadense, a prefeitura tem disponibilizado máquinas de silagem aos criadores, para garantir a alimentação dos animais durante os períodos de seca.

Altitude

Outra curiosidade sobre Montadas é que o município é considerado o quinto com maior altitude da Paraíba, situado a uma média de 750 m acima do mar — o que lhe confere um clima ameno, de baixas temperaturas, mesmo em pleno Semiárido paraibano. Segundo o advogado, diretor e produtor audiovisual Tony Veríssimo, alguns pontos da cidade se localizam a cerca de 800 m de altitude, rendendo-lhe uma alcunha especial.

"Recentemente, registrei 11,9 ºC aqui, à noite, em torno das 20h30. Era em uma zona mais aberta do município. Na Zona Urbana, estava mais próximo dos 15 ºC, mas a Zona Rural capta mais frio por causa do vento leste. A gente até chama aqui de 'A Cidade do Frio', há esse *slogan*. Por ser mais alta, a cidade acaba sendo, muitas vezes, mais fria do que Areia, Bananeiras e Solânea,", explica Tony.

Obra traça linha do tempo da ocupação e dos conflitos locais

Foi a partir da vontade de registrar e recontar fatos históricos locais que Tony Veríssimo escreveu e dirigiu o documentário "História de Montadas — Parte I". Lançado em maio deste ano, o filme elabora uma construção topográfica e geológica para abordar os primórdios da vida na região, não apenas antes da invasão dos colonizadores europeus, mas desde a existência da fauna pré-histórica.

"Preferi contar, com reconstituição de cena, que tipos de animais eram, como viviam, como acabaram sendo extintos, quando foram descobertos os fósseis e o que aconteceu depois. Na cinematografia paraibana, não conheço nenhuma [produção] do gênero com reconstituições do território paraibano antes de os europeus chegarem. A gente separou os povos indígenas e começou a demonstrar cartograficamente, por meio do audiovisual", destaca Tony, comemorando a recepção positiva do documentário.

"Foi muito elogiado pela crítica, principalmente pela imprensa, pois foi feito sem fomento público, sem recursos, com cara e coragem. E o trabalho que a gente entregou de reconstituição é inédito. Principalmente, porque ele não foca simplesmente em Montadas; conta parte da história da própria Paraíba", ressalta o cineasta, que pretende desenvolver uma trilogia a respeito do assunto.

Povoamento e disputas

"História de Montadas — Parte I" é dividido em cinco capítulos. O primeiro, "Lagoa Salgada", reconstitui imagens da Pré-História, com informações sobre como eram os animais gigantes que ali viviam e o que ocorreu com os fósseis encontrados. A segunda parte, "Colonização", retrata o período em que a região era habitada por indígenas e a posterior a chegada dos europeus, assim como as consequentes guerras e o povoamento do interior. A entrega de sesmarias da Coroa Portuguesa no atual território da cidade e a formação das estradas vicinais, que culminariam na ligação a Campina Grande, são temas do terceiro capítulo da produção.

Por falar na Rainha da Borborema, ela é destaque do capítulo seguinte, "Vila Nova da Rainha", focado na antiga disputa com Cariri de Fora (hoje, São João do Cariri) pelo *status* de município. Finalmente, a quinta e última parte do documentário, "Limites de Terras", narra a fragmentação de Vila Nova da Rainha — como Campina Grande passou a ser conhecida a partir de 1790 —, com o surgimento de territórios como Cabaceiras e Ingá, e os desdobramentos dos conflitos travados com Cariri de Fora por áreas que abrangiam, entre outras, a região que se tornaria a cidade de Montadas. Os relatos do filme seguem até a emancipação política montadense.

Conforme seu realizador, "História de Montadas — Parte I" foi motivado por dois fatores. O primeiro é buscar maior visibilidade ao pequeno município, que não dispõe do mesmo prestígio e do mesmo incentivo de grandes cidades, como João Pessoa e Campina Grande. O segundo é o resgate histórico que, ao mergulhar nas origens de Montadas, reconstitui como nasceu a própria Paraíba. "Um dos motivos de fazer um documentário sobre a cidade é resgatar a história da Paraíba, que está desconhecida. A gente vai contar a nossa, porque o foco é a história de Montadas, mas a gente conta a história, em muitos aspectos, de toda a região", defende Tony Veríssimo.

Gravação na pandemia

A obra começou a ser produzida ainda em 2019, mas foi prejudicada com a eclosão da Covid-19. A pandemia trouxe dificuldades para as gravações, já que havia o risco do contágio. "Minha preocupação foi recolher informações com o pessoal de mais idade, para que essas pessoas não morressem e a história se perdesse. Gravei muito com eles e, depois, fui para a parte em que sou *expert*: pesquisa teórica, elementos geográficos, dados estatísticos", relata Tony.

Além de planejar os outros dois filmes que completarão a trilogia sobre Montadas, registrando os principais fatos históricos da região até a contemporaneidade, o diretor tem mais dois projetos em mente: "1790", sobre a emancipação de Campina, e "Bodocongó", sobre o riacho que desemboca no açude homônimo da cidade.

Fotos: Antônio Veríssimo/Arquivo pessoal





Filme de Tony Veríssimo tem registrado boa recepção desde seu lançamento, em maio

TELEVISÃO

Melhores amigos



Joey (Matt Le Blanc), Phoebe (Lisa Kudrow), Ross (David Schwimmer), Chandler (Matthew Perry), Monica (Courteney Cox) e Rachel (Jennifer Aniston): de desconhecidos no começo a um milhão de dólares por episódio no fim

"Friends", uma das sitcoms mais populares de todos os tempos, completa hoje 30 anos de sua estreia

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

"So no one told you life was gonna be this way" ("Então ninguém te disse que a vida seria assim") abre a canção-tema de uma das mais populares *sitcoms* da história da TV. *Friends* permaneceu no ar por 10 anos com extraordinário sucesso, começando sua trajetória há exatos 30 anos. A estreia, em 22 de setembro de 1994, reunia, pela primeira vez, o sexteto Rachel (Jennifer Aniston), Monica (Courteney Cox), Phoebe (Lisa Kudrow), Joey (Matt LeBlanc), Chandler (Matthew Perry) e Ross (David Schwimmer). No seu último ano, este elenco estava recebendo um milhão de dólares por episódio.

O canal Warner Channel e o *streaming* Max, que têm *Friends* em seu catálogo, preparam ações para a celebração, hoje. O canal pago preparou uma maratona com 30 episódios memoráveis, além do especial *Friends – The Reunion*, que reuniu o elenco em 2021.

O Max, por sua vez, disponibiliza, pela primeira vez, todos os episódios em resolução 4K (para assinantes do plano *platinum*), além de seleções temáticas de episódios, por exemplo, reunindo aqueles com participações de celebridades.

A história de *Friends* no Brasil começou não pela TV aberta, como as séries que se popularizam no Brasil costumavam emplacar, mas pela TV por assinatura. Em 4 de fevereiro de 1996, o seriado estreou no Sony Entertainment Television. Na oitava temporada, passou para o Warner Channel, já acompanhando o lançamento original nos EUA. Na TV aberta, a Rede TV exibiu a série entre 1999 e 2002 e o SBT, em 2004 e 2005, mas dublado *Friends* nunca pegou.

"Uma coisa que vale a pena mencionar é que *Friends*, quando estava indo ao ar, 'ao vivo', era, pra mim símbolo de *status*", conta a escritora Débora Ferraz, fã desde a exibição original. "Afinal, diferente de muitas outras séries dos anos 1990, ela não foi exibida em TV aberta. Então, as primeiras vezes que vi episódios aleatórios, eu estava ali pelo primeiro ano do Ensino Médio, Monica já era casada com Chandler, e minha amiga rica (quem não teve uma?) era fã da Phoebe e tentava me explicar cada piada enquanto exibia o show pra mim na sua TV a cabo. Acho que eu tinha uns 16 quando minha família passou a ter TV a cabo e eu comecei a ver as reprises".

Quando a série começou a sair em DVD no Brasil, isso ajudou a quem não tinha acesso à TV paga (a série completa em DVD ainda pode ser encontrada em *sites* de venda de produtos usados). "Passei a assistir na ordem, aos meus 20, quando saiu em DVD", lembra a escritora.

A química que fez de *Friends* um grande sucesso tem a ver com o "efeito novela" e com os personagens. "Cheguei à conclusão que era assim: você assiste um episódio e pensa 'ah, não gostei'. O segundo você pensa: 'tá, é legal, mas não entendo o estardalhaço'. No terceiro, você vicia", analisa.

A morte de Matthew Perry, no ano passado, aos 54 anos, foi um golpe duro para os fãs. O ator havia lançado uma autobiografia em que relatava os problemas com drogas no auge do sucesso da série. O acontecimento motivou diversos fãs a revisitarem o seriado.

"Revi a série inteira agora depois de ler a biografia do Mathew Perry. Tendo o prazer de apresentá-la ao meu marido que nunca tinha visto do início ao fim", diz Débora.

Por outro lado, surgiu nas redes sociais um debate pertinente acerca de elementos da série que teriam envelhecido mal — como a falta de diversidade no elenco, todo branco, ou a gordofobia com o passado de Monica. Também costuma ser questionada uma possível masculinidade tóxica dos personagens, mas Débora acredita que aí há um equívoco. "Eu acho que aí há uma confusão entre o que a série prega e os defeitos que os personagens precisam superar ao longo das 10 temporadas. Acho que *Friends* é, sobretudo, uma série sobre tentar amadurecer. E seus protagonistas, então, precisam ser os que mais precisam amadurecer. E, nesse ponto, acho que está a própria chave do sucesso atemporal dela".

Dez episódios memoráveis

Fotos: Divulgação/Warner



AQUELE DO PÔQUER
Temporada 1, episódio 18
As garotas querem provar que são tão boas no pôquer como os rapazes, mas as apostas ficam sérias.



AQUELE COM O VÍDEO DE FORMATURA
Temporada 2, episódio 14
Primeira visita ao hilário passado dos personagens.



AQUELE DA MANHÃ SEGUINTE
Temporada 3, episódio 16
Rachel, Ross e a "DR": estavam ou não "dando um tempo"?



AQUELE DOS EMBRIÕES
Temporada 4, episódio 12
Que amigo conhece melhor o outro? No *game show* caseiro, vale até trocar o apartamento.



AQUELE DO CASAMENTO DE ROSS – PARTE 2
Temporada 4, episódio 24
Em Londres, Ross diz "Rachel" em vez de "Emily" no altar.



AQUELE EM QUE TODOS DESCOBREM
Temporada 5, episódio 14
"Chandler e Monica!!! *My eyes*!!!", grita Phoebe ao flagrar os amigos.



AQUELE QUE PODERIA TER SIDO – PARTE 1
Temporada 6, episódio 15
A série imagina os possíveis destinos diferentes da turma.



AQUELE COM O VIDEOTAPE
Temporada 8, episódio 4
O pessoal assiste à fita que mostra como Rachel e Ross engravidaram.



AQUELE EM QUE RACHEL TEM O BEBÊ – PARTE 2
Temporada 8, episódio 24
Horas de trabalho de parto e uma eterna indecisão amorosa.



O ÚLTIMO – PARTE 2
Temporada 10, episódio 18
O destino dos personagens é traçado e eles deixam o apartamento já vazio.

EDIÇÃO: Renato Félix
EDITORAÇÃO: Lucas Nóbrega

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

A falácia da autoridade

O apelo à autoridade é um tipo de falácia retórica bastante popular. Usa-se muito para colocar fim em discussões, na tentativa de abonar uma ideia com base em alguma figura ilustre. Por exemplo, o fato de Newton e Einstein acreditarem na existência de Deus é tomado como uma prova de sua existência. Deduz-se, portanto, que, se alguém intelectualmente importante como eles acredita em algo, é porque é verdade.

Em alguns casos, usam-se argumentos de especialistas numa determinada área, na qual um tema em questão é ainda controverso. As Testemunhas de Jeová abusam do uso do argumento de autoridade. No livro *A Vida – Qual a Sua Origem? A Evolução ou a Criação?*, elas defendem uma tese curiosa que diz ser a ideia da criação mais científica do que a teoria da evolução. Ao longo do texto, a existência de Deus é reafirmada com base numa espécie de atualização do argumento da lei natural. Este argumento se fundamenta na ideia de harmonia e de regulagem perfeita do universo, que tem raízes no século 18 — resultado da influência newtoniana. A constatação do equilíbrio cósmico, da complexidade e dos ajustes minuciosos para o funcionamento do universo revelaria a existência de um criador inteligente, capaz de projetar toda a estrutura cósmica. É um dos argumentos racionais mais conhecidos a favor da divindade, ao lado do argumento da causa primeira, teológico e moral. Muitas vezes eles aparecem interessantemente combinados.

O argumento é desenvolvido por etapas no livro, a partir dos conhecimentos de diversas ciências. A intenção é demonstrar como elas fornecem provas contundentes sobre o Criador. São usadas, durante todo o texto, ilustrações de galáxias, do cérebro humano, de tabelas periódicas entre outras imagens que guardem alguma relação com o mundo científico. A argumentação se inicia tomando como referência a astronomia. Faz-se referência à vastidão do universo e às incertezas sobre a sua origem. A perfeição, como as constantes físicas, opera o número indefinido de galáxias e estrelas. As quatro forças físicas fundamentais: gravitacional, eletromagnética, nuclear forte e nuclear fraca, também são apresentadas como prova de Deus. Podemos ler no livro o seguinte: "A estrutura do universo envolve muito mais do que apenas a regulagem perfeita (...). Como todo dono de uma casa verifica, as coisas abandonadas tendem a estragar-se ou a desintegrar-se. Os cientistas chamam essa tendência de 'segunda lei da termodinâmica'. Vemos essa lei em ação diariamente. Um carro novo ou uma bicicleta nova abandonados viram sucata. Um prédio abandonado se transformará em ruínas… a da gravidade e da força eletromagnética. Duas outras forças físicas também se relacionam com a vida. Essas duas forças operam no núcleo de um átomo, muito evidentemente fruto de um Criador".

A ideia de que a vida só é possível graças a uma regulagem delicada, sustenta a tese de que só um ser dotado de inteligência infinita teria a capacidade requerida para garantir as condições essenciais à harmonia do universo. Lei e ordem são palavras-chaves, porque representariam uma tendência oposta às nossas observações pessoais, que indicam a facilidade com que as coisas no mundo se encaminham para a desagregação e a desordem.

E acrescentam: "Mas parece que não é isso o que acontece com o universo, como o professor de matemática Roger Penrose descobriu ao estudar o estado de desordem (ou entropia) do universo observável. Uma maneira lógica de interpretar tais descobertas é concluir que o universo começou num estado de ordem e ainda é altamente organizado. O astrofísico Alan Lightman observou que os cientistas 'acham misterioso que o universo tenha sido criado num estado de ordem tão elevado'. Ele acrescentou que 'qualquer teoria de cosmologia bem-sucedida devia, em última análise, explicar esse problema de entropia', ou seja, por que o universo se torna caótico".

Devemos observar a sutileza como é desenvolvido o argumento. As imagens da vida cotidiana, a linguagem livre e coloquial (o que é comum ao texto), se unem com as opiniões de especialistas que, como autoridades no assunto, dão respaldo à argumentação. Muitas vezes se alude a ilustres desconhecidos sem, contudo, precisar corretamente referências às suas falas. Se tudo tende à desordem, por que acontece o contrário com o universo, que se mantém por meio de uma complexa harmonia? A resposta para a entropia estaria fora da natureza, em Deus, muito além dos domínios da ciência. A religião procuraria complementar as lacunas do conhecimento científico e retificá-lo sempre que achasse necessário, com base na autoridade máxima do livro sagrado — fonte primordial do conhecimento. O argumento da lei natural é reiterado insistentemente, como uma tentativa de fechamento de sentido. Um leitor, minimamente esperto, a cada novo passo argumentativo já antevê com facilidade quais serão os arremates.

Estética e Existência

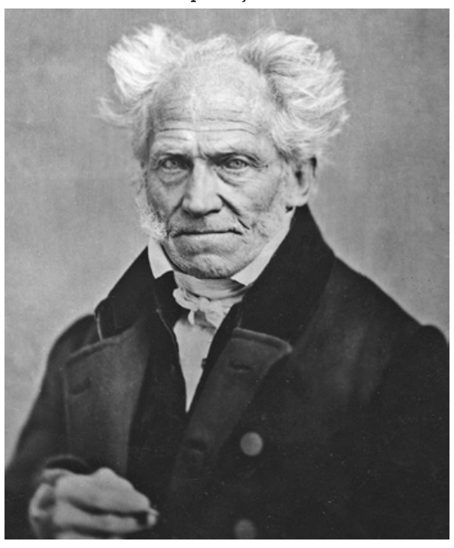
Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Pessimismo da angústia

A angústia apresentada pelo filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788–1860) está relacionada com sua visão pessimista da existência humana, na qual ele caracteriza o espaço fenomênico como produto de uma insaciável e trágica vontade metafísica. Sua obra mais conhecida, *O Mundo como Vontade e Representação*, foi publicada em 1819. O livro é composto por quatro capítulos: o primeiro é dedicado à teoria do conhecimento; o segundo, à filosofia da natureza; o terceiro, à metafísica do belo; e o último, à ética.

A filosofia de Arthur Schopenhauer é compreendida a partir do que se conhece do mundo, que é apresentado ao ser humano pelos sentidos e organizado subjetivamente. A razão apenas forma ideias abstratas a partir dos dados empíricos. É a inteligência, presente em todos os seres vivos, que identifica uma causa externa para essas impressões, de forma inacessível. Por isso, tem-se apenas representações do mundo. Isso tornaria o mundo uma fortaleza impenetrável, impedindo qualquer pessoa de conhecê-lo como realmente é. O pensador propõe que não se deve negar uma via imediata, aberta por meio dos atos voluntários. Ao fazer uso do corpo, o ser humano torna-se, ao mesmo tempo, um objeto representado e uma vontade que se manifesta objetivamente nas ações, onde não há reações de causa e efeito. A vontade manifesta-se de forma específica no ser humano, mas todo fenômeno seria a expressão de uma vontade, indicando um impulso — nos seres humanos — para a vida, sem propósito, não permitindo o conhecimento da realidade intrínseca das coisas nem de um sentido compreensível. Ela é uma força irracional e insaciável que acompanha tudo o que existe, movendo o ser humano a desejar, e o desejo, segundo ele, é a fonte do sofrimento.

Foto: Reprodução/Wikimedia Commons



Schopenhauer: o sofrimento é a regra

As características da angústia em Schopenhauer são:

■ A insatisfação contínua. A vida é uma constante alternância entre o desejo e a sua frustração. Quando se deseja algo, experimenta-se o sofrimento pela falta, e, quando se alcança o objeto do desejo, rapidamente se depara com o tédio. Esse ciclo de desejo-frustração-tédio gera uma angústia contínua, pois a satisfação plena é impossível.

■ O sofrimento como regra. O sofrimento é a regra da existência. Schopenhauer argumenta que a própria natureza da vontade, que mantém o ser humano sempre em busca de algo, leva inevitavelmente ao sofrimento. Consequentemente, a vida é marcada por uma angústia que nunca se resolve completamente.

■ A ilusão do prazer. O pensador afirma que o prazer é apenas uma pausa no sofrimento, mas nunca uma solução. Mesmo as experiências prazerosas são transitórias, e, logo que são alcançadas, a vontade leva o ser humano a desejar outra coisa, perpetuando o ciclo de angústia.

■ A negação da vontade como solução. A única forma de escapar desse ciclo de sofrimento e angústia, segundo Schopenhauer, seria a negação da vontade, um estado em que se abandona o desejo. Ele sugere que isso pode ser alcançado por meio da contemplação estética, da compaixão ou do ascetismo, nos quais o indivíduo se liberta da busca incessante por satisfazer seus desejos.

O pessimismo moral schopenhaueriano representa a crença de que o sofrimento é inerente à condição humana e de que a vida é uma luta constante entre o desejo insaciável e a inevitabilidade da insatisfação.

Finalizo com o poema "Caçador de mim" composto pelo músico e poeta carioca Francisco Sérgio de Souza Medeiros (1950):

Por tanto amor / Por tanta emoção / A vida me fez assim / Doce ou atroz / Manso ou feroz / Eu caçador de mim.

Preso a canções / Entregue a paixões / Que nunca tiveram fim / Vou me encontrar / Longe do meu lugar / Eu, caçador de mim

Nada a temer senão o correr da luta / Nada a fazer senão esquecer o medo / Abrir o peito a força, numa procura / Fugir às armadilhas da mata escura

Longe se vai / Sonhando demais / Mas onde se chega assim / Vou descobrir o que me faz sentir / Eu, caçador de mim.

Sinta-se convidado à audição do 487º. Domingo Sinfônico, *que ocorrerá neste dia 22, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em www.radiotabajara.pb.gov.br ou através do link https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm. Durante a transmissão, comentarei algumas peças românticas e a vida trágica do compositor e pianista russo Piotr Ilitch Tchaikovski (1840–1893).*

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Pra não dizer que não falei das turquesas

Eu nunca vi Geraldo Vandré no palco e não vou vê-lo, claro. Talvez caminhando na rua, talvez, ou algum seguidor "Caminhando" na sua canção que viralizou, quando não se usava tanto esse verbo no infinitivo.

Nunca o vi na rua, para que alguém apontasse dizendo: — Lá vai Geraldo Vandré. O Vandré, o complemento do nome artístico eu não sabia, é uma abreviação do sobrenome de seu pai, o médico otorrinolaringologista, José Vandregíselo. Não costumo dizer que sei o que não sei — sempre aprendo.

A escritora Ângela Bezerra, em sua privilegiada existência, sua experiência com o saber, entender e ensinar, conheceu Geraldo Vandré quando ele era Geraldo Pedrosa no Liceu Paraibano.

Em 2025, Geraldo Vandré vai completar 90 anos e me parece ser o artista mais longevo que chegou ao Rio de Janeiro — em 1951 — estudou na Universidade do Distrito Federal, quando o Rio era a capital do Brasil. Ah! O Rio!

Antes da música, ele trabalhou no serviço público, na Superintendência Nacional de Abastecimento. Foi militante estudantil, participou do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (UNE). Sim, eu não costumo escrever textos com esses dados, que são valiosos numa reportagem.

No Rio, Vandré conheceu Carlos Lyra, que se tornou seu parceiro em canções como "Quem quiser encontrar amor" gravada por Lyra e por Vandré. O primeiro LP, *Geraldo Vandré* é datado de 1964, com as músicas "Fica mal com Deus" e "Menino das laranjas", entre outras.

O fato de sua canção "Caminhando... Pra não dizer que não falei das flores" ter se tornado uma espécie de hino da resistência ao regime ditatorial vigente no país, todo mundo sabe — para os mais jovens, essa canção complicou a vida do artista, mas isso está na história. O regime ditatorial me parece, mudou de mãos — a sociedade alternativa que o diga.

Recebi da professora Ângela Bezerra uma fotografia dela ao lado de Geraldo Vandré, numa solenidade na Academia Paraibana de Letras e logo postei na minha página e um seguidor de João Pessoa indagou se ele, o artista, "era "bostaminion".

A indagação me pareceu brutal e tal seguidor perguntou como se visse a imagem de raspão e dela restasse o ângulo da sua cabeça; pensei nos urubus que não passeiam mais a tarde inteira entre os girassóis e nos seus voos baixos porque o alimento, o ambiente em que se movem é o mesmo que respiram.

Com certeza, e a certeza é a melhor coisa que existe numa amizade, a criatura fez a pergunta à pessoa errada — eu não sei se Vandré é de direita ou de esquerda, sequer se ele ouviu o som da guitarra de Jimi Hendrix.

O Brasil virou um inferno, uma guerra entre pessoas de vários lados. A própria escritora Ângela Bezerra foi veementemente atacada por ter ido conhecer o cenário que se formava na frente do Grupamento de Engenharia na Avenida Epitácio Pessoa, por entenderem que ela era "bolsonarista" — só não atiraram pedras, mas desejaram até a sua morte. Eram seus amigos do século passado. Eram, não são mais.

Esses amigos são os que cospem na amizade, comprovada nos gestos mais nobres, por longas décadas...

Eu vejo sempre Ângela de perto e sei da sua importância para a cultura — seus livros não são controversos, são literatura mesmo.

E isso, em 2025, Vandré fará 90 anos e Ângela, 83. Eles despontam pelo conhecimento e ambos trazem os saberes construídos ao longa da vida. Ah! Esqueci de falar das turquesas.

Kapetadas

1 – Kant, na *Crítica do Juízo*, diz que o riso é o resultado da "súbita transformação de uma expectativa tensa em nada". Minha mãe dizia que quem ri por muito, ri melhor.

2 – Som na caixa: "Fica mal comigo / Quem não sabe amar", de Vandré.

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Lembro sempre daquele setembro de 1914

Foto: Divulgação



Seu Severino do Cinema construiu as salas Santa Cruz, São João e Cinerama

Dia 17 de setembro do ano de 1914, *"amarcord"*, eu me lembro muito bem. Data em que nascia um dos pioneiros do cinema paraibano, que agora estaria completando 110 anos.

Decerto, existem memórias que são legitimamente indeléveis. Por isso, mais do que qualquer outro dia desta semana, despertei logo cedo com uma saudosa lembrança daqueles tempos. E, como se isso não bastasse, recordei até de minha lúdica juventude, quando brincava de super-herói com amigos da mesma idade, imitando os filmes que víamos nos cinemas do meu pai.

Seu Severino do Cinema, como era bem conhecido pela população de Santa Rita, cidade onde nasci, sempre foi uma pessoa altamente querida. Influenciou gerações com os filmes e seriados que exibiu em seus cinemas — Santa Cruz, São João e Cinerama, todos construídos por ele próprio (dublê de arquiteto-construtor e exibidor cinematográfico), tanto na cidade em que viveu, como no municipal distrito de Várzea Nova. Salas de projeção, que sempre nos foram "palácios de sonhos".

Foram com as exibições, ainda na época do celuloide, que o meu pai tão bem soube distribuir as quimeras a toda uma geração, durante mais 30 anos. Geração essa da qual faço parte, orgulhosamente — época dos anos 1950/1960/1970 —, tendo o privilégio de adquirir conhecimentos que me fizeram uma pessoa consciente, política e culturalmente. E, reportando-me àqueles tempos, percebo que a saga vivida pelo meu pai não foi em vão. Legado por mim e família preservado, que guardamos afetuosamente como uma mostra viva de sua existência. E, como bem afirma o meu filho Alexandre, seu avô "ainda hoje é nossa referência de valores humanos e de retidão. Um homem que, na grandeza de sua simplicidade, construiu, com as próprias mãos, os alicerces de toda uma família".

Por tudo isso, neste fim de semana, saudosas lembranças fizeram-me buscar, célere, o meu teclado. São *"recuerdos"* que se revestem de grande significado para mim, e como se toda a verve desse mundo fosse incapaz de traduzir a tamanha admiração que sempre mantive por aquele que, através do cinema de toda sua existência, soube repassar para mim o muito do que lhe foi essa arte, além de um mero entretenimento: uma verdadeira lição de vida, da qual possamos extrair o que de melhor ela possa oferecer.

Buscarei honrar esse seu legado, meu pai!

À guisa de informação: *"Amarcord"* é um vocábulo que nos leva a uma memória nostálgica do passado. Igualmente, representa o título de um dos filmes mais autobiográficos do diretor italiano Federico Fellini.

Para mais Coisas de Cinema, acesse nosso blog: www.alexsantos.com.br.



APC participa do Projeto Aruanda da UFPB

Com apoio da Academia Paraibana de Cinema (APC), promoção conjunta do Projeto Estratégico Cinemateca Aruanda, do Núcleo de Documentação Cinematográfica, Decom e Proext da Universidade Federal da Paraíba, foi celebrado nesta semana o Dia de Aruanda. As atividades aconteceram no Cine Aruanda do CCTA, no *campus* de João Pessoa.

Durante o evento, a participação da APC foi feita pelo seu presidente, prof. João de Lima Gomes, que fez uma apresentação com o tema "Wills Leal e Péricles Leal, criadores de narrativas", numa aula de abertura do evento.

DISCO

Fantástico Caramelo explora lado místico



Foto: Divulgação



Na capa do álbum do Fantástico Caramelo, figuras que formam a união de dois elementos: símbolo do processo criativo

Ao longo deste ano, os catarinenses da Fantástico Caramelo apresentaram os *singles* que dão corpo ao álbum *Nas Colinas Astrais*, o segundo de sua discografia, que lançaram em agosto. O trabalho busca explorar o lado mais místico do grupo, com letras que fazem referência a temas como a astrologia, enquanto criam cenários surreais compostos por naves espaciais e pirâmides amazônicas.

A sonoridade, por sua vez, procura conduzir a viagem do disco por meio de elementos do rock alternativo, do *indie pop* e da psicodelia — com a presença de muitos *synths* e *riffs* de guitarra. Percorrendo oito faixas, o grupo da cidade catarinense de Rio do Sul constrói um álbum que quer trazer, ao mesmo tempo, toques de nostalgia e de atualidade.

O disco começa com o último *single* lançado, "Formigas australianas". "Essa música evoca uma mistura de influências, tanto culturais quanto emocionais. A imagem das formigas australianas carregando migalhas, como se fossem nossas lembranças, é como uma metáfora sobre as escolhas do passado e seu impacto no presente", conta Nayara Lamego, vocalista e compositora da banda.

As oito faixas do álbum são frutos da parceria da artista com Henrique Marquez, guitarrista e compositor. A direção musical do disco é de Gabriel Alves (guitarra e *synths*) e a cozinha conta com Diego Pereira (baixo) e Marcelo Sutil (bateria).

A identidade visual do álbum, assinada por Grazzus Cunha, propõe uma viagem visual inspirada pelos anos 1980, década marcada pela *disco music* e melodias espaciais. Além disso, as ilustrações que compõem as capas dos *singles* — e do disco — criam uma extensão visual das composições.

Na capa do álbum, as figuras que formam a união de dois elementos simbolizam a essência do processo criativo da banda. "Essa junção não é aleatória. É uma manifestação da dualidade inerente à arte e à vida. Representa a fusão do passado nostálgico e do presente audacioso, refletindo a própria alma das composições. A paleta de cores, por sua vez, evoca a efervescência dos anos 1980, com uma aura etérea e futurista", revela Grazzus Cunha.

Enquanto "Formigas australianas" dá início ao disco em meio a pirâmides amazônicas e temas esotéricos, "Melhor assim" é dançante e aborda temas como mudanças, o ego e a indiferença. "Goteira de amor" traz letra cantada em português, espanhol e inglês, e transita entre o *indie* e o *pop* com pitadas de *reggae*.

Já "Spaceship", com letra toda em inglês, tem participação especial de BRVNKS, projeto solo de Bruna Guimarães. Ecoando uma atmosfera nostálgica da década de 1970, a faixa tem influência de nomes como ABBA, Pixies e The Strokes. O disco segue com "Quase virei astróloga", que traz um quê de ironia, além de assuntos esotéricos, experiências pessoais e influências de estilos como rock gaúcho, *surf music* e trilha sonora de filme de faroeste.

O disco ainda tem "Salada de flores", "Antes dos 30" e fecha com "Alquimia", *indie pop* psicodélico com influências que vão da MPB ao rock nacional, até Pink Floyd e outras lendas da psicodelia mundial.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Antônio Mariano, o poeta

Acompanho a trajetória literária de Antônio Mariano há longo tempo. Escrevi sobre os poemas reunidos em *O Gozo Insólito* (1991), *Te Odeio com Doçura* (1995) e *Guarda-Chuvas Esquecidos* (2005). Li e reli *Sob o Amor* (2013), livro monotemático em cujo lirismo despontam e se refinam os fios eróticos de sua já maturada dicção.

Vejo-me, agora, às voltas com a sua mais recente coletânea, *Havia Pássaros em Mim* (João Pessoa: Selinho Editorial, 2024), obra que consagra seus 60 anos de existência e seus 40 de vida literária.

Começo por destacar, pois no exemplar que me coube estão sublinhados, depois de prazerosa leitura, os poemas "Cá na terra sempre tristes", "Sem data" "Aniversário", "Correnteza", "Zerar-se", "As armas", "Blue", "Um dia para Ivo", "Com Maiakovski", "Para Lau Siqueira", "Para Paulo Sérgio Vieira", "Para Abah Andrade" e "Desafio da gravidade".

Em geral são textos curtos, de versos contidos, onde verbos e substantivos imperam no tecido retórico, avesso, por sua vez, ao excesso vocabular e à falsa eloquência com que tanto se preocupavam um Verlaine e um Valery.

Esse traço estilístico, já entremostrado nos poemas dos livros anteriores, aqui, como que se aprimoram e se fundem melhor, em seu tom, ácido e cáustico, com a perspectiva lírica que canta seus motivos centrais.

Palavra e substância, forma e conteúdo, estilo e percepção se equilibram na composição poemática, traduzindo o que seria o *pathos* da emoção humana na objetividade expressiva da emoção estética.

A voz que se enuncia em cada poema, não importa o assunto ou o motivo, expande--se sem complacência e traz, à tona, as camadas escusas e avessas que presidem o imponderável das situações humanas.

Tudo isso calçado num olhar a distância, irônico, às vezes zombeteiro, às vezes irado, porém sempre disposto a revelar as feridas ocultas e a desconstruir conceitos e estereótipos.

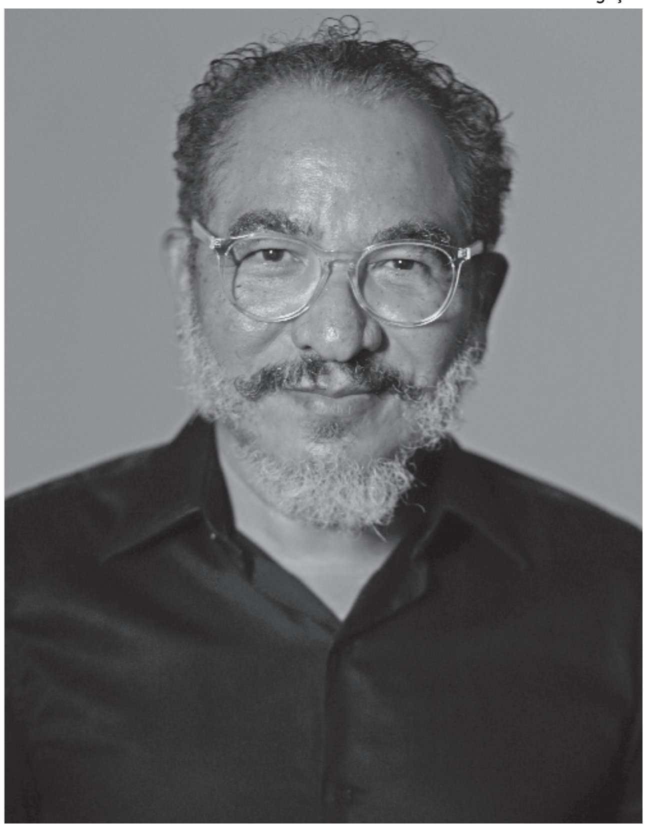
A poesia de Antônio Mariano, principalmente nesse título, é mesmo um gozo insólito. A leitura existencial que desenvolve e certas descrições que faz de seus pares me parecem definir, por completo, sua metodologia poética.

Para exemplificar o primeiro tipo de leitura, cito "Desafio da gravidade", não por acaso o último poema do livro: *"Ave sem pouso. // A queda maior que a meta: / é assim que ouso"*. "Para Abah Andrade", poema da página 96, ilustra bem a segunda espécie de leitura: *"Amar, / verbo irmão da morte. // Que má sorte a minha / continuar vivo"*.

O que vemos aqui, na pauta desses dois modelos, predica o sentido de sua expressão poética. Uma expressão que, em sendo de intenso impacto afetivo, particularmente pelos conflitos subjetivos que revela, não perde a capacidade de pensar e de fazer pensar o leitor que a alcança e digere.

Por isso, sinto que *Havia Pássaros em Mim* vem consolidar, em definitivo, um percurso lírico, cujos sinais, já esboçados em poemas pretéritos, alcançam, nesta fase de acabamento e maturidade, a alta voltagem necessária à realização dos genuínos produtos estéticos.

Foto: Divulgação



Antônio Mariano lançou "Havia Pássaros em Mim" em agosto

Colunista colaborador

MÚSICA

Som espalhado pelo Centro Histórico

Festival Alumiô tem neste domingo seu último dia com atrações distribuídas por cinco locais diferentes

Da Redação

O Festival Alumiô, evento cultural que traz atrações diversas em pontos espalhados pelo Centro Histórico de João Pessoa (bairros do Varadouro e do Centro), encerra hoje a sua terceira edição. Toda a programação é gratuita, mas, nos espaços fechados, haverá controle de público. A empreitada é promovida pelo coletivo Alumiô Parahyba em parceria com os estabelecimentos participantes e conta com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura (Secult) e da Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope).

Neste domingo, no Palco Principal, montado na Praça Frei Pedro Gonçalves, a agenda do dia abre com The Silvas e David Neves, às 16h, seguidos das Banda-Fôrra, às 18h, e O Bule, às 20h; a programação neste espaço se encerra às 22h, com show de RenanRenan e os Amanticidas. No Palco Secundário, erguido ao lado da Vila do Porto, as apresentações começam às 17h, com Hazamat; seguem às 19h, com Matakabra; às 21h, com Headspawn; e, às 23h, com Mafiota.

No Palco Vila, situado no interior da Vila do Porto, os trabalhos abrem mais cedo, às 13h, com Ninno Amorim e Xumbrego de Rabeca e, na sequência, às 15h, com João Paulo Rosa e O Eito; Lily Sanfoneira e Bianca Rufino dão continuidade à agenda com apresentações às 17h e às 19h, respectivamente; Cajarana é a atração das 21h; Nicácio e Banda assumem às 23h e a DJ Claudinha Summer encerra a festa na Vila do Porto à meia-noite.

O Palco General, da General Store, abre às 16h trazendo Um de Nós como atração; logo depois, o grupo dá lugar a Vênus in Fuzz, às 18h; a banda Margaridas em Fúria chega às 20h, e o Neoroses encerra às 22h. Já, no Palco Carcará, de música eletrônica, montado na Praça 15 de Novembro, as atrações são: Brasilica Dubs, às 16h; Sistah's Selectas, às 18h; Carcará Sound Sistem, às 20h; e Tuz1n, às 22h.

A Birita Poética, sarau mensal de João Pessoa que entra na agenda desse festival, em setembro, será realizada no IAB-PB (Casa dos Arquitetos), a partir das 14h. Lá também serão promovidos uma feirinha criativa e o Alumiô para Baixinhos, segmento dedicado às crianças, com gincanas e contação de histórias, no mesmo horário.

Ramón Suárez, um dos produtores do Alumiô, destaca que o evento se transformou desde a sua primeira edição. A primeira empreitada, em 2022, ocorreu em quatro dias, apenas em espaços fechados e não foi gratuita: "Nos outros anos, nós também selecionávamos os artistas. Em 2024, a seleção ocorreu mediante inscrição. Essa foi a grande mudança, recebemos mais de 100 solicitações, mas a maioria foi de pessoas da própria Paraíba". Esse feito, segundo Ramón, assevera a importância e as razões principais do evento: "Nosso objetivo é mostrar a música paraibana e dar visibilidade ao nosso Centro Histórico".

Fotos: Divulgação (1); Kécia Andrade/Divulgação (2)





Os grupos Hazamat (acima) e Banda-Fôrra (ao lado) estão na programação de hoje do festival

Em Cartaz



Cinema

*Programação de **19 a 25 de setembro**, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande e Patos.*

ESTREIAS

GOLPE DE SORTE EM PARIS (*Coup de Chance*). EUA/ França/ Reino Unido, 2023. Dir.: Woody Allen. Elenco: Lou de Laâge, Niels Schneider, Melvin Poupaud. Policial. Jovem esposa começa caso com antigo colega, mas marido investiga. 1h33. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: seg. a qua.: leg.: 17h30. CENTERPLEX MAG 2: leg.: 19h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h, 19h.

JUVENAL E O DRAGÃO. Brasil, 2024. Dir.: Natali Toledo. Vozes: Lucas Veloso, Alice Gadelha, Fernando Teixeira, Beto Quirino. Aventura/ animação. Maturo enfrenta dragão para salvar reino e conquistar a moça que ama. 1h15. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 14h10.

LIGAÇÃO SOMBRIA (*Sympathy for the Devil*). EUA, 2023. Dir.: Yuval Adler. Elenco: Nicolas Cage, Joel Kinnaman. Suspense. Motorista é obrigado a levar, sob a mira de uma arma, passageiro misterioso. 1h30. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 21h45. CENTERPLEX MAG 4: leg.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 16h30, 21h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: leg.: dom.: 16h20, 20h40; seg. a qua.: 16h40, 20h45.

A MENINA E O DRAGÃO (*Dragonkeeper*). Espanha/ China, 2024. Dir.: Jianping Li, Salvador Simó. Aventura/animação. Menina precisa achar últiomo ovo de dragão para salvar a China. 1h38. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 15h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 14h, 16h15. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: dom.: 16h20. CINESERCLA TAMBIÁ 4: seg. a qua.: dub.: 16h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: seg. a qua.: dub.: 16h20. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: dom.: 14h50. **Patos:** MULTICINE PATOS 4: dom.: 15h20; seg. a qua.: 15h20, 19h25.

PASSAGRANA. Brasil, 2024. Dir.: Ravel Cabral. Elenco: Wesley Guimarães, Juan Queiroz. Policial. Amigos de infância planejam grande golpe. 1h45. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: sab. e dom.: 19h30; seg. a qua.: 15h15, 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dom.: 13h50, 16h, 18h30; seg. e qua.: 13h50, 16h, 18h30, 20h50; ter.: 13h50, 16h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dom.: 13h, 15h30; seg. a qua.: 13h, 15h30, 18h.

A SUBSTÂNCIA (*The Substance*). Reino Unido, 2024. Dir.: Coralie Fargeat. Elenco: Demi Moore, Margaret Qualley, Dennis Quaid. Suspense. Celebridade em deacdência resolve usar droga clandestina que cria uma versaão mais jovem de si mesma. 2h20. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 18h, 21h.

PRÉ-ESTREIA

TRANSFORMERS – O INÍCIO (*Transformers One*). EUA, 2024. Dir.: Josh Cooley. Aventura/ animação. Num planeta habitado por robôs, dois amigos estão destinados a serem inimigos. 1h44. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dom.: dub.: 15h, 17h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dom.: dub.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dom.: dub.: 13h15, 15h45, 18h15, 20h45. CINESERCLA TAMBIÁ 6: dom.: dub.: 15h50, 17h55, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dom.: dub.: 15h50, 17h55, 20h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dom.: dub.: 16h, 18h10. CINE GUEDES 2: dom.: dub.: 17h. CINE GUEDES 3: dom.: dub.: 3D: 15h. MULTICINE PATOS 3: dom.: 3D: 14h30, 19h40; 2D: 17h05.

REAPRESENTAÇÃO

BATMAN (*Batman*). EUA, 1989. Dir.: Tim Burton. Elenco: Michael Keaton, Jack Nicholson, Kim Basinger. Aventura. Batman enfrenta um novo inimigo: o Coringa. 2h07. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 21h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dom.: leg.: 18h10.

BATMAN (*The Batman*). EUA, 2022. Dir.: Matt Reeves. Elenco: Robert Pattinson, Zoë Kravitz, Paul Dano, Colin Farrell, Jeffrey Wright. Aventura. Batman investiga criminoso que assassina figuras políticas. 2h56. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 18h. **Patos:** CINE GUEDES 1: seg. a qua.: dub.: 17h. CINE GUEDES 3: dub.: dom.: 17h, 20h20; seg. a qua.: 19h40.

ESPECIAL

JUNG KOOK – I AM STILL (*Jung Kook – I Am Still*). Coreia do Sul, 2024. Dir.: Jun-Soo Park. Documentário. A vida e a música do astro pop coreano Jung Kook. 1h30. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): leg.: dom.: 14h, 16h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: leg.: dom.: 14h15, 16h30, 18h45, 21h. **Patos:** MULTICINE PATOS 1: leg.: dom.: 15h40.

SOFIA FOI. Brasil, 2024. Dir.: Pedro Geraldo. Elenco: Sofia Tomic, Jorge Neto. Drama. Após se rdespejada, tatuadora vaga à noite por universidade. 1h07. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: ter.: 19h.

CONTINUAÇÃO

O BASTARDO (*Bastarden*). Dinamarca/ Suécia/Noruega/Alemanha, 2023. Dir.: Nikolaj Arcel. Elenco: Mads Mikkelsen, Amanda Collin, Simon Bennerbjerg. Aventura/ drama. Explorador luta para colonizar território inóspito da Dinamarca. 2h07. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom.: 19h. Próximas semanas: sab. 28/9: 19h; seg. 30/9: 19h.

CIDADE; CAMPO. Brasil, 2024. Dir.: Juliana Rojas. Elenco: Fernanda Vianna, Mirella Façanha, Bruna Linzmeyer, Raquel Ferreira. Drama. Duas mulheres lutam pela sobrevivência na migração entre cidade e campo. 1h59. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg.: 19h. Próximas semanas: dom. 29/9: 19h.

DEADPOOL & WOLVERINE (*Deadpool & Wolverine*). EUA, 2024. Dir.: Shawn Levy. Elenco: Ryan Reynolds, Hugh Jackman, Emma Corrin, Morena Baccarin, Matthew Macfayden, Jennifer Garner, Tyler Mane, Ray Park, Kelly Hu. Aventura. Dois super-heróis irascíveis se unem para impedir a destruição de um universo. 2h07. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 16h15, 19h10, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 21h. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dom.: dub.: 15h45, 20h45. CINESERCLA TAMBIÁ 5: seg. a qua.: dub.: 15h45, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: seg. a qua.: dub.: 15h45, 20h45. CINESERCLA PARTAGE 3: dom.: dub.: 15h45, 20h45.

DIVERTIDA MENTE 2 (*Inside Out 2*). EUA/ Japão, 2024. Dir.: Kelsey Mann. Vozes na dublagem brasileira: Miá Mello, Tatá Werneck, Dani Calabresa, Katiuscia Canoro, Otaviano Costa, Léo Jaime. Aventura/ comédia/ animação. As emoções na cabeça de menina de 13 anos têm problemas quando novos sentimentos surgem. 1h36. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 15h.

É ASSIM QUE ACABA (*It Ends with Us*). EUA, 2024. Dir.: Justin Baldoni. Elenco: Blake Lively, Justin Baldoni, Jenny Slate. Drama/ romance. Mulher presa em um relacionamento tóxico reencontra um amor do passado. 2h10. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h45; leg.: 17h40, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 18h45, 21h45. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dom.: dub.: 18h15. CINESERCLA TAMBIÁ 5: seg. a qua.: dub.: 18h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: seg. a qua.: dub.: 18h15. CINESERCLA PARTAGE 3: dom.: dub.: 18h15.

OS FANTASMAS AINDA SE DIVERTEM – BEETLEJUICE, BEETLEJUICE (*Beetlejuice, Beetlejuice*). EUA, 2024. Dir.: Tim Burton. Elenco: Michael Keaton, Winona Ryder, Catherine O'Hara, Jenna Ortega, Justin Theroux, Willem Dafoe, Monica Bellucci, Danny DeVito. Comédia/ fantasia. Após tragédia pessoal, família volta a casa assombrada onde a mais jovem reabre o portal para outro mundo e para o retorno de Besouro Suco. 1h44. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 15h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 14h15, 17h, 19h30, 22h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): seg. a qua.: dub.: 15h15, 17h45, 20h; leg.: 22h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: seg. a qua.: 14h30, 17h, 19h30, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 13h30, 16h, 18h30. CINESERCLA TAMBIÁ 5: dom.: dub.: 16h20, 18h25, 20h30. CINESERCLA TAMBIÁ 6: seg. a qua.: dub.: 16h20, 18h25, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dom.: dub.: 16h20, 18h25, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 2: seg. a qua.: dub.: 16h20, 18h25, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 19h. MULTICINE PATOS 1: dub.: dom.: 17h50, 20h10. MULTICINE PATOS 3: dub.: seg. a qua.: 16h, 19h55.

GREICE. Brasil/ Portugal, 2024. Dir.: Leonardo Mouramateus. Elenco: Amandyra, Mauro Soares, Jesuíta Barbosa. Comédia/ drama. Estudante brasileira em Lisboa é acusada de estranho acidente em festa. 1h50. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom.: 15h. Próximas semanas: dom. 29/9: 17h.

HELLBOY E O HOMEM TORTO (*Hellboy – The Crooked Man*). EUA/Reino Unido/ Alemanha, 2024. Dir.: Brian Taylor. Elenco: Jack Kesy, Jefferson White, Leah McNamara. Aventura/ terror. Hellboy descobre uma comunidade rural assombrada por bruxas. 1h39. 16 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIÁ 2: seg. a qua.: dub.: 17h, 21h. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dom.: dub.: 17h, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: dom.: 21h; seg. a qua.: 17h, 21h.

LONGLEGS – VÍNCULO MORTAL (*Longlegs*). EUA/ Canadá, 2024. Dir.: Osgood Perkins. Elenco: Maika Monroe, Nicolas Cage, Alicia Witt. Suspense/ policial. Para capturar serial killer, agente do FBI deve desvendar pistas. 1h41. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 18h50, 21h10. CINESERCLA TAMBIÁ 2: seg. a qua.: dub.: 19h. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: dom.: 18h50; seg. a qua.: 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: dom.: 18h50; seg. a qua.: 19h. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: seg. a qua.: 18h45.

MEU AMIGO PINGUIM (*My Penguin Friend*). Brasil/ EUA, 2024. Dir.: David Schurmann. Elenco: Jean Reno, Adriana Barraza. Drama. Pescador que se afastou do mundo após tragédia reencontra vida através da amizade com pinguim que salvou. 1h37. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 13h40.

MEU MALVADO FAVORITO 4 (*Despicable Me 4*). EUA, 2024. Dir.: Chris Renaud. Vozes na dublagem brasileira: Leandro Hassum, Maria Clara Gueiros. Comédia/ aventura/ animação. A família do ex-vilão Gru é forçada a fugir quando é perseguida por um supervilão. 1h35. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 17h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 14h30, 16h45. CINESERCLA TAMBIÁ 5: dom.: dub.: 14h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dom.: dub.: 14h30.

MOTEL DESTINO. Brasil/ França/ Alemanha/ Reino Unido, 2024. Dir.: Karim Aïnouz. Elenco: Fábio Assunção, Nataly Rocha, Iago Xavier. Drama/ suspense. Chegada de um jovem alterna a rotina de um motel de beira de estrada no Ceará. 1h59. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom.: 17h; ter. : 19h. Próximas semanas: sab. 28/9: 17h.

MUSIC (*Musik*). Alemanha/ França/ Grécia/Sérvia, 2023. Dir.: Angela Shanelec. Elenco: Aliocha Schneider, Agathe Bonitzer, Marisha Triantafyllidou. Drama. Jovem preso se apaixona pela diretora da prisão. 1h48. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: Próximas semanas: qui. 26/9: 19h; dom. 29/9: 15h.

NÃO FALE O MAL (*Speak No Evil*). EUA, 2024. Dir.: James Watkins. Elenco: James McAvoy, Mackenzie Davis. Terror. Família aceita convite para casa de campo, mas os anfitriões se mostram perturbadores. 1h50. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 15h50; leg.: 18h10, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dom.: dub.: 18h30, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: seg. a qua.: 14h45, 17h15, 19h45, 22h10. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dom.: dub.: 18h10, 20h20. CINESERCLA TAMBIÁ 4: seg. a qua.: dub.: 18h10, 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: seg. a qua.: dub.: 18h10, 20h20. CINESERCLA PARTAGE 4: dom.: dub.: 16h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 20h20. MULTICINE PATOS 1: dub.: seg. a qua.: 17h10, 21h. MULTICINE PATOS 4: dub.: dom.: 21h.

SÍLVIO. Brasil, 2024. Dir.: Marcelo Antunez. Elenco: Rodrigo Faro, Johnnas Dutra, Vinícius Ricci. Drama. O apresentador Sílvio Santos revê sua trajetória enquanto é mantido refém em sua casa por um sequestrador. 1h54. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 6: seg. a qua.: 14h, 16h30, 19h, 21h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dom.: 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: seg. a qua.: 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: 21h.

Música

HOJE

FESTIVAL ALUMIÔ. Shows de diversos artistas.0

João Pessoa: INSTITUTO DOS ARQUITETOS DO BRASIL (IAB) (Largo de São Frei Pedro Gonçalves, 2, Varadouro). Domingo, às 14h. Entrada franca.

João Pessoa: GENERAL STORE (Av. General Osório, 152, Centro). Domingo, a partir das 16h. Entrada franca.

João Pessoa: LARGO DE SÃO FREI PEDRO GONÇALVES (Varadouro). Domingo, a partir das 16h. Entrada franca .

João Pessoa: PRAÇA 15 DE NOVEMBRO (Varadouro). Domingo, a partir das 16h. Entrada franca.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, a partir das 13h. Entrada franca.

ÚLTIMOS DIAS

LOLA PINTO E LU AZEVEDO. Pìntoras apresentam exposição *Cores Nativas*, a partir de corantes vegetais.

João Pessoa: CENTRO CULTURAL SÃO FRANCISCO (Praça São Francisco, Centro). Visitação até 22 de setembro. Entrada franca.

Exposições

CONTINUAÇÃO

AVES BRASIL. Coletiva temática de pinturas dos artistas Antônio Cláudio Massa, Célia Carvalho, Danielle Freitas, Molina, Jonathan Guedes, Kleber Jhonny, Mônica Lia, Pedro Callado e Rogéria Gaudêncio.

João Pessoa: RESTAURANTE CANOA DOS CAMARÕES (Av. João Maurício, 121, Manaíra). Visitação diária das 11h às 22h, até 3 de outubro. Entrada franca.

DO RIO AO MAR. Fotografia do coletivo Paraibando com foco na cidade de João Pessoa.

João Pessoa: ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação até 30 de novembro. Entrada franca.

UNHANDEIJARA LISBOA. Gravura, instalação, vídeo, escultura, arte correio e outras obras na exposição *Unhandeijara Lisboa e o País de Jaguaribe*.

João Pessoa: USINA ENERGISA (Av. Juarez Távora, 243, Centro). Visitação de terça a sábado, das 13h às 18h, até 5 de outubro. Entrada franca.

VIDAS. Coletiva com 19 artistas de oito artistas.

João Pessoa: GALERIA DE ARTE LAVANDEIRA (Centro de Comunicação, Turismo e Artes, UFPB, João Pessoa). Visitação de segunda a sexta, das 9h às 12h e das 14h às 17h, até 27 de setembro. Entrada franca.

WILSON FIGUEIREDO. Pinturas e esculturas na exposição *Reminiscência Afetiva*.

João Pessoa: FUNDAÇÃO CASA DE JOSÉ AMÉRICO (Av. Cabo Branco, 3336, Cabo Branco - 3219.0900 - @fundacaocasadejose). Visitação até 23 de setembro. Entrada franca.

ELEIÇÕES MUNICIPAIS

História repleta de transformações

Pleito começou em 1532, no período colonial, para escolher o Conselho Administrativo da vila de São Vicente

Filipe Cabral
filipemscabral@gmail.com

A contagem regressiva para as Eleições Municipais 2024 — a 28ª da história do país — já começou. No dia 6 de outubro — daqui a exatos 15 dias — cerca de 155 milhões de brasileiros e 3,2 milhões de paraibanos irão às urnas para votar, em primeiro turno, em seus candidatos aos cargos de vereador e prefeito. Nas cidades com mais de 200 mil eleitores em que nenhum candidato ao Executivo obtiver mais de 50% dos votos válidos (excluindo brancos e nulos), o segundo turno de votações será realizado no dia 27 de outubro. Na Paraíba, apenas João Pessoa e Campina Grande poderão ter segundo turno por serem as únicas cidades do estado com eleitorado superior a 200 mil.

Hoje, incorporadas ao calendário e à cultura democrática brasileira, as eleições no país possuem uma trajetória própria repleta de transformações. Da primeira votação formal organizada em território nacional — ainda em 1532, durante o período colonial, para escolher o Conselho Administrativo da vila de São Vicente, na capitania de mesmo nome — até os dias atuais, o processo eleitoral passou por diversas reformas que refletiram as mudanças sociais e políticas do país.

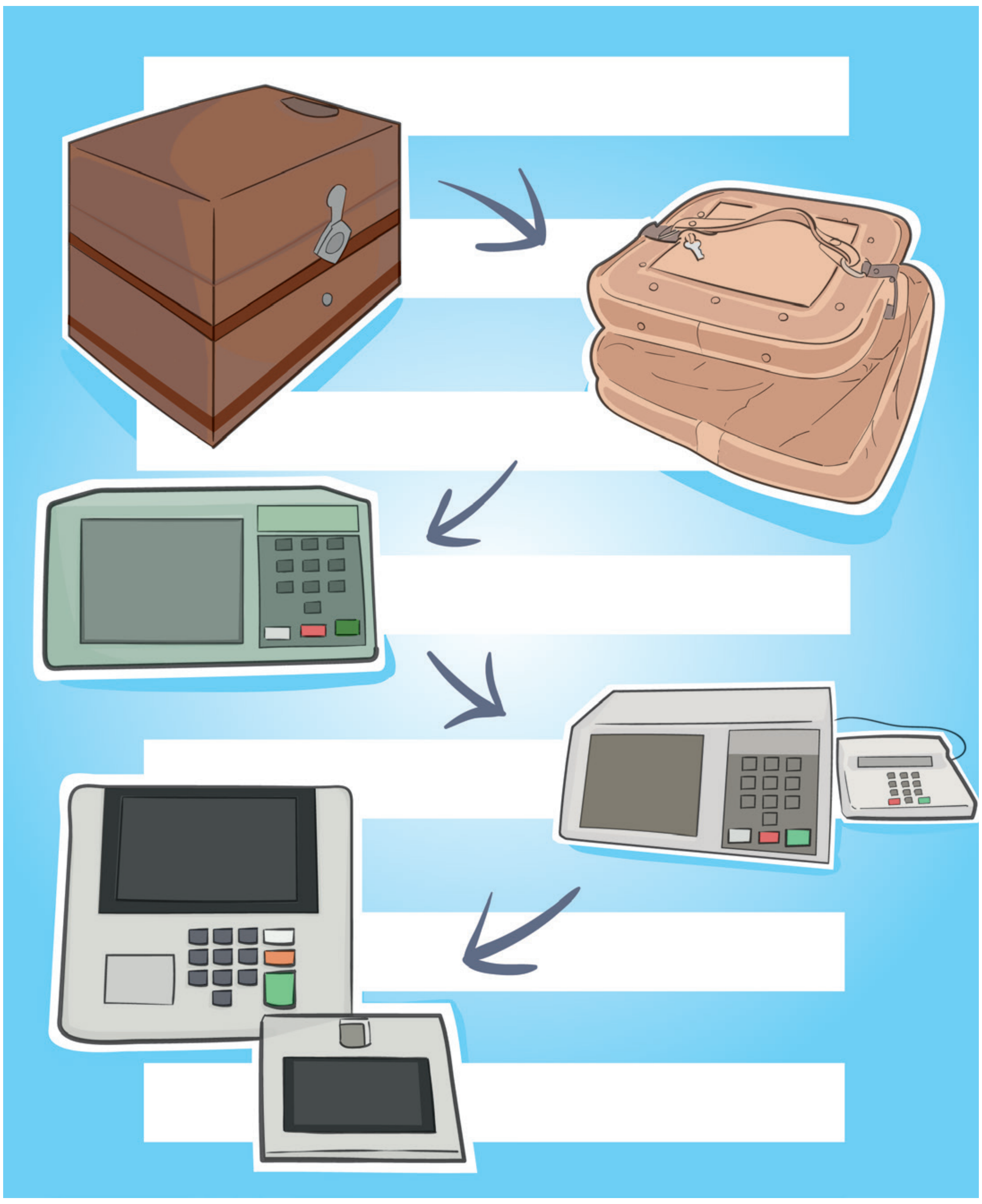


Ilustração: Bruno Chiossi

Na ilustração, um passo a passo da evolução das urnas eleitorais, desde os primeiros pleitos até as atuais eletrônicas

João Pessoa e Campina Grande poderão ter segundo turno por serem as únicas com eleitorado superior a 200 mil

Início

A primeira eleição "brasileira" em moldes modernos, por exemplo, ocorreu somente um ano antes da proclamação da Independência, em 1821. Na ocasião foram eleitos os representantes do Brasil para as Cortes Gerais, Extraordinárias e Constituintes da Nação Portuguesa, após a Revolução Constitucionalista do Porto e a volta do rei dom João VI a Portugal, em 1820. Anos depois, em 1824, a primeira Constituição brasileira, outorgada por dom Pedro I, definiu as primeiras normas do nosso sistema eleitoral, criando a Assembleia Geral — órgão máximo do Poder Legislativo à época, cuja composição já contava com Senado e Câmara dos Deputados.

O voto, no Brasil Imperial, contudo, era restrito a uma minoria privilegiada da população. As eleições eram indiretas e censitárias, o que significa: primeiro, que os eleitores votavam para escolher os membros de um colégio eleitoral que, este, sim, era responsável por eleger o imperador e outros altos cargos; e, segundo, que o direito ao voto era condicionado a critérios como renda e propriedade, excluindo, por exemplo, mulheres, indígenas e escravizados.

Com a proclamação da República, em 1889, uma nova era foi iniciada com o fim do voto censitário e o estabelecimento do voto direto para deputados e senadores. Todavia, a Primeira República (1889-1930) foi marcada por fraudes e manipulações eleitorais, com governadores estaduais exercendo forte controle sobre o processo eleitoral em seus estados. São dessa época as chamadas "Eleições a Bico de Pena", em que o voto aberto (não secreto) facilitava a coerção dos eleitores pelos líderes locais. Não à toa, também datam desse período as expressões "voto de cabresto" e "voto de curral".

Golpes e reformas

Nas décadas seguintes, o processo eleitoral passou por uma série de reformas significativas com a Revolução de 1930 e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder. O Código Eleitoral de 1932, por exemplo, instituiu o voto secreto e garantiu o direito de voto às mulheres.

Contudo, com a instauração do Estado Novo de Vargas após o golpe de Estado de 1937, as eleições foram suspensas até 1945. Após a redemocratização, em 1946, uma nova Constituição foi promulgada, restabelecendo eleições diretas para os principais cargos políticos do país.

A estabilidade do processo eleitoral, entretanto, não foi suficiente para garantir a estabilidade política. Em 1964, o golpe civil-militar, que depôs o então presidente João Goulart, instaurou uma ditadura que suspendeu o voto direto dos cidadãos para cargos majoritários durante praticamente duas décadas. Durante o período, o voto direto era exclusivo a deputados federais, estaduais e vereadores. Somente em 1984, após mobilizações populares como a campanha "Diretas Já", o Brasil voltou a ter eleições diretas.

Constituição de 1988 consolidou retomada da democracia

Em 1988, a promulgação da Constituição Federal consolidou a retomada democrática no país, garantindo direitos políticos fundamentais e estabelecendo um sistema eleitoral mais robusto. A partir daí, o sistema eleitoral brasileiro passou ainda por diversas reformas para aumentar a transparência e a representatividade. Entre as novas medidas implementadas, destaca-se a adoção das urnas eletrônicas em 1996. Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), mais do que combater as fraudes, o voto informatizado também agregou, "qualidade, agilidade, transparência, segurança e robustez" ao processo eleitoral.

Em termos legais, é possível ressaltar medidas mais recentes como a Emenda Constitucional nº 97/2017, que proibiu coligações partidárias nas eleições proporcionais e estabeleceu normas sobre o acesso dos partidos políticos aos recursos do fundo partidário e ao tempo de propaganda gratuito no rádio e na televisão; a Lei 14.192/2021, que tornou crime a violência política de gênero; a Lei 14.211/2021, que reduziu o limite de candidaturas que cada partido pode registrar; e a Emenda Constitucional nº 117/2022, que impôs aos partidos a aplicação de recursos do fundo partidário na promoção e na difusão da participação política das mulheres, bem como a divisão do tempo de propaganda gratuita no rádio e na televisão no percentual mínimo de 30% para candidaturas femininas.

Vantagens

Segundo o Tribunal Superior Eleitoral, mais do que combater fraudes, o voto informatizado também agregou "qualidade, agilidade e transparência"

Atualmente, tramita no Congresso Nacional uma proposta para um "Novo Código Eleitoral" (PLP 112/2021), que visa unificar e modernizar toda a legislação eleitoral brasileira. Além disso, uma "minirreforma eleitoral" (PL 4438/2023) foi aprovada na Câmara dos Deputados em 2023, trazendo medidas como a oferta de transporte público gratuito no dia das eleições e a legalização de candidaturas coletivas para cargos de deputado e vereador. O texto, contudo, ainda não foi apreciado pelo Senado.

Ainda sobre a modernização do sistema eleitoral para atender as demandas da sociedade, neste ano, o TSE regulamentou, de maneira inédita, o uso da inteligência artificial (IA) na propaganda de partidos, coligações, federações partidárias, candidatas e candidatos nas Eleições Municipais. As 12 resoluções aprovadas pela Corte estabelecem, por exemplo, que os partidos e candidatos deverão avisar quando os conteúdos de propaganda forem produzidos com uso de IA e que os provedores de internet e plataformas digitais são obrigados a combater a disseminação de notícias falsas, assim como discursos de ódio ou com teor antidemocrático.

Desafios

De acordo com o professor de Direito Eleitoral da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Renato César Carneiro, o sistema eleitoral brasileiro ainda tem muito a ser aperfeiçoado, sobretudo no que se refere à redução de violência nas eleições, à compra de votos e à fraude eleitoral. Contudo, segundo o jurista, tais melhorias não dependem exclusivamente da Justiça Eleitoral.

"Para isso, nós precisamos reduzir as desigualdades sociais e econômicas do país, porque nós não podemos falar em democracia se há uma dependência enorme de uma grande parte do eleitorado brasileiro. Não há democracia se há desigualdade social e econômica. Não há que se falar em democracia, se não há liberdade econômica do eleitorado. Esse é o grande desafio da nossa democracia", pontuou.

Sobre o contexto eleitoral deste ano, o professor explica que o crescimento do eleitorado — em 2024, o Brasil terá, segundo o TSE, a maior eleição municipal da história — acompanha uma tendência histórica: "Toda eleição será sempre maior que a outra", resumiu.

Em relação às expectativas sobre a participação política da população, ele observa: "A tendência é que os eleitores sigam ou reflitam o comportamento da representação política, isto é, da classe política. Os exemplos sempre vêm ´de cima`. Ou seja, o eleitorado — quem está ´por baixo` — é um espelho das lideranças políticas do país. A questão é que os exemplos não têm sido bons. Infelizmente essa é a realidade do momento que nós passamos no país".

APRIMORAMENTO

Novo texto moderniza a Lei Geral do Turismo

Atualização prevê investimentos para empresas e proteção para consumidores

Da Redação
Com Agência Gov



Fotos: Ricardo Stuckert/PR

Governo Federal espera aumentar a qualidade dos serviços e o número de viajantes no Brasil

A Lei Geral do Turismo, que define as atribuições do Governo Federal no planejamento, desenvolvimento e estímulo ao setor turístico, foi atualizada e modernizada nesta semana.

O novo texto, sancionado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, é resultado de amplos debates entre o Governo Federal, o parlamento e a iniciativa privada. A legislação desburocratiza, aprimora e favorece uma maior integração entre o Poder Público e a iniciativa privada.

De acordo com o Governo Federal, o foco está na atração de investimentos e no desenvolvimento das atividades turísticas no país. A atualização da lei também protege, diretamente, o consumidor, ao definir que os profissionais da área devem estar registrados no Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (Cadastur) para divulgarem seus serviços, o que ajuda a reprimir golpes.

O reconhecimento de produtores rurais e agricultores familiares como prestadores de serviços turísticos, mesmo que na condição de pessoa física, é outro avanço da nova Lei Geral do Turismo. Ela autoriza a manufatura e a comercialização da produção, assegurando uma renda complementar, sem que isso implique em perda da condição de produtor rural.

Balanço

Segundo dados do Ministério do Turismo, da Embratur e da Polícia Federal, cerca de quatro milhões de estrangeiros estiveram no Brasil entre janeiro e julho de 2024. O número é 10,4% maior que o registrado no mesmo período em 2023 e 1,9% superior à marca de 2019.

Nos sete primeiros meses de 2024, conforme o Banco Central, os gastos dos visitantes internacionais somaram R$ 23,7 bilhões, quase R$ 1 bilhão a mais que no mesmo período de 2023.

Em relação ao turismo dos brasileiros, em 2023, foram registradas 21,1 milhões de viagens, 71,5% a mais do que o observado em 2021. Ao todo, 20,4 milhões, o equivalente a 97% das viagens dos brasileiros, foram realizadas para destinos nacionais. Esse fluxo resultou em uma movimentação da economia nacional na ordem de R$ 20 bilhões, um crescimento de 78,6% em relação a 2021, quando as viagens domésticas movimentam R$ 11,3 bilhões.

Empregos

Segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), mais de 110 mil empregos no turismo nacional foram criados entre janeiro e julho de 2024. O número é 35% superior ao ramo da agropecuária, que gerou 80,9 mil empregos. A abertura de vagas no turismo quase se iguala à do comércio (120 mil vagas).

Entre as atividades de destaque ligadas à geração de empregos no turismo, estão alojamento e alimentação (8,2 mil), arte e cultura (959) e eventos (720). Ao longo de todo o ano de 2023, o turismo criou 214 mil vagas no país. Desde o início de 2023, já foram abertas mais de 315 mil oportunidades no setor.

Turismo corporativo

O turismo corporativo no Brasil deve fechar o ano de 2024 com faturamento de R$ 15 bilhões, segundo estimativa da Associação Brasileira de Agências de Viagens Corporativas (Abracorp). Confirmada a projeção, o valor será 10% superior ao arrecadado em 2023 (R$ 13,5 bilhões) e ficará 18,5% acima do registrado em 2019 (R$ 11,3 bilhões). Nos sete primeiros meses de 2024, o setor já faturou R$ 7,9 bilhões.

Parceria

Durante o evento que marcou a sanção da nova lei, ocorrido no Palácio do Planalto, em Brasília, também foi assinado um acordo entre o Brasil e a ONU Turismo para a instalação de um escritório da instituição internacional no Rio de Janeiro. O gabinete será dedicado ao fortalecimento da atividade na região das Américas e do Caribe, bem como à determinação de contribuição financeira do Brasil para a entidade.

Norma garante R$ 6 bilhões para a aviação

Outro destaque é a permissão para a utilização dos recursos do Fundo Nacional de Aviação Civil (Fnac) para empréstimos e aquisição de querosene de aviação em aeroportos da Amazônia Legal e também para o desenvolvimento de projetos de combustíveis renováveis.

A medida terá impactos na renovação das suas frotas, na atração de mais voos e na conectividade para a região amazônica, além de contribuir para a promoção de uma aviação mais sustentável e responsável.

O novo normativo garantirá o aporte de R$ 6 bilhões ao modal de transporte aéreo, por meio de financiamento às companhias brasileiras. Os recursos serão transformados em melhorias para elevar a qualidade do turismo e aprimorar a experiência dos passageiros.

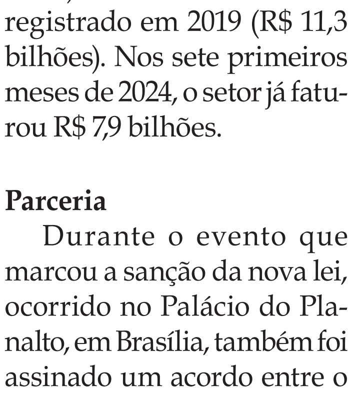
O ministro de Portos e Aeroportos, Silvio Costa Filho, ressaltou que a nova lei é um passo importante para incluir mais passageiros no setor e ampliar as cidades atendidas por meio da aviação comercial. "Em 2022, nós tivemos 98 milhões de passageiros voando pelo Brasil. No ano passado, já saltamos para mais de 112 milhões. Isso significa que, no primeiro ano do governo, nós tivemos um crescimento de quase 15%. Nossa meta é ampliar, ainda mais, esse percentual", declarou.

Mais do que estimular e fortalecer o setor aéreo, a destinação de crédito, que será concedido via Fundo Nacional de Aviação Civil, trará benefício e maior acesso aos aeroportos regionais, em especial aos que estão localizados na Amazônia Legal.

Desenvolvimento

O presidente Lula destacou que a nova lei vai beneficiar, além dos passageiros, toda a cadeia do turismo. "Cabe ao Estado garantir condições de transporte, e nós sabemos das dificuldades dos voos regionais no Brasil. Temos que garantir estradas confortáveis e preços competitivos, que permitam às pessoas viajarem. Com essa lei, queremos construir uma coisa boa para o empresário, que investe no turismo, e para o consumidor, que fará a indústria crescer", finalizou.

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) será o operador primário do Fnac para a ampliação do setor de turismo brasileiro.



"No primeiro ano do governo, nós tivemos um crescimento de quase 15%. Nossa meta é ampliar, ainda mais, esse percentual

Silvio Costa Filho

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

A família Maroja e a incultura de Itabaiana

Meu estimado amigo, jornalista Geraldo Almeida, fez a gentileza de me ofertar dois livrinhos de sua Editora Itabaiana Hoje. Um dos livros é uma relíquia da literatura itabaianense, escrito por Mário Melo, contando a viagem que fez no começo do século 20 à Fazenda Modelo, em companhia do Dr. Odilon Maroja. O relato foi publicado no Jornal O Município, da cidade de Itabayanna, como se grafava na época. O autor conta que partiu de Itabaiana para Salgado de São Félix a cavalo, passando por Guarita, "uma pequena povoação que antes era conhecida por Lauro Muller, nome em homenagem ao ministro que mandou fazer a estrada de ferro e a belíssima ponte ferroviária", ainda hoje existente no vilarejo. Na viagem, os excursionistas visitaram as obras do "templo cathólico de estylo góthico", que vem a ser a igreja de Guarita. O autor demonstra certa depressão ao passar "entre meia dúzia de casas brancas, sem estylo, sem arte, sem alinhamento". Guarita permanece quase do mesmo jeito.

Os viajantes são recebidos na Fazenda Modelo, na povoação de Salgado de São Félix, "uma pequena vila semelhante à Guarita, se bem que mais povoada, tendo uma rua única, de cerca de cincoenta metros de largura, que se estreita mais adiante num lastimável desalinhamento, para se alargar aproximando-se do leito do rio". De utilidade pública, possui apenas duas escolas municipais, uma agência dos Correios e a capelinha consagrada a São Félix. Quem olha para o oriente, vê um prédio de estilo não definido, aparentando um "pomposo palácio". É a casa do dono da Fazenda Modelo, cujas terras penetram no estado de Pernambuco, com as propriedades Salgado, Alagamar, Campos, Amazonas e São José, as duas últimas em terras pernambucanas. Nessas fazendas plantava-se o algodão e se praticava a criação de gado vacum. Na época, Odilon Maroja fazia melhoramentos genéticos em búfalos e outras raças, como a famosa vaca leiteira "Hollandeza". Na fazenda, ainda imperava o "Caracu", primeiro boi trazido para o Brasil, de origem portuguesa, bom de carne, de trabalho e de leite. Resumindo, o autor destaca a Fazenda Modelo de Odilon Maroja como "um empreendimento notável pela situação geográfica e geológica, pela uberdade do solo e condições climáticas". Sem falar na administração modelo.

Hoje, você chega a Salgado, vindo de Itabaiana, e vê o antigo "pomposo palácio" dos Maroja caindo aos pedaços, em ruínas, corroído pelo descaso, denotando o desrespeito à memória do lugar. Ruínas urbanas e rurais, porque a Fazenda Modelo nasceu antes do povoado. É a gênese de Salgado de São Félix, que deixa à margem sua riqueza histórico-cultural. Lastimável o fim de uma fazenda que já foi considerada modelo no começo do século 20, hoje um imóvel esquecido pelos herdeiros e pelo Poder Público, em processo quase irreversível de degradação.

Cláudio Maroja mora em São Paulo. Bisneto de Odilon Maroja, ele andou fazendo uma pesquisa na internet sobre sua família, indo parar no meu *blog* "Toca do Leão". Cláudio informa que em São Paulo o clã dos Maroja está resumido a seis ou sete pessoas. "As histórias que sei sobre a família foram repassadas pelo meu avô Arnóbio Maroja e gostaria de me aprofundar sobre o assunto", diz o descendente dessa importante família do Vale do Paraíba.

Respondi a Cláudio Maroja que a Editora Itabaiana Hoje é apenas um sonho que vive na mente e no coração do jornalista Geraldo Aguiar, um homem incrível que mora em uma cidade onde 94% das pessoas nunca foi a um museu e igual número jamais frequentou uma exposição de arte. Em sua população de 26 mil habitantes, 79% nunca assistiu a um espetáculo de dança; 82% não possui computador em casa; 98% dos gastos familiares vão para bens não culturais e a cidade não possui uma única sala para qualquer atividade cultural. Em um ambiente assim, Geraldo Aguiar mantinha circulando um jornal literário, o Itabaiana Hoje, cujas despesas ele tirava do próprio bolso e saía, ele mesmo, distribuindo de casa em casa o seu jornal, na esperança de que as pessoas tomassem gosto pela leitura. No dizer do senador Cristóvam Buarque, "a deficiência em termos de acesso à cultura reflete-se na alma dos brasileiros, contribuindo para a falta dos valores de solidariedade, para a elevação da corrupção e o aumento da violência".

Colunista colaborador

MEMÓRIA, VERDADE E JUSTIÇA

Fórum quer reparação a indígenas

Trabalho investigativo mapeou violações cometidas contra os povos tradicionais durante a Ditadura Militar


Foto: Ricardo Stuckert/PR

Grupo, coordenado pelo Ministério Público Federal, discute problemas atuais que possuem origem em questões históricas

"Em 2024, 60 anos após o início da Ditadura Militar, ainda estamos procurando caminhos para descobrir a verdade". Com essas palavras, a subprocuradora-geral da República, Ana Borges, que também é coordenadora substituta da Câmara de Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais do Ministério Público Federal (MPF), abriu a solenidade de lançamento do Fórum Povos Indígenas: Memória, Verdade e Justiça, ocorrida na última terça-feira (17).

O evento, realizado em Brasília, marcou o início de um trabalho que tem por objetivo ampliar o debate em favor de um processo de reparação integral aos povos indígenas, vítimas de violações cometidas pela Ditadura Militar, e formular uma proposta de implementação da Comissão Nacional Indígena da Verdade (CNiv), a ser estabelecida pelo Estado brasileiro.

Coordenado de forma conjunta pelo MPF, pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), pelo Observatório dos Direitos e Políticas Indigenistas (Obind) e pelo Instituto de Políticas Relacionais (IPR), o fórum será composto por organizações indígenas, entidades da sociedade civil, representação de órgãos públicos e de instituições acadêmicas. Especialistas em Direitos Humanos e representantes de outras instituições — nacionais ou internacionais — envolvidas ou interessadas na temática também participarão da iniciativa.

A adesão é voluntária e está aberta às entidades que concordarem com os termos estabelecidos na Carta de Princípios. As solicitações de ingresso serão analisadas pelos coordenadores da iniciativa e podem ser feitas pelo e-mail forum-memoria-lista@mpf.mp.br.

Não repetição

Durante o lançamento do fórum, a subprocuradora-geral da República lembrou que as violações aos direitos de povos indígenas não começaram com a Ditadura Militar. "Desde o momento em que os invasores aqui chegaram, violações, tragédias e genocídios marcaram a história deste país", disse. Ana Borges reforçou que, embora a Constituição Federal de 1988 tenha sido promulgada a partir de um viés de pacificação nacional, isso não significa esquecimento. "Conhecer a verdade e a história é fundamental para garantir reparação para as vítimas de violências e evitar que os erros do passado se repitam", argumentou.

O coordenador-executivo da Apib, Kleber Karipuna, destacou que o fórum deve servir para discutir também os problemas atuais, muitos dos quais têm origem em questões históricas. "É preciso trazer para o centro do debate as violações e violências que os povos indígenas sofreram e seguem sofrendo, durante o Regime Militar e ainda nos dias de hoje", defendeu.


Foto: Leobark Rodrigues/MPF

Desde o momento em que os invasores aqui chegaram, violações, tragédias e genocídios marcaram a história deste país

Ana Borges

Comissão Nacional da Verdade pede que Estado assuma responsabilidade

As violências cometidas contra povos indígenas pelo Regime Militar foram mapeadas, de forma inicial, pela Comissão Nacional da Verdade (CNV). Divulgado em 2014, o relatório final desse mapeamento contou com um anexo específico para tratar do tema e apontou que, pelo menos, 8.350 indígenas — integrantes de 10 dentre os 305 povos originários existentes no país — foram mortos durante o período.

A comissão recomendou que o Estado brasileiro assumisse sua responsabilidade pelas violações — incluindo não só as mortes, mas também situações como a remoção forçada de povos originários de seus territórios —, além de instalar uma Comissão Nacional Indígena da Verdade.

Promover a articulação e os debates necessários para a implantação da CNiv é justamente o objetivo do fórum, como pontuou o procurador-regional da República, Marlon Alberto Weichert. De acordo com ele, a Comissão Nacional Indígena da Verdade deve ser fruto de uma construção coletiva, característica que garante sua legitimidade e capacidade de articulação. Entretanto, a instalação da comissão está sob a responsabilidade do Estado brasileiro. "É o Estado que tem o dever de investigar, revelar a verdade, reparar e adotar medidas de não repetição", afirmou.

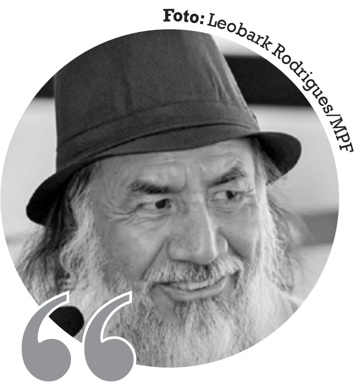
Nessa linha, Paulino Montejo, assessor político da Apib, lembrou: "De nada adianta a análise da violência cometida, a reparação integral e o objetivo de não repetição se o Estado não se responsabilizar nesse sentido. A correção de rumos deverá ocorrer no âmbito de políticas estruturais conduzidas pelo governo".

O procurador da República Marco Antônio Delfino, coordenador do Grupo de Trabalho Prevenção contra Atrocidades contra Povos Indígenas e Formas de Reparação, afirmou que, no Brasil, há uma guerra silenciosa contra os povos originários. "É fundamental que essa invisibilidade seja levantada e que tenhamos a capacidade de reescrever a história", reivindicou.

Homenagem

Numa solenidade marcada pela emoção, o protagonismo dos povos indígenas em todo o processo de mobilização e debate que resultou na criação do fórum e o caráter coletivo da iniciativa foram lembrados por Daniela Greeb, diretora-geral do Instituto de Políticas Relacionais, e por Elaine Moreira, coordenadora do Observatório dos Direitos e Políticas Indigenistas. Elas também falaram sobre o papel do pesquisador Marcelo Zelic, do Armazém da Memória, um dos responsáveis pelos estudos sobre violências contra os povos indígenas realizados pela Comissão Nacional da Verdade, falecido no ano passado.

Indígenas, integrantes da Funai, do Ministério dos Povos Indígenas, do Alto Comissariado para os Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas, do Instituto Socioambiental, da Defensoria Pública da União, do Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania, entre outras entidades e instituições, manifestaram apoio à iniciativa durante o evento.


Foto: Leobark Rodrigues/MPF

De nada adianta a análise da violência se o Estado não se responsabilizar. A correção de rumos deve ocorrer no âmbito de políticas estruturais

Paulino Montejo

Demarcação de terras e respeito a direitos culturais são essenciais

Além de discutir aspectos legais, administrativos, políticos e metodológicos relativos à CNiv, o fórum tem o propósito de promover o debate interinstitucional e a sensibilização da sociedade brasileira e internacional para a revelação da verdade, o resgate da memória, a responsabilização de perpetradores, a reparação integral e a não repetição da violação de direitos humanos cometida contra os povos indígenas. A intenção é promover mudanças estruturais que garantam justiça efetiva para esses povos, o reconhecimento e o respeito pleno a seus direitos fundamentais, territoriais, culturais e sociopolíticos.

O fórum vai resgatar e repercutir, junto à sociedade, as recomendações da CNV, incluindo aquela que estabelece a demarcação de territórios como forma de reparação. O grupo ainda vai apoiar, estimular e difundir iniciativas de diversos povos originários — já em curso, em prol do intercâmbio de experiências com povos de outros países que trabalham as temáticas — e fomentar articulações internacionais.

O prazo para apresentação de uma proposta inicial para a criação da CNiv é de 12 meses. A primeira reunião do grupo está marcada para o dia 5 de novembro. Como encaminhamento, as entidades que já integram o grupo deverão iniciar diálogos e identificar outros atores e especialistas que possam vir a participar do fórum.


Foto: Leobark Rodrigues/MPF

Evento, realizado em Brasília, reuniu representantes da Apib, do Obind e do IPR

NOVO EDITAL

UFCG abre 151 vagas em 38 cargos

Inscrições começam no dia 28 de outubro e seguem abertas até 11 de novembro, na página da instituição

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

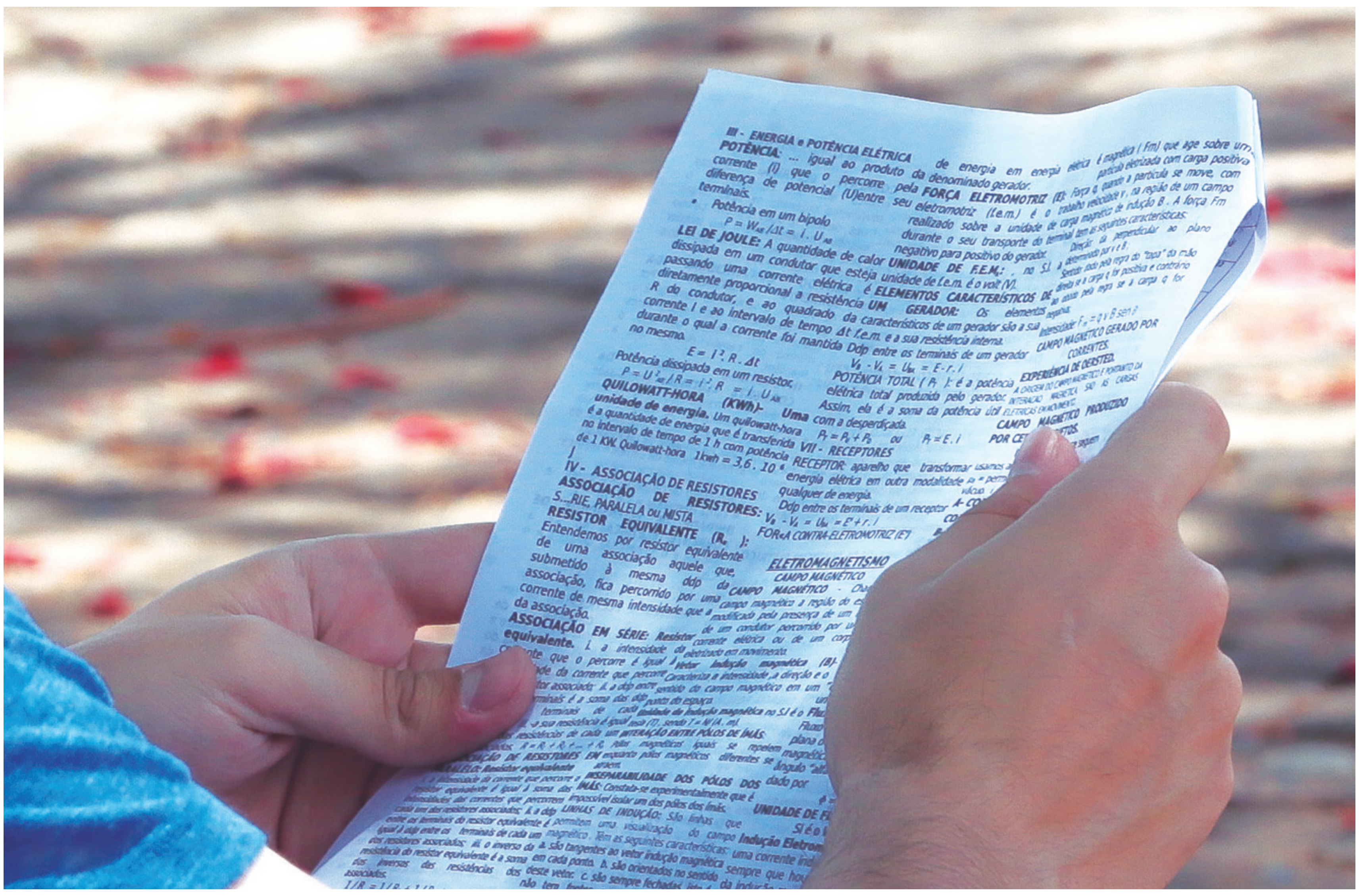


Foto: Antônio Cruz/Agência Brasil

Provas objetivas, marcadas para o dia 2 de fevereiro de 2025, terão questões de Língua Portuguesa, Legislação, Informática e Conhecimentos Específicos

Os concurseiros já podem, enfim, focar seus estudos para o certame da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Com edital publicado na última segunda-feira (16), o concurso oferece 151 vagas para funções técnico-administrativas, distribuídas em 38 cargos diferentes, abrangendo os níveis técnico e superior. Dentro desse total, 30 vagas são reservadas para candidatos que se declararem pretos ou pardos e outras oito vagas são destinadas a pessoas com deficiência (PCD).

As remunerações variam de R$ 2.120,13 (classe C — nível fundamental) a R$ 4.556,92 (classe E — nível superior), e o edital prevê pagamento de auxílio-alimentação no valor de R$ 1 mil. Já as jornadas de trabalho podem ser de 20 e 40 horas semanais.

O maior número de vagas é para o cargo de assistente em Administração, com 68 oportunidades disponíveis. Outro cargo de destaque é o de técnico de Tecnologia da Informação, que oferece 12 vagas.

As inscrições serão iniciadas no dia 28 de outubro e poderão ser feitas até o dia 11 de novembro, no *site* da UFCG. As taxas de inscrição variam de R$ 100 a R$ 150, conforme o cargo escolhido.

As provas objetivas estão marcadas para o dia 2 de fevereiro de 2025 e serão realizadas nas cidades de Campina Grande, Cajazeiras e Patos. A prova terá 50 questões de múltipla escolha, sendo 20 questões de conhecimentos comuns, como Língua Portuguesa, Legislação e Informática Básica, e 30 questões de conhecimentos específicos. Cada candidato terá três horas para responder as questões.

> Remunerações variam de R$ 2,1 mil a R$ 4,5 mil, para jornadas de trabalho que podem ser de 20 e 40 horas semanais

Também será aplicada prova prática para os cargos de técnico de laboratório — nas aréas de Física; Anatomia e Necropsia; e Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto) —, músico (pianista correpetidor), químico e engenheiro de alimentos.

Os aprovados no concurso, organizado por uma comissão própria, serão nomeados para atuar em qualquer um dos sete *campi* da UFCG, situados nas cidades de Campina Grande, Cajazeiras, Cuité, Patos, Pombal, Sousa e Sumé. A nomeação dependerá da classificação do candidato e da disponibilidade de vagas em cada *campus*.

O concurso será válido por dois anos, contados a partir da data de publicação da homologação do resultado final no Diário Oficial da União (DOU), com possibilidade de prorrogação por igual período.

Pelo *QR Code* acima, acesse o edital do concurso da UFCG

Saiba Mais

As oportunidades abrangem as classes C, D e E, antes denominadas, respectivamente, como de Apoio, Intermediário e de Nível Superior. Confira, abaixo, os cargos com vagas disponíveis:

- Classe C: assistente de aluno
- Classe D: assistente em Administração, técnico de Tecnologia da Informação, técnico em Agropecuária, técnico em Contabilidade, técnico em Enfermagem e técnico de laboratório — nas áreas de Anatomia e Necropsia; Edificações; Bioquímica e Biologia Molecular; Microbiologia; Física; Química; e Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto.
- Classe E: analista de Tecnologia da Informação, arquivista, contador, enfermeiro, engenheiro de alimentos, engenheiro ambiental, engenheiro civil, engenheiro eletricista, engenheiro mecânico, engenheiro químico, médico veterinário, médico psiquiatra, médico clínico-geral, músico, nutricionista, odontólogo, pedagogo, produtor cultural, psicólogo, químico, técnico desportivo e técnico em Assuntos Educacionais.

Certame para professor da UFPB inscreve a partir de amanhã

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) também realizará concurso para contratação de servidores. As oportunidades, entretanto, são exclusivas para docentes do Magistério Superior e do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, totalizando 11 vagas, distribuídas em seis centros de ensino: Centro de Ciências Médicas (CCM), Centro de Ciências da Saúde (CCS), Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA), Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), Centro de Tecnologia (CT) e Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA). As remunerações variam de R$ 3.546,99 a R$ 11.481,64, conforme o regime de trabalho e a titulação do professor.

As inscrições serão iniciadas amanhã e seguem até o dia 23 de outubro. Elas podem ser feitas presencialmente — pelo próprio candidato ou por um procurador —, na secretaria do departamento responsável pela área do concurso, ou por via postal (Sedex). As taxas variam de R$ 60 a R$ 160. Candidatos que têm direito à isenção da taxa devem solicitar o benefício até a sexta-feira (27).

As seleções incluirão prova escrita e didática, ambas com caráter eliminatório, além do exame de títulos, que terá caráter classificatório. Para as vagas da classe Adjunto A, haverá também a prova de plano de trabalho, com caráter eliminatório. As datas das provas e a divulgação do resultado final ainda não foram informadas.

Esse é o segundo concurso para docentes promovido pela UFPB em 2024. O primeiro, que ofereceu 21 vagas, encerrou as inscrições em 26 de julho.

Pelo *QR Code* acima, acesse o edital para o Magistério Superior

Pelo *QR Code* acima, acesse o edital para o Ensino Básico, Técnico e Tecnológico

Assistente de aluno garante um ambiente universitário acolhedor

Na Universidade Federal da Paraíba, o cotidiano de Raquel Lira, assistente de aluno, é marcado pela dedicação e pelo desejo de contribuir para um ambiente universitário acolhedor e seguro. Formada em Psicologia, Raquel sempre teve um forte apelo para o apoio aos estudantes, especialmente em momentos de transição e desafios. Ao ingressar na UFPB, há cinco anos, ela viu na posição de assistente de aluno uma oportunidade de fazer a diferença na vida dos colegas.

"Eu escolhi essa carreira porque acredito que a universidade deve ser um espaço onde todos se sintam apoiados e respeitados", explica Raquel. Sua rotina inclui não apenas a orientação dos alunos sobre questões disciplinares e comportamentais, mas também o cuidado com sua saúde e segurança. Raquel dedica parte de seu tempo conversando com os alunos sobre a importância da pontualidade e comportamento adequado. "É fundamental que eles entendam como suas atitudes impactam o ambiente universitário", afirma.

Em casos de emergências, como acidentes ou problemas de saúde, ela também é a primeira a prestar assistência, encaminhando os alunos para o suporte médico ou odontológico necessário. Outra função vital é a manutenção da higiene e conservação das dependências da universidade, para garantir um ambiente propício ao aprendizado e à convivência. "Também auxilio os professores nas atividades didático-pedagógicas, ajudando na organização de materiais e na execução de atividades", complementa Raquel.

Apesar dos desafios diários e da rotina complexa, Raquel acredita que a função de assistente de aluno é fundamental para a construção de um espaço de aprendizado harmonioso. "Nós somos um suporte, um elo entre os alunos e a universidade. Cada dia é uma nova chance de impactar positivamente a vida de alguém", finaliza, com um sorriso no rosto e a determinação de continuar sua missão.

Oportunidade

Para aqueles que se interessam pela carreira, a Universidade Federal de Campina Grande está ofertando vaga na área, no concurso atual para técnico-administrativo. Para tanto, é preciso ter concluído o Ensino Médio/Técnico. A carga horária de trabalho será de 40 horas semanais.

Selic	Salário mínimo	Dólar $ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina
Fixado em 18 de setembro de 2024		+1,78%	+1,77%	+1,97%
10,75%	R$ 1.412	R$ 5,521	R$ 6,162	R$ 7,348

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

Agosto/2024	-0,02
Julho/2024	0,38
Junho/2024	0,21
Maio/2024	0,46
Abril/2024	0,38



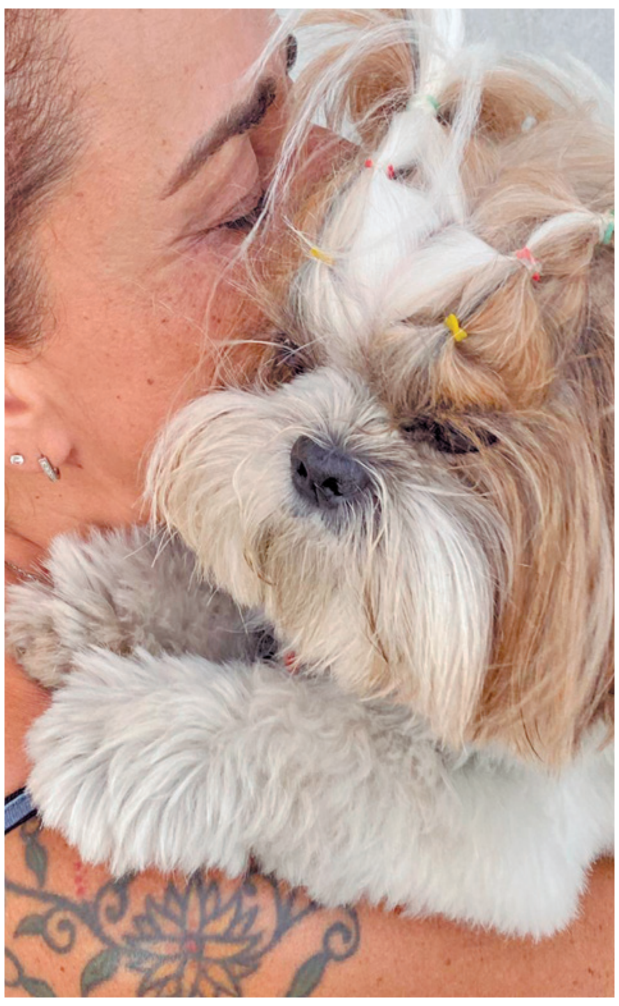
NEGÓCIOS

Setor voltado aos animais domésticos cresce na PB

Mercado faturou R$ 68,7 bilhões em 2023 e bateu recorde do segmento

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

O Brasil tem a terceira maior população de animais de estimação do mundo, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (Abinpet). De acordo com dados da entidade referentes ao ano de 2022, são cerca de 160 milhões de *pets* no país, entre cães, aves, gatos, peixes ornamentais, pequenos répteis e outros pequenos mamíferos. Isso torna o mercado de cuidados médicos e produtos para *pets* cada vez maior e mais lucrativo.


Foto: Arquivo pessoal
Tchocco, um cachorro de seis anos da raça Shih Tzu

Esse setor do mercado brasileiro faturou R$ 68,7 bilhões em 2023, aumento de 14% em relação a 2022 e recorde do segmento. De janeiro a dezembro de 2023, o segmento de Alimentos para Animais de Estimação chegou a R$ 38,1 bilhões.

De acordo com dados do Sebrae Paraíba, o estado conta com 1.407 *pet shops*, sendo 820 deles em João Pessoa. "Nem todo *pet shop* tem veterinário. Mas temos um número crescente dos negócios, em geral, dessa área. Outros negócios comuns na área veterinária são as clínicas. Temos hoteis para animais, escolas de cursos para especializações veterinárias, laboratórios de diagnósticos, fabricação de produtos veterinários, serviços móveis, reabilitação e fisioterapia animal", elencou o analista técnico do Sebrae Agência Sul, Lhano Osawa.

A psicóloga Rita Ramalho contou que todos os meses gasta cerca de R$ 500 com alimentação e higiene de Tchocco, um cachorro de seis anos da raça Shih Tzu. "Também tem os gastos com saúde que são previsíveis, como as vacinas, vermífugos e prevenção para carrapatos. A média anual é de R$ 1.000. Tem os gastos não previsíveis, como quando adoece: consulta médica, exames, medicação. No mês passado, tive uma despesa de R$ 1.100. Tem ainda despesas outras, como quando precisamos viajar e não temos como levá-lo. Uma diária num hotelzinho para *pets* custa em média R$ 80", lembrou.

Ela afirmou que, por não ser o seu primeiro *pet*, já estava preparada para essas despesas, tanto que passou um ano planejando a adoção porque antes não estava com condições financeiras favoráveis. "Esse aspecto econômico precisa ser pensado com muita atenção. Muitas pessoas adotam raças que exigem produtos específicos, sem pensar no econômico, e acabam tendo problemas para manter o bichinho ou ele sofrendo com restrições", destacou.

Ela acredita que a conexão com os animais justifica as despesas. "A companhia e o amor dele mais que compensam o que eu faço por ele. Sim, os gastos são para um ser que amo e respeito. Não é gasto, é investimento. Acho que as pessoas têm descoberto cada dia mais que a companhia dos *pets* é muito importante para a saúde mental da família", comentou.

Veterinário diz ainda haver espaço para investir



Fotos: Natanael Filho/Arquivo pessoal


Natanael Filho viu demanda reprimida por melhores atendimentos e decidiu construir um hospital veterinário

Ainda há muitas oportunidades para a expansão desse mercado no estado, conforme acredita o médico veterinário Natanael Filho. "Esse mercado cresceu muito nos últimos anos, principalmente durante a pandemia. Teve um *boom* que João Pessoa não conseguiu acompanhar. Ainda falta muita coisa aqui", avaliou. Ele decidiu investir na construção de um hospital veterinário na cidade, que deve inaugurar ainda neste ano.

Ele contou que teve a ideia justamente por perceber que era uma demanda não suprida. "Agora mesmo estou com uma paciente que é uma gatinha que nasceu com uma falha anatômica no coração e a tutora dela vai levá-la a Maceió para fazer a cirurgia porque não temos estrutura para isso em João Pessoa, já que o hospital ainda não inaugurou", contou.

Quando estiver funcionando, o local contará com UTI, hemodiálise, tomografia, fisioterapia, nutrição animal, além de todas as especialidades veterinárias. São diversos serviços que atualmente o tutor de *pet* em João Pessoa precisa viajar para ter acesso.

"Quando comecei a atuar na área, há nove anos, tinha-se o perfil muito generalista, todo mundo cuidava de tudo. Nos últimos cinco anos, houve, um crescimento nas especialidades", contou ele, cuja especialidade é nefrologia. O avanço no cuidado ajudou inclusive a aumentar a expectativa de vida deles. "Antes a gente dizia que um cachorro vivia, em média, de 10 anos a 12 anos; agora a gente já fala em 14 anos a 18 anos", comentou.

Para o profissional, o perfil dos clientes também mudou. "As pessoas não têm mais cachorro, têm filho. Tanto que antes a gente chamava de proprietário e hoje a gente chama de tutor ou até mesmo de pai/mãe de *pet*. É comum que casais recém-casados iniciem a vida com um cachorro, e eles dizem: 'A gente está treinando para ver se depois quer uma criança'".

Para Natanael, essa valorização da companhia animal é maravilhosa, pois motiva os profissionais da área a se aperfeiçoar e buscar um atendimento cada vez melhor. Ele também percebeu que o tíquete médio aumentou e as pessoas não têm medo de gastar com seus bichinhos, seja com atendimento médico, alimentação de qualidade, brinquedos ou acessórios.

Engana-se, inclusive, quem pensa que só pessoas mais ricas estão gastando. "Às vezes as pessoas falam que não têm condições de fazer um determinado exame ou tratamento, mas vão fazer mesmo assim, porque entendem que a saúde do animal é importante. Tem uma senhora que estou atendendo com um animal idoso e com muitos problemas. Ela se planeja para todo mês fazer um atendimento, porque não consegue fazer tudo de uma vez. Acho muito bonito esse amor".

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

Varejo paraibano lidera crescimento no Nordeste

A Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é uma ferramenta essencial para monitorar o desempenho do comércio varejista no Brasil, oferecendo indicadores precisos sobre setores-chave da economia. A pesquisa abrange atividades como combustíveis, supermercados, vestuário, móveis, eletrodomésticos, artigos farmacêuticos e veículos, proporcionando uma visão abrangente das tendências de consumo e do dinamismo econômico em diversas regiões do país, especialmente sobre o consumo da população.

Em 2024, a Paraíba destacou-se como líder no comércio varejista do Nordeste, ocupando a primeira posição entre as unidades federativas da região. Segundo dados divulgados pela PMC em 12 de setembro de 2024, o estado registrou um expressivo crescimento de 10,9% no volume de vendas acumulado entre janeiro e julho, superando a média nacional, de 5,1%, e a média regional do Nordeste, de 7,1%. Esse resultado posicionou a Paraíba como a segunda maior alta do Brasil, ficando atrás apenas do Amapá, que alcançou 17,2%. Outros estados nordestinos, como Ceará (8,4%), Bahia (8,2%), Rio Grande do Norte (5,5%) e Pernambuco (5%), apresentaram desempenhos inferiores, consolidando a liderança regional da Paraíba.

Entre junho e julho de 2024, a Paraíba registrou um aumento de 3% no volume de vendas, desempenho significativamente superior à média nacional, de 0,6%, e à média regional, de 1%. Esse crescimento coloca o estado entre os mais dinâmicos do país, com variações superiores apenas nos estados de Tocantins (6,7%) e Piauí (3,5%).

> **"O saldo positivo na criação de novos empregos reforça o dinamismo da economia paraibana**
>
> João Bosco Ferraz de Oliveira

No comparativo interanual, a força do comércio paraibano foi ainda mais evidente, com um crescimento de 18% no volume de vendas de julho de 2024 em relação ao mesmo mês de 2023, superando de forma significativa a média nacional, de 4,4%, e a média regional, de 7,3%.

Esse desempenho é impulsionado por uma combinação de fatores, como a recuperação da massa salarial, o aumento do poder de compra da população, a melhoria do ambiente de negócios, a expansão do turismo regional e a menor taxa de desocupação da história da Paraíba, que chegou a 8,6% no segundo trimestre deste ano. O saldo positivo na criação de novos empregos reforça o dinamismo da economia paraibana, que, aliado a um ambiente econômico favorável, impulsiona o setor varejista e cria condições para um crescimento contínuo das vendas no estado.

A Paraíba, além de liderar o crescimento do comércio varejista no Nordeste, consolida-se como uma força importante no cenário econômico nacional. Esse desempenho reflete um ambiente de negócios em expansão e o fortalecimento do consumo interno, resultando em um ciclo de desenvolvimento econômico. As perspectivas para os próximos meses são otimistas. A continuidade desse crescimento, combinada com políticas públicas que incentivem o setor e a parceria com o setor privado, será crucial para consolidar a Paraíba como uma das principais potências econômicas do Brasil em 2024, posicionando o estado como protagonista no desenvolvimento econômico do país.

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Alimentos mais caros ainda em 2024

Mudança no tempo de colheita provocada pela seca afeta mais os preços de cítricos, como laranjas e limões

Guilherme Jeronymo
Agência Brasil



Foto: Rafa Neddermeyer/Agência Brasil

Hortaliças, tanto folhas como legumes, tiveram boa oferta nas últimas semanas em São Paulo, pois o clima seco favoreceu a maturação e a colheita

A resiliência dos produtores de alimentos vai ter um grande desafio, caso as variações súbitas de clima, com sequência de períodos de calor e frio intensos, e o impacto da seca, que facilita disseminação de fogo, continuem a afetar o país. É o que adianta o economista Thiago de Oliveira, da Companhia de Entrepostos e Armazéns e São Paulo (Ceagesp), ao alertar que os eventos climáticos podem afetar os preços do varejo ainda em 2024.

De acordo com Oliveira, a pressão sobre os preços aos consumidores afeta mais os cítricos, como laranjas e limões, que têm clima seco e instável como condições que podem impactar a produtividade e afetar o tempo de colheita. Essas condições podem favorecer o avanço do cancro cítrico ou *greening*, doença bacteriana transmitida pelo inseto Psilídeo. A doença tem presença em todas as regiões produtoras do estado de São Paulo e causou a erradicação de mais de dois milhões de pés neste ano.

"Se não houver uma melhora considerável na umidade, haverá um aumento de custo considerável. Estamos falando do meio de outubro, com impacto primeiro nos preços do atacado e pouco depois nas redes de varejo, já chegando ao consumidor", explica o economista.

No estado, as hortaliças, tanto folhas como legumes, podem ter impacto em dezembro. Esses produtos tiveram boa oferta nas últimas semanas, pois o clima seco favorece a maturação e a colheita, mas é ruim para os ciclos de plantio e de crescimento das plantas. Esses produtos, assim como os cítricos, têm uma tendência de aumento de consumo nos meses de calor.

Oliveira destacou que o último ano foi marcado pela inconstância, o que chamou de flutuação de sazonalidade. Em resumo, tanto o frio quanto o calor não vieram quando eram esperados ou com as frequências esperadas, dificultando o planejamento do produtor rural. "O pequeno produtor perde mais, pois diferente do grande, não tem mais de uma cultura na propriedade. Quando o módulo de produção é pequeno, não há capital de giro nem condições de investimento. Isso ainda não se reflete em endividamento, porque os produtores estão arriscando menos e deixam de buscar capital para plantar áreas maiores", diz Oliveira.

Perspectiva

Os valores de comercialização de frutas e verduras têm vindo de um histórico de queda recente, tanto de acordo com o controle da Ceagesp quanto com o do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), que registrou recuo nos últimos dois meses nos custos de produtos da cesta básica, com destaque para tomate e batata.

Os dados com os quais o Ceagesp trabalha apontam tendência positiva, com chuvas suficientes para garantir boa produção. Oliveira ressalta que isso pode mudar e depende, também, se serão distribuídas em todas as áreas de produção e ao longo do período, o que não ocorreu nas últimas semanas.

Fogo

Desde agosto, o estado tem passado por grandes queimadas, favorecidas pelo tempo seco. Até a última segunda-feira, cinco municípios paulistas ainda tinham incêndios ativos. Apesar de pouco intensas, a nebulosidade e as chuvas que atingem o estado há uma semana, aliadas a uma ação coordenada com 20 aeronaves, contiveram a maior parte dos focos de incêndio, que diminuíram 88% em uma semana, segundo informação do Centro de Gerenciamento de Emergências da Defesa Civil do estado de São Paulo (CGE). O órgão informou que três municípios permanecem com focos de incêndio ativos, Itirapuã e Rifaina, na região de Franca e Bananal, na região da Serra da Bocaína.

Em todas as regiões, a perspectiva é favorável ao controle e extinção dos focos, mas a Defesa Civil segue com recomendação de cuidados para evitar novas queimadas e manterá as equipes de prontidão, monitorando as áreas que foram atingidas, principalmente na região norte do estado, que não recebeu chuvas.

Praga

Condições podem favorecer o avanço do cancro cítrico ou greening, doença bacteriana transmitida pelo inseto Psilídeo

FENÔMENO SEVERO

Seca se intensifica e avança pelo território de todas as regiões

Entre junho e julho, em termos de severidade da seca, houve um abrandamento do fenômeno somente em Roraima, conforme a última atualização do Monitor de Secas. No sentido oposto, em outras 15 unidades da Federação, a seca se intensificou nesse período: Acre, Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rondônia, São Paulo e Tocantins.

Em outros quatro estados, a seca voltou a ser verificada em julho: Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe. No aspecto de severidade, a seca ficou estável em cinco unidades da Federação: Amapá, Ceará, Distrito Federal, Maranhão e Pernambuco. Somente dois estados seguiram livres de seca em julho: Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

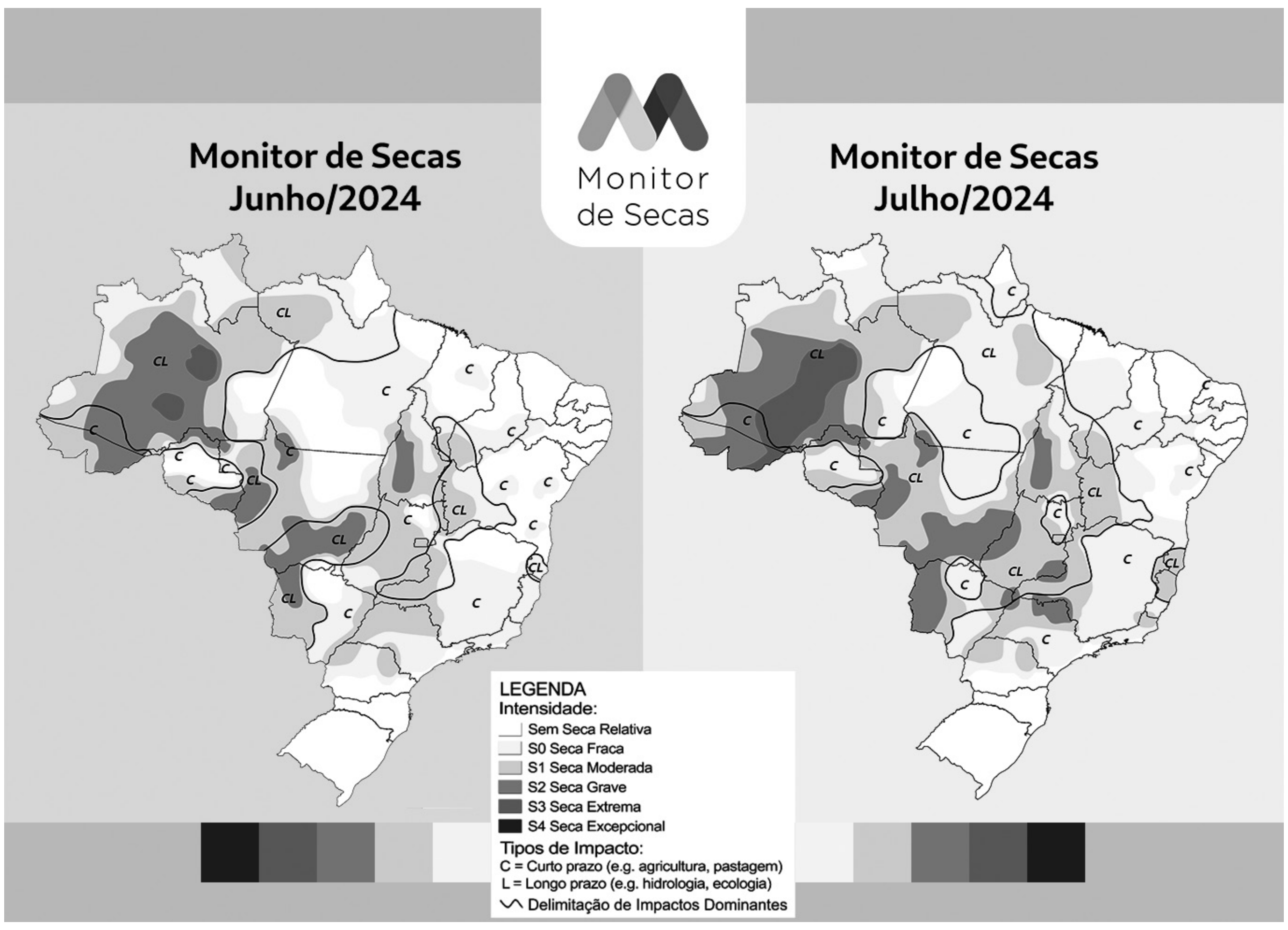
Considerando as cinco regiões geopolíticas acompanhadas pelo Monitor de Secas, o Sul registrou a condição mais branda do fenômeno em julho, enquanto o Norte teve a situação mais severa, registrando seca extrema. Entre junho e julho, houve uma intensificação do fenômeno em todas as cinco regiões do Brasil.

Considerando a extensão da área com seca, o fenômeno se expandiu nos territórios de todas as regiões nesse período. O Sul teve a menor área com seca (21%) e o Centro-Oeste teve o registro do fenômeno na totalidade de seu território em julho.

Na comparação entre junho e julho, 15 estados registraram o aumento da área com seca: Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rondônia e Tocantins. Já em outros quatro estados a seca voltou a ser registrada: Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Por outro lado, Roraima teve um recuo da seca. Em cinco unidades da Federação, a área com o fenômeno se manteve estável: Acre, Distrito Federal, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Por sua vez, dois estados se mantiveram livres de seca em julho: Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Imagem: Reprodução/Monitor das Secas



Levantamento verificou que, entre junho e julho, houve uma intensificação do fenômeno em todas as cinco regiões do Brasil

Mapa

Considerando as cinco regiões geopolíticas acompanhadas pelo Monitor de Secas, o Sul registrou a condição mais branda do fenômeno em julho

BACIA SEDIMENTAR DO RIO DO PEIXE

Grupo protege patrimônio histórico

Pesquisadores seguem legado de padre e lutam pela preservação de achados arqueológicos e paleontológicos

Ascom Secties





Fotos: Divulgação/Secties

Atividades ocorrem em cidades do interior, com apoio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties) e da Fundação de Apoio à Pesquisa (Fapesq), e são coordenadas pelo professor Juvandi Santos

As primeiras pegadas fossilizadas de dinossauros e gravuras rupestres na Paraíba foram registradas na década de 1970, pelo padre Giuseppe Leonardo, que realizou importantes trabalhos paleontológicos no Brasil. Seu trabalho abriu portas e deu cientificidade para estudos que são realizados, atualmente, por meio do projeto de Atividades de Pesquisa, Educação Ambiental e Patrimonial na Bacia Sedimentar do Rio do Peixe (Apeap).

O projeto, fomentado pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), conta com uma equipe multidisciplinar nas áreas de Arqueologia, Paleontologia, Pedagogia, Biologia, História e Comunicação.

O secretário da Secties, Claudio Furtado, explica que, antes de serem registradas cientificamente, as pegadas eram confundidas com marcas deixadas por animais da região. "As pessoas diziam que eram pegadas de boi ou de ema. O boi era associado à pegada maior, de um dinossauro herbívoro. As pegadas menores, de um dinossauro carnívoro, eram atribuídas à ema, por ter três dedos e se assemelhar ao pé de uma ave. Mas, na realidade, tratava-se dos grandes dinossauros do Período Cretáceo. Isso foi identificado por Giuseppe Leonardo, que, junto a vários colaboradores, fez esse levantamento muito importante", diz.

De acordo com o coordenador-geral do projeto Apeap, o arqueólogo Juvandi Santos, o padre foi a primeira pessoa a tratar as pegadas encontradas na Paraíba de forma científica. "Apesar de muitos já conhecerem a descoberta, foi Giuseppe Leonardo quem começou a identificar a quais dinossauros pertenciam aquelas pegadas. Então, devemos isso a ele e, posteriormente, ao professor Ismar de Souza, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que também foi um dos pioneiros nas grandes descobertas de fósseis", destaca.

O selo científico dado por Giuseppe às descobertas é o que, hoje, dá credibilidade aos estudos na Bacia Sedimentar do Rio do Peixe. Atualmente, o projeto tem como objetivo principal a preservação e a difusão do patrimônio pré-histórico e histórico paraibano. Até o momento, foi realizado um levantamento com, pelo menos, 62 sítios paleontológicos e 15 sítios arqueológicos.

Além das atividades de campo, que são fundamentais para a realização e a coleta de dados para a pesquisa científica, o projeto também visa à educação ambiental e à patrimonial nas escolas da região, com a realização de palestras, atividades lúdicas e exibição de filmes, além da implementação, ainda em curso, de um museu itinerante.

Principais objetivos

A expectativa é finalizar a primeira etapa do projeto em março de 2025, com a realização do 1º Simpósio Paraibano de Arqueologia e Paleontologia, em Sousa, no Sertão. O evento contará com palestras, mesas-redondas, homenagens e uma visita ao Museu do Vale dos Dinossauros.

"Nós pretendemos publicar dois livros. O primeiro foi resultado das pesquisas nos municípios de Sousa, Uiraúna e São João do Rio do Peixe. O segundo almejamos lançar na segunda etapa do projeto, na qual pretendemos visitar os outros cinco municípios que compõem a Bacia Sedimentar do Rio do Peixe", adianta Juvandi.

Para Claudio Furtado, o projeto proporcionará a conservação dos patrimônios histórico e cultural e a preservação do patrimônio científico, com a manutenção das pegadas. "Vamos dar condições de acesso a quem vai fazer pesquisas paleontológicas na região. Também vamos proporcionar à população o contato com essa história. Isso é letramento científico", afirma o secretário da Secties.

Projeto integra complexo científico e faz expedições no Sertão

O projeto de Atividades de Pesquisa, Educação Ambiental e Patrimonial na Bacia Sedimentar do Rio do Peixe faz parte do Complexo Científico do Sertão, que envolve uma série de ações para essa região da Paraíba, a exemplo da ampliação do Monumento do Parque Vale dos Dinossauros, em Sousa; da criação do Museu de Arqueologia da Paraíba, em Cajazeiras; da construção do Radiotelescópio Bingo, em Aguiar; e da Cidade da Astronomia, em Carrapateira.



Conservação de itens pré-históricos é feita em laboratório

"A necessidade de criar esse projeto surgiu de uma demanda do nosso governador, João Azevêdo, que é a questão de ampliar o olhar para o patrimônio do Vale dos Dinossauros. O governador decidiu fazer ações voltadas para a área de Ciência e Tecnologia e para o desenvolvimento na região", pontua o secretário Claudio Furtado.

O projeto culminará na transformação do Parque Vale dos Dinossauros em um Geoparque reconhecido pela Unesco. A iniciativa acontece em oito municípios paraibanos: Aparecida, Pombal, Santa Helena, Poço de José de Moura, São João do Rio do Peixe, Sousa, Triunfo e Uiraúna. Contudo, a primeira etapa do projeto acontece nos municípios de Uiraúna, Sousa e São João do Rio do Peixe.

Metodologia

De acordo com o professor Juvandi Santos, as atividades começaram em campos de prospecções arqueológicas e paleontológicas nos sítios, fazendo o processo de catalogação de todas as pegadas evidenciadas. "Para realizar o salvamento desses vestígios, temos que pedir autorização da Agência Nacional de Mineração. A conservação de um material arqueológico ou paleontológico só é possível de ser feita em laboratório especializado. Naturalmente, com o passar dos séculos, os sítios tendem a desaparecer, devido aos processos erosivos das chuvas e do vento", detalha.

O projeto também conta com a participação de bolsistas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB): Larissa Karla Coutinho, estudante de Pedagogia, realiza ações nas escolas — como palestras e elaboração de atividades para os professores —, enquanto Aniele de Lima, estudante de Biologia, e Eduardo Bruno, estudante de História, fazem trabalhos no campo e no laboratório.

Durante as expedições, o grupo localiza fósseis — incluindo restos ou vestígios de animais e vegetais preservados em rochas —; microfósseis de organismos invisíveis a olho nu; e ictiofósseis — que são registros das atividades dos animais, como pegadas, rastros, túneis, excrementos e marcas de dentadas.

No trabalho, são utilizadas técnicas de fotografia, vídeo, *scanner* e anotações detalhadas para garantir a captura precisa de todas as informações. No Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB (Labap), os estudantes realizam o tombamento e o registro de materiais arqueológicos e paleontológicos, além da higienização e da organização dos materiais para futuras pesquisas, combinando o trabalho prático com estudos literários sobre o tema.

O projeto é desenvolvido tanto em campo, nas regiões dos sítios, quanto no Labap, onde são realizadas atividades de conservação dos achados pré-históricos. As expedições e prospecções ocorrem na Bacia Sedimentar do Rio do Peixe, sendo possível explorar essas localidades apenas quando o rio está seco, sob a orientação do guia local, Luiz Carlos, que possui vasta experiência e mais de 30 anos de trabalho na busca de vestígios em sítios paleontológicos e arqueológicos.

SEMIÁRIDO

Pesquisa eleva potencial produtivo

Instituto Nacional do Semiárido desenvolve projetos sustentáveis de reúso de água para amenizar períodos de estiagem

Maria Beatriz Oliveira
obeatriz394@gmail.com

Afastados do centro urbano de Campina Grande, estão mais de 600 hectares de um local autossustentável e que exemplifica o potencial ecológico da Paraíba: o Instituto Nacional do Semiárido (Insa). Criado em 2006 pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, o instituto é uma unidade de pesquisa da biodiversidade, desertificação e práticas sustentáveis no bioma Semiárido.

O Instituto Nacional do Semiárido desenvolve projetos nas mais diversas áreas de atuação, que vão desde estudo da desertificação até busca por fontes de energia renováveis. Para Emmanuel Pereira, coordenador de pesquisas do instituto, o projeto de maior relevância para o Sertão desenvolvido pelo Insa, em parceria com a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), é o Saneamento Ambiental e Reúso de Água (Sara), um sistema que reaproveita a água da chuva para abastecer o local.

"Hoje, temos mais de 300 unidades do Sara espalhadas pelo Semiárido brasileiro. É mesmo a 'menina dos olhos', porque, por ano, conseguimos gerar 73 carros-pipa aqui. Além disso, 80% do nosso abastecimento vêm da chuva. É um modelo sustentável e que pode ser replicado facilmente em locais de longas estiagens, como é na Paraíba. O que sempre falamos ao agricultor é que ele se prepare durante o período de chuvas, porque na seca não haverá tantas dificuldades", recomenda Emmanuel.

Outra iniciativa que promove o aproveitamento de água é executada com uso da tecnologia do reator Uasb, um equipamento utilizado no tratamento de esgoto, transformando o material em água que pode ser usada para irrigação de plantas. "Essa é uma técnica que patenteamos como *Open Inovattion*, ou seja, qualquer pessoa pode aplicá-la de forma gratuita. É um mecanismo muito simples que usa microrganismos para decompor os dejetos", explicou. As plantas cultivadas com a água tratada do esgoto servem de alimentação para cerca de 150 animais bovinos que vivem no instituto.

Fotos: Júlio Cezar Peres



Estudo analisa a melhor forma de cultivo da palma forrageira, espécie que alimenta bovinos



Sede do Insa fica em Campina Grande e tem 600 hectares



> **"Conseguimos gerar 73 carros-pipa aqui. Além disso, 80% do nosso abastecimento vêm da chuva. É um modelo sustentável e que pode ser replicado**
>
> Emmanuel Pereira

Fauna e flora

O bioma Semiárido, que abrange toda a Região Nordeste e o norte de Minas Gerais, é conhecido pelos longos períodos de estiagem e pela dificuldade no cultivo de alimentos, mas as atividades desenvolvidas no Insa provam que, pelo contrário, há muita riqueza inexplorada no Semiárido paraibano.

A pesquisa com o gado, por exemplo, é fundamental para prover o conhecimento para os pecuaristas de qual espécie é mais adaptada ao clima seco da região.

Essa espécie é o curraleiro pé-duro, um gado de pequeno porte, muito resistente e dócil. Além disso, a vaca produz entre dois a 12 litros de leite por dia, do tipo A2A2, apropriado para pessoas com alergia à proteína do leite. No instituto, os animais são estudados para melhoramentos genéticos e doados para produtores locais.

Outra preocupação do Insa é promover para os agricultores a melhor forma de cultivo da palma forrageira, alimento principal da dieta bovina. Para isso, os pesquisadores estudam as diferentes espécies da planta para encontrar aquelas mais resistentes a pragas e doenças.

"Temos aqui um banco germoplasma com 100 espécies diferentes de palmas, para identificarmos aquelas que são resistentes à cochonilha-do-carmim, um inseto que se alimenta da seiva das marchas, deixando-as murchas e amareladas. Essa praga é um dos grandes problemas dos sertanejos hoje em dia, mas aqui já identificamos três espécies de palma resistentes e, a partir disso, já fizemos a doação de mais de cinco milhões de mudas para a comunidade local", detalhou o coordenador de pesquisas.



Criação de gado curraleiro pé-duro é comum na Paraíba

Laboratório cultiva 17 tipos de cactos em risco de extinção

Além de pesquisar métodos que facilitem a vida rural no Sertão paraibano, o Instituto Nacional do Semiárido também possui o papel de preservar a vida animal e a vegetação do Semiárido. Uma das formas de realizar esse trabalho é por meio do cultivo *in vitro* de espécies de cactos ameaçados de extinção.

No laboratório, há, aproximadamente, três mil cactáceos cultivados com essa técnica, sendo 17 espécies em risco de extinção na natureza. Um dos trabalhos da pesquisadora Luane Portela é identificar o momento ideal de retornar os cactos recuperados para a natureza.

"Desenvolvemos aqui um trabalho de *backup* também, porque, além de recuperar aqueles cactos que correm risco, mantemos aqui todas as espécies que vamos catalogando como uma espécie de salvaguarda. Se aquele cacto, porventura, deixar de existir na natureza, a espécie não será perdida para sempre", conta a pesquisadora.

Quando os cactos estão prontos para voltar à natureza, a tarefa passa a ser de Fernanda Kalina, coordenadora do cactário. "O laboratório e o cactário atuam em parceria, porque é aqui que vamos observar como a reintrodução está se saindo, se aquele cacto precisa voltar para o cultivo *in vitro*, ou se há algum cacto aqui que está morrendo e precisa ser recuperado em laboratório".

Assim, quando os cactáceos estão saudáveis e recuperados, o Insa leva-os para o programa Adote um Cacto. Iniciativa que visita escolas e universidades da região, explicando a importância das plantas para a Paraíba.



Técnica in vitro é utilizada para o plantio das espécies ameaçadas; plantas retornam para natureza quando estão saudáveis

Foto: Carlos Rodrigo



Primeiro foi o Brasileiro de Karate; em seguida o de Ginástica; agora vêm aí muitas competições na praia

Foto: Carlos Rodrigo



Foto: Reprodução/Facebook



VARIEDADE DE EVENTOS

Cenário esportivo fortalecido na Paraíba

Estado tem alcançado prestígio mundial ao sediar importantes competições, graças ao incentivo do governo

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

A Paraíba tem alcançado prestígio no âmbito esportivo mundial, e isso é constatado a partir do nível de eventos nacionais e internacionais que têm sido sediados aqui nos últimos tempos. Após uma semana sob os holofotes da mídia nacional esportiva, ao acolher os ginastas de todo o Brasil no Campeonato Brasileiro de Ginástica Artística, o estado se prepara, agora, para receber, a partir do próximo mês, outras disputas, agora nas areias.

Mais importante competição nacional da modalidade e a primeira após os Jogos Olímpicos de Paris, o Campeonato Brasileiro de Ginástica chegou pela primeira vez à Paraíba e se encerra hoje. O Ginásio O Ronaldão, em João Pessoa, que recebeu quase 200 competidores durante os oito dias de programação, passou por uma ampla reforma, com investimento de cerca de R$ 12 milhões. Além desse evento, na semana passada, a cidade pôde acompanhar a última etapa classificatória do Campeonato Brasileiro de Karate, que não acontecia no estado desde 2018.

"É preciso falar do que já fizemos e do que ocorre neste momento. Tivemos, no início de setembro, na Vila Olímpica Paraíba, o Campeonato Brasileiro de Karate, que contou com a presença de mais de mil atletas de 22 estados. A Vila Olímpica virou uma praça extraordinária. Outro evento importante foi o Campeonato Brasileiro de Ginástica Artística, que, por meio da credibilidade do governo, veio para a Paraíba após um grande convencimento da Confederação Brasileira de Ginástica (CBA). Sem a infraestrutura que temos atualmente, o evento teria ido para outro estado. Fomos ao Rio de Janeiro, assistimos outro campeonato por lá e acertamos para que o torneio pudesse acontecer na reinauguração do ginásio d'O Ronaldão. O governador João Azevêdo e a Sejel mostram todo o trabalho que temos feito para dar condições das competições acontecerem da melhor forma", pontuou o secretário estadual de Juventude, Esporte e Lazer, Lindolfo Pires.

O presidente da Federação de Karate do Estado da Paraíba, José Targino da Silva Filho, corroborou a ideia, destacando que o apoio governamental foi crucial para a etapa voltar a ser realizada em solo paraibano.

"Eu diria que 90% da estrutura foi em parceria com o Governo do Estado. Para sediar, há uma concorrência grande com os outros estados por conta dos apoios, mas, como tivemos esse grande apoio do Governo do Estado, já ficou sinalizado para a gente trazer no próximo ano. A briga vai ser só entre os estados porque a Confederação prioriza o estado que tem o maior apoio porque se torna menos difícil a realização do evento, já que é em nível nacional", destacou Targino Filho.

Competições futuras

No início deste mês, o governador da Paraíba, João Azevêdo, anunciou o lançamento do Paraíba Beach Games, um programa que terá 45 dias de programação, com competições estaduais, nacionais e internacionais de modalidades como vôlei de praia, futebol de areia, handebol de praia, águas abertas, triatlo e *beach tennis*.

O pontapé inicial será dado no dia 10 de outubro, com o Circuito Brasileiro de Vôlei de Praia, que terá quatro dias de disputas, seguido pelo Circuito Mundial de Vôlei de Praia (Elite 16), entre os dias 16 e 20 do mesmo mês. Segundo Nayara Elis, diretora do Departamento de Vôlei de Praia da Federação Paraibana (FPV), receber tais eventos representa o reconhecimento dos esforços empregados pela entidade e pelos atletas.

"A Paraíba tem se destacado cada vez mais no cenário nacional e internacional do vôlei de praia, consolidando-se como um polo de excelência na formação de atletas e na recepção de grandes eventos esportivos. A visibilidade que o estado tem ganhado através desses eventos é fruto de um trabalho árduo e contínuo, não apenas dos atletas, mas também da Federação Paraibana de Voleibol (FPV), que tem se preparado de forma estratégica para acolher competições de alto nível, como os Campeonatos Brasileiros de categorias de base e adultos, além do Campeonato Mundial Elite 16", iniciou.

"A FPV tem investido na infraestrutura, garantindo que as arenas e instalações esportivas estejam à altura das exigências de competições internacionais. Além disso, o trabalho de capacitação de árbitros, técnicos e equipes de apoio tem sido fundamental para assegurar que o estado esteja pronto para receber esses eventos com a qualidade e organização que o esporte demanda. A federação também tem promovido iniciativas para o desenvolvimento de novos talentos, incentivando a base local e fomentando o crescimento do esporte desde as categorias mais jovens", completou Nayara.

Os últimos dias da programação — 16 a 28 de novembro — serão reservados às competições de natação em águas abertas, triatlo e vôlei de praia dos Jogos da Juventude, evento organizado pelo Comitê Olímpico do Brasil.

"Vai ser muito importante esse evento aqui, até porque o parque aquático já estava precisando passar por uns ajustes e a Secretaria de Esportes [Sejel], preocupada com isso, fez uma solicitação de equipamentos para melhorar a capacidade técnica do parque aquático aqui da Vila Olímpica. Então, isso já é muito importante, já vai somar para o futuro para a Paraíba cada vez conseguir sediar eventos nacionais e internacionais sem problema nenhum", ressaltou o vice-presidente da Federação de Esportes Aquáticos da Paraíba (Feap), Antônio Meira.

Paradesporto também é beneficiado

No âmbito do paradesporto, o estado é, indubitavelmente, uma verdadeira potência. Foram nove medalhas conquistadas por paraibanos em Paris. Um novo passo na continuação dessa história de sucesso foi dado na última quarta-feira (18), quando o Governo do Estado anunciou a criação do CT Paralímpico em João Pessoa. A estrutura, que será erguida próximo ao Estádio Almeidão e ao Ginásio O Ronaldão, será construída aos moldes de uma outra praça esportiva localizada em São Paulo, que existe com o mesmo objetivo.

"Estaremos agora, em outubro, indo a São Paulo para conhecer aquele Centro de Treinamento Paralímpico, que é o maior do Brasil, para que a gente possa implantar, a exemplo do que nós estamos fazendo pela Paraíba toda. Estamos construindo uma vila olímpica lá em Guarabira, vamos construir mais uma no Sertão, estamos definindo aqui o local exatamente, para que a gente possa fazer com que os técnicos aqui, que sabem melhor do que ninguém, possam lapidar essas pedras preciosas que a gente encontra pela Paraíba afora em todas as modalidades. Se a gente tiver um espaço adequado, muitos campeões surgirão, eu não tenho dúvida nenhuma, e é isso que o Governo do Estado vai fazer através dessa construção desse grande centro que será aqui da nossa Vila Paraolímpica", anunciou o governador do Estado, João Azevêdo, na solenidade de entrega d'O Ronaldão.

CALENDÁRIO *BEACH GAMES*

- **10 a 13 de outubro**
  Circuito Brasileiro de Vôlei de Praia
- **16 a 20 de outubro**
  Circuito Mundial de Vôlei de Praia (Elite 16)
- **21 a 25 de outubro**
  Copa Nordeste de Beach Soccer
- **26 a 27 de outubro**
  Desafio Internacional de Beach Soccer
- **26 e 27 de outubro**
  Campeonato Paraibano de Frescobol
- **26 e 27 de outubro**
  Campeonato Paraibano de Câmbio
- **29 de outubro a 3 de novembro**
  Circuito Brasileiro de Handebol de Areia
- **5 a 10 de novembro**
  Paraíba Open de Beach Tennis
- **16 a 28 de novembro**
  Natação (águas abertas), triatlo e vôlei de praia | Jogos da Juventude

Novembro

Jogos da Juventude é mais uma grande competição programada, com o apoio do Governo do Estado, para o mês de novembro, envolvendo atletas na faixa etária de 15 a 17 anos de todo o Brasil

SUL-AMERICANO SUB-16

Brasil inicia treinos na Granja Comary

Seleção masculina de futebol se apresenta visando a disputa da competição em Santa Cruz de La Sierra

A Seleção Brasileira de futebol masculino sub-16 se apresentou, ontem, na Granja Comary para as disputas do Sul-Americano, que será sediado na cidade de Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, entre os dias 4 e 19 de outubro. O treinador Dudu Patetuci chamou 22 atletas. Antes da viagem, no dia 2 de outubro, a delegação segue treinando na Granja Comary, em Teresópolis, no Rio de Janeiro, em preparação visando ao campeonato.

A Amarelinha está no Grupo B e enfrentará na primeira fase Argentina, Uruguai, Venezuela e Equador. A estreia será diante da Venezuela, no dia 5. No dia 7, o Brasil encarará o Uruguai e voltará a campo contra o Equador, no dia 11. O último jogo pela fase de grupos será diante da Argentina, no dia 13. Todas as partidas serão realizadas no Estádio Tahuichi Aguilera, às 18h30 (horário de Brasília).

Já o Grupo A é composto por Bolívia, Paraguai, Colômbia, Peru e Chile. Caso avance à semifinal como primeira ou segunda colocada, a Seleção Brasileira entrará em campo no dia 16. A final está marcada para o dia 19.



Foto: Rafael Ribeiro/CBF

Os jogadores estiveram reunidos em agosto, na Granja Comary, e retornam para mais um período de preparação visando defender o título na Bolívia, em outubro

Inicialmente programado para novembro de 2023, o Sul-Americano foi adiado para outubro de 2024. Para que os atletas aptos à competição no ano passado estejam no torneio, a Conmebol permitiu que os jogadores nascidos a partir de 1º de janeiro de 2008 fossem convocados. Logo, tornou-se uma competição da categoria Sub-16, embora oficialmente seja chamada de Conmebol Sub-15 2023.

Atual campeã do Sul-Americano, com uma geração formada por nomes como Mycael, Vinicius Tobias, Kayky, Andrey, Guilherme Biro, Matheus França, Ângelo, Matheus Nascimento e Savinho, a Seleção Brasileira é a maior vencedora do torneio, com cinco conquistas: 2005, 2007, 2011, 2015 e 2019.

Com o objetivo de defender o título, a geração 2008 se reúne desde 2023, quando participou da Copa 2 de Julho, em Salvador, enfrentou Equador e Uruguai em amistosos e conquistou o Quadrangular Internacional, no Paraguai, contra Chile, Colômbia e os donos da casa.

Neste ano, a Sub-16 realizou dois períodos de treinamento, ambos na Granja Comary, que se encerraram com jogos-treino. Em maio, encarou Fluminense Sub-16 e Madureira Sub-17 e, em agosto, o Vasco Sub-16.

PIRATARIA

LaLiga apoia operação que tirou 675 *sites* de apostas do ar

Agência Estado

A operação do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) que levou ao bloqueio e suspensão de 675 *sites* e 14 aplicativos de *streaming* ilegais teve apoio da LaLiga, associação organizadora do Campeonato Espanhol. A ação foi comemorada pelo presidente Javier Tebas, que já se referiu à pirataria como "praga" e apontou que as transmissões clandestinas de jogos do torneio espanhol geram perdas de 600 milhões de euros aos clubes anualmente.

A derrubada de *sites* e aplicativos ilegais fez parte da sétima fase da Operação 404. Ao todo, 30 mandados de busca e apreensão foram realizados, e nove prisões executadas. Seis delas, no Brasil, e três, na Argentina.

A ação da última quinta-feira (19) contou com apoio da Aliança contra a Pirataria Audiovisual (Alianza), grupo de fornecedores de conteúdo, emissoras de TV por assinatura e associações da qual a LaLiga faz parte. No Brasil, ainda há participação da Sky, do Grupo Globo, Associação Brasileira de TV por Assinatura e Câmara de Produtores e Programadores de Sinais Audiovisuais.

Um dos serviços ilegais bloqueados é apontado pela Alianza como o maior da América Latina em volume de usuários, com 55 milhões de visitas nos últimos seis meses na Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México, Peru, Uruguai e Venezuela. O aplicativo redistribui o conteúdo audiovisual de programadores que compram os direitos e oferece diretamente aos usuários.



Foto: Reprodução/Instagram

As transmissões clandestinas de jogos do torneio espanhol geram perdas de 600 milhões de euros aos clubes anualmente, segundo a LaLiga

Segundo o MJSP, esse tipo de conteúdo não autorizado funciona como "isca" usada para a prática de delitos. Ao entrar em contato com o material pirata, celulares e computadores podem ser infectados por vírus e *malwares* que os deixam expostos a práticas de roubo de dados. A LaLiga se comprometeu a apoiar a investigação que já é desenvolvida na operação. O interesse se dá por uma briga da associação para proteger a transmissão dos seus jogos. Tebas definiu a ação como "exemplo mundial".

"A resolução, com base nas provas apresentadas pela Alianza, representa um exemplo mundial na luta contra a pirataria e a fraude de conteúdo audiovisual. Não só se conseguiu o bloqueio de todos os domínios associados ao serviço ilegal e sua infraestrutura tecnológica, mas também se determinou que a Google deve impedir o uso de aplicativos ilegais já instalados em dispositivos Android por meio dos mecanismos de segurança que possui, algo que solicitamos em várias ocasiões", comemorou o presidente da LaLiga.

Em 2023, a associação por trás do Campeonato Espanhol removeu 1.251 vídeos do YouTube, mais de 938 mil vídeos em redes sociais, 61 mil perfis com conteúdo de fraude audiovisual, além de 7.300 grupos de mensagens que distribuíam conteúdo pirata.

RECORDES

Irmãos campeões em Copas do Mundo

Os alemães Fritz e Ottmar Walter venceram no Mundial de 1954, e os ingleses Jack e Bobby Charlton, em 1966

Fifa.com

Quatro irmãos, um feito extraordinário. Em 1954, os irmãos Fritz e Ottmar Walter, da Alemanha Ocidental, se tornaram os primeiros irmãos a vencerem a Copa do Mundo da Fifa. Incrivelmente, apenas 12 anos mais tarde, os ótimos Jack e Bobby Charlton repetiram o feito, quando a Inglaterra venceu a competição em casa.

Vamos começar com os Walters. Fritz e Ottmar chegaram à Suíça em 1954 como dois dos atacantes mais temidos da Alemanha Ocidental. Ambos haviam marcado uma grande quantidade de gols pelo seu clube local, o Kaiserslautern, e mais uma vez se destacaram no maior palco de todos.

Ottmar, com 30 anos, três a menos que o irmão, ajudou a Alemanha a iniciar a Copa do Mundo em grande estilo, marcando o terceiro gol em uma vitória contundente por 4 a 1 sobre a Turquia. Os irmãos Walters também marcaram na vitória por 7 a 2 em um *play-off* contra o mesmo adversário, garantindo a vaga da Alemanha Ocidental na fase eliminatória.

Uma vitória contra a Iugoslávia preparou o caminho para uma semifinal contra a Áustria, e os irmãos ajudaram a colocar a equipe na final. Fritz, capitão da equipe, marcou dois gols de pênalti, enquanto Ottmar também contribuiu com dois gols na vitória por 6 a 1.

E então veio o Milagre de Berna. A Alemanha Ocidental havia sido goleada pela Hungria na fase de grupos, com Ferenc Puskás e companhia vencendo por um placar incrível de 8 a 3. Quando os Mágicos Magiares abriram uma vantagem de 2 a 0 nos primeiros oito minutos da final, parecia que um resultado semelhante ao anterior estava a caminho.

Dessa vez, no entanto, a Alemanha Ocidental não iria desmoronar. Maximilian Morlock diminuiu a diferença e, em seguida, dois gols de Helmut Rahn completaram uma virada milagrosa.



Fotos: Divulgação/Fifa

Os irmãos e atacantes Fritz e Ottmar Walter, da então Alemanha Ocidental, se sagraram campeões na Copa do Mundo de 1954, que foi disputado na Suíça



Os irmãos ingleses Jack, um defensor implacável, e Bobby Charlton, um meia ofensivo, brilharam na Copa do Mundo de 1966, sendo campeões no seu país

Irmãos Charlton

Jack e Bobby Charlton serão lembrados como dois dos maiores ícones do futebol inglês. Nascidos em Ashington, uma pequena cidade do nordeste do país, os dois foram essenciais para a Seleção Inglesa, que conquistou o único título do país na Copa do Mundo até hoje, em 1966, em casa.

Jack era um defensor implacável, enquanto a imensa qualidade técnica de Bobby permitiu que ele se destacasse tanto como meio-campista ofensivo, ponta ou centroavante.

A anfitriã Inglaterra entrou na Copa do Mundo de 1966 com grande expectativa, mas foi contida em um empate sem gols contra o Uruguai na estreia em Wembley. Bobby, então com 28 anos, fez o primeiro gol na vitória por 2 a 0 sobre o México. Uma vitória pelo mesmo placar contra a França garantiu a classificação para a próxima fase.

Com Jack, de 31 anos, formando uma parceria sólida na zaga com o capitão Bobby Moore, a Inglaterra chegou ao quarto jogo consecutivo sem sofrer gols em uma vitória por 1 a 0 nas quartas de final contra a Argentina.

No duelo com Portugal pela semifinal, Bobby foi o herói da partida, garantindo a vitória por 2 a 1 sobre o time de Eusébio. A lenda do Manchester United marcou os dois gols da Inglaterra, sendo o segundo um de seus famosos torpedos.

A vitória preparou o cenário para uma final contra a Alemanha Ocidental, onde Geoff Hurst brilhou ao marcar um *hat-trick* na vitória por 4 a 2 após a prorrogação.

Com a conquista, os irmãos Charlton chegaram ao auge. Mais tarde, Bobby lembrou de uma conversa com Jack no meio das comemorações no sagrado gramado de Wembley. Sucintas, mas poderosas, suas palavras resumiram perfeitamente a magnitude do que haviam conquistado.

"Meu irmão me disse: 'E aí, garoto?'. E eu respondi: 'Bem, Jackie, nossa vida nunca mais será a mesma'."



Fritz se tornou o primeiro capitão alemão a erguer a Taça Jules Rimet, na Copa de 1954

BRASILEIRÃO

Vasco e Palmeiras jogam em Brasília

Confronto entre cariocas e paulistas acontece no Mané Garrincha, e rodada de hoje ainda terá mais cinco jogos

Da Redação



Foto: Cesar Greco/Palmeiras

Palmeiras e Vasco da Gama voltam a se enfrentar, mas o jogo não será realizado no Rio de Janeiro e sim em Brasília, no Estádio Mané Garrincha

A 27ª rodada do Brasileirão será complementada hoje, com seis partidas. Brigando pela liderança da competição, o Palmeiras enfrenta o Vasco no Estádio Mané Garrincha, em Brasília, com mando de campo do Cruzmaltino, às 16h, com transmissão da TV Globo. Em outro confronto deste domingo (22), o Flamengo visita o Grêmio em Porto Alegre. Focado nas quartas de final da Copa Libertadores, o São Paulo recebe o Internacional no Morumbi. Esses dois jogos acontecem às 18h30, o primeiro com transmissão de SporTV e Premiere, e o segundo exclusivamente no Premiere.

Às 16h, ainda acontece Atlético-MG x Red Bull Bragantino na Arena MRV, em Belo Horizonte. E, às 18h30, ocorrem outros dois jogos: Cuiabá x Cruzeiro na Arena Pantanal; e Criciúma x Athletico-PR no Heriberto Hülse. Esses três últimos com transmissão do Premiere.

Vasco x Palmeiras

Vasco e Palmeiras chegam para a partida desta tarde com as maiores sequências invictas deste Brasileirão. Os times de Rafael Paiva e Abel Ferreira não perdem há seis rodadas. A última derrota cruzmaltina se deu contra o Grêmio, no dia 28 de julho. Naquela partida, Soteldo marcou o gol do triunfo gaúcho, na Arena Condá, em Santa Catarina. Desde então, o Vasco empatou com Bragantino, Criciúma e Flamengo e venceu Fluminense, Athletico-PR e Vitória.

Já última derrota do Palmeiras aconteceu no dia 27 de julho: 2 a 0 para o Vitória no Allianz Parque. Após aquela partida, a equipe foi eliminada da Copa do Brasil e da Libertadores e, a partir de então, foca apenas na Série A. Assim, pela competição de pontos corridos, o time empatou com Internacional e Flamengo, bem como venceu São Paulo, Cuiabá, Athletico-PR e Criciúma.

O Palmeiras terá o desfalque de seu principal jogador contra o Vasco. Estêvão teve constatada uma lesão no músculo posterior da coxa esquerda diante do Criciúma. O jovem atleta vem sendo um dos principais jogadores do Alviverde na temporada. Pelo Brasileirão, em 22 jogos, o camisa 41 tem nove gols e sete assistências. Com a ausência da promessa brasileira, Dudu, Lázaro, Rômulo e Rony brigam pela vaga de titular.

Grêmio x Flamengo

Grêmio e Flamengo chegam pressionados para o confronto desta noite. O Tricolor segue brigando contra o rebaixamento, enquanto o Rubro-Negro vive momento de instabilidade no comando do técnico Tite. A equipe carioca perdeu em casa no jogo de ida das quartas de final da Copa Libertadores. Como mandante, isso não acontecia havia 28 jogos.

Assim, as equipes têm objetivos distintos no enfrentamento: o Grêmio quer se afastar da zona de rebaixamento, e o Flamengo pensa em se manter no G-4 e continuar na luta pelo título do Brasileirão. O confronto de hoje será o 108º da história entre os clubes. Até hoje, foram 36 vitórias dos gaúchos, 37 dos cariocas, além de 34 empates. Nos últimos 20 encontros, o Flamengo tem dominado o duelo: são 12 triunfos do Rubro-Negro, quatro do Imortal e quatro empates.

Brasileirão Feminino

São Paulo e Corinthians fazem, hoje, a grande final do Brasileirão Feminino, a partir das 10h, com transmissão da TV Globo para todo o Brasil. No primeiro jogo, as Brabas venceram por 3 a 1 e, agora, podem perder por até um gol de diferença para garantir o quinto título consecutivo no torneio. A partida será realizada na Neo Química Arena, que deve ter casa cheia e recorde de público.

As Brabas vão em busca do sexto troféu da competição nacional, o que seria o quinto consecutivo. Elas foram campeãs das edições de 2020, 2021, 2022 e 2023. A equipe são-paulina faz sua primeira final do Brasileiro Feminino. No primeiro jogo, Millene e Vic Albuquerque, duas vezes, marcaram os gols do Timão. Ariel Godoy descontou para o Tricolor.

GABIGOL

Atacante vira 3ª opção no ataque e deve deixar o Flamengo

Agência Estado

Gabigol viveu grandes momentos como jogador do Flamengo, inclusive recebendo a camisa 10 eternizada por Zico, mas já faz tempo que não goza mais do mesmo prestígio. Mesmo com Pedro fora de combate pelo resto do ano, em razão de um rompimento ligamentar no joelho, o atacante de 28 anos foi colocado no fim da fila na briga por posição no ataque rubro-negro. Tal situação ocorre no momento em que faltam cerca de três meses para o fim de seu contrato, válido até dezembro, ao mesmo tempo em que o próprio mercado parece ter diminuído o interesse no atleta.

O técnico Tite não incluiu Gabriel na relação para o jogo diante do Peñarol, pela Libertadores. Existia a preocupação com uma possível lesão no músculo posterior da coxa direita, mas os exames não constataram o problema. Mesmo assim, foi decidido que o jogador ficaria fora por precaução, conforme informado pelo clube em nota oficial.

Em queda de produção desde 2023, Gabigol se acostumou a ficar no banco flamenguista em 2024, ano em que foi titular apenas em três das 26 partidas nas quais foi a campo. O atacante Carlinhos, contratado junto ao Nova Iguaçu após se destacar no Carioca, foi titular em cinco ocasiões.

Gabriel foi atrapalhado por uma lesão na coxa, sofrida no dia 16 de agosto, da qual se recuperou recentemente, antes da vitória por 1 a 0 sobre o Bahia na Copa do Brasil, jogo que marcou seu retorno após um mês. O problema, contudo, não é o único motivo das poucas aparições do atacante, que sequer saiu do banco em muitos jogos importantes, como contra o Palmeiras na Copa do Brasil ou no clássico com o Fluminense pelo Brasileirão.

Pesou contra o jogador, principalmente, a série de polêmicas nas quais se viu envolvido ao longo do ano. Em abril, chegou a ser suspenso do futebol por dois anos, pela tentativa de "fraudar o exame antidoping". Em maio, foi flagrado vestindo a camisa do Corinthians, clube que já o havia sondado no começo do ano, enquanto estava em um churrasco em casa com amigos e membros da comissão técnica do Flamengo. A situação fez o clube tirar a icônica 10 do atacante.

Mais recentemente, em agosto, foi criticado por rodar a camisa do Palmeiras, trocada em campo, durante a comemoração dos jogadores do Flamengo após vitória sobre os palmeirenses. No X, antigo Twitter, rebateu as críticas e disse que os torcedores flamenguistas "estão escolhendo o lado da chatice".

Pouco depois do episódio, veio à tona a informação de que Gabigol negociava com o Palmeiras. Como o vínculo com o Flamengo termina em dezembro, ele está livre desde julho para assinar pré-contrato com outro clube. A diretoria palmeirense se interessou pela oportunidade e chegou a oferecer um pré-contrato ao jogador e seu estafe, liderado pelo empresário Júnior Pedroso, para contar com o atleta a partir de janeiro de 2025, mas o documento não foi assinado e o clube desistiu da contratação.

O tema Gabigol esfriou no mercado do futebol desde então, com menos especulações do que já houve antes, mas pode voltar a esquentar a partir do fim da temporada. Mesmo frente ao 2024 conturbado, a renovação com o Flamengo não está descartada. Inclusive, a diretoria ofereceu um novo vínculo, mas com duração de apenas um ano, conforme revelado pelo presidente rubro-negro Rodolfo Landim à TNT.

"Quando a gente faz uma proposta para um jogador, a gente analisa todo o contexto. A gente analisa o prazo da proposta, quantos anos vai ficar jogando. Então, a gente tem tanta confiança nessa capacidade de recuperação do Gabriel que a gente de fato fez um proposta de renovação por mais um ano com ele, entendendo que [a má fase] pode ser fruto de um período", disse o dirigente.

"Acho que todo mundo pode passar por uma fase em que o desempenho não é tão bom. A gente está disposto a fazer essa aposta. O que é difícil é que, com o comportamento que ele apresentou no ano de 2023 e em parte deste ano de 2024, a gente faça uma proposta para quatro anos nos valores que estão solicitados neste processo negocial com o empresário dele. Mas a gente fez essa oferta; está na mesa, sim", concluiu.

Foto: Divulgação/Flamengo



Em má fase desde o ano passado e cercado de polêmicas criadas pelo próprio jogador, a sua permanência no Flamengo continua cada vez mais difícil, devendo deixar o clube sem dezembro

EDIÇÃO: Audaci Junior
EDITORAÇÃO: José Raphael

CENTENÁRIO

Um passeio pelas obras centenárias de Monteiro Lobato



Ilustração: Tônio

Protagonista de "Jeca Tatuzinho" foi criado para ensinar noções de higiene e saneamento às crianças na época

Representantes de uma literatura infantil tipicamente brasileira, obras importantes como "Jeca Tatuzinho" e "A caçada da onça" completam um século neste ano

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

"Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes". Assim começa a história de *Jeca Tatuzinho*, personagem-título da obra de Monteiro Lobato (1882-1948), lançada há 100 anos. Escrito para ensinar noções de higiene e saneamento às crianças, o livro infantil divide as comemorações do centenário com outra obra do autor, *A caçada da onça*, também publicada em 1924 pelo reconhecido escritor paulista.

Leitora de Monteiro Lobato desde os oito anos de idade, quando ganhou de presente de aniversário um "livrão" do autor, a escritora, pesquisadora e crítica literária Neide Medeiros Santos destaca que *Jeca Tatuzinho* adquiriu maior visibilidade quando apareceu no almanaque do fortificante Biotônico Fontoura, que, naquela época, era distribuído nas escolas brasileiras. A iniciativa é considerada por muitos, ainda hoje, a maior peça publicitária de todos os tempos no Brasil.

"Eu conheci na antiga escola primária este almanaque do Biotônico Fontoura com a história de Jeca Tatuzinho. Para combater a doença que vitimava o Jeca Tatu e o deixava indisposto para o trabalho, a ancilostomíase, na história aparece um médico que recomendava remédios do laboratório Fontoura e algumas medidas de higiene, como andar com botas, lavar as mãos. Com essas medidas adotadas, o Jeca ficaria curado dos vermes e iria adquirir coragem para o trabalho", narra a escritora, que também é representante paraibana da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Em relação ao livro *A caçada da onça*, Neide Medeiros enfatiza a boa dose de humor e imaginação do autor para criar uma história cheia de aventuras. Como Monteiro Lobato gostava de burilar os textos e fazer modificações, com essa obra não foi diferente: na segunda edição, publicada em 1933, foi introduzido um novo personagem, o rinoceronte, que passou a fazer parte das caçadas e a obra mudou de nome, passando a se chamar *Caçadas de Pedrinho*.

Ao longo desses 100 anos, os personagens e as histórias dessas duas obras de Lobato expandiram-se e ganharam vida também em outros meios. Estrelado por Amácio Mazzaropi (1912-1981), *Jeca Tatu* estreou, nas telas dos cinemas, em 1959, uma década depois da morte de seu criador e seguiu fazendo sucesso até 1980. Mazzaropi atuou, produziu e dirigiu, ao todo, nove filmes. Já o personagem Pedrinho, neto da Dona Benta que já aparecia nas histórias do *Sítio do Picapau Amarelo*, fez grande sucesso nas séries para televisão, com destaque para as produzidas pela Rede Globo, primeiro entre 1977 a 1986, e mais recentemente de 2001 a 2006.

Apesar de reconhecer que Monteiro Lobato continua sendo lido e estudado nas universidades, a pesquisadora Neide Medeiros afirma que o autor já não desperta o mesmo interesse no público infantil como antigamente, fator que alguns críticos atribuem ao grande número de páginas que as publicações possuem. "O mundo moderno pede histórias mais curtas, mais acessíveis. Sente-se a necessidade de uma reformulação nas suas histórias, transformar capítulos em livros (o que já vem ocorrendo) e retirar o ranço racista e eugenista de suas histórias ou explicar para o público infantojuvenil o porquê do racismo e das ideias de supremacia branca", esclarece.

Polêmico e genial

Nascido nos últimos anos do Brasil Império, na cidade de Taubaté, interior do estado de São Paulo, o ativista político e defensor do nacionalismo pode ser considerado tão genial quanto polêmico, e isso ainda hoje.

É Monteiro Lobato que inaugura, nas primeiras décadas do século 20, uma literatura infantil tipicamente brasileira ao procurar fugir dos estereótipos europeus e propor livros em que as crianças pudessem encontrar traços de nossa cultura popular. É também ele, no entanto, que não poupa críticas à pintora Anita Malfatti (1889-1964), durante a exposição na Semana de Arte Moderna de 1922, chamando o trabalho da artista de "resultado de uma deformação mental" e, mais tarde, acusado de comunista, teria seus livros queimados em praça pública.

As polêmicas envolvendo o escritor não pararam mesmo após mais de 70 anos de sua morte. As acusações de racismo e de eugenia a que se referiu a pesquisadora Neide Medeiros costumam ser identificadas nas atitudes da personagem boneca Emília, quando se referia à tia Nastácia, na obra do *Sítio do Picapau Amarelo*, assim como na obra que completa 100 anos, *Caçadas de Pedrinho*. Nesta última, foram protocoladas, inclusive, representações junto ao Conselho Nacional de Educação (CNE), sob alegações de que a obra não atenderia às diretrizes, entrar na lista de aquisições do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) por conter conteúdo racista.

Apesar disso, Medeiros, que também é membro da Academia Paraibana de Letras (APL), ressalta que é preciso examinar o contexto em que Monteiro Lobato viveu, tanto de sua origem — era neto de fazendeiro — como de seu tempo — nas primeiras décadas do século passado ainda havia resquícios da escravatura —, fatos que contribuem para que alguns personagens apresentassem discriminação com relação às pessoas negras.

A especialista afirma que, no atual cenário da literatura infantil brasileira, vários escritores têm se debruçado sobre temas como o combate ao racismo e à discriminação entre os gêneros, assim como à aceitação das diferentes religiões e incorporado estas questões em suas páginas. "Encontramos inúmeros livros que procuram demonstrar que todo e qualquer tipo de preconceito deve ser banido da literatura destinada às crianças. Vivemos o momento de integração, de cumplicidade".

Em relação às obras lobatianas acusadas de racismo, Medeiros sugere que o problema deve ser explicado com sutileza nas escolas e pode servir, inclusive, para promover debates interessantes sobre negritude e cultura africana. "Considero que Monteiro Lobato abriu as portas da literatura infantil brasileira. Ele era um idealista, um empreendedor, um batalhador pelas causas nacionalistas e um grande fabulista, embora tivesse seus defeitos, como todo ser humano. Ele contribuiu muito para que a literatura infantil brasileira chegasse ao patamar que hoje chegou", pontua, listando grandes escritores e quadrinistas, como Ziraldo (1932-2024) e Mauricio de Sousa, que se inspiraram na obra do paulista para criar seus personagens.



Ilustração: Tônio

História cheia de aventuras, "A caçada da onça" virou "Caçadas de Pedrinho" anos depois de seu lançamento



Nascido no município de Pedra Lavrada, Rodrigues (1937-2014) foi cronista esportivo, debatedor e repórter de várias emissoras, como as Rádios Tabajara, Caturité, Arapuan, Correio e Sanhauá

C. Rodriges

Uma paixão transmitida pelas ondas radiofônicas

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Francisco Rodrigues Lima, mais conhecido como C. Rodrigues, nasceu no município de Pedra Lavrada, no interior da Paraíba, em 1937. O apelido que recebeu do companheiro de trabalho Ivan Tomaz teve inspiração no dito popular de que todo Francisco é Chico, mas a abreviação da letra "C" tinha relação também com a sua profissão, como revela o jornalista Gilson Souto Maior, com quem trabalhou na Rádio Caturité, de Campina Grande: "Chamavam ele de Chico Rodrigues, mas C. Rodrigues era mais radiofônico, chamava mais atenção".

Em uma entrevista ao poeta e radialista Quelyno Souza para a revista *A Paraíba é notícia*, em junho de 2005, o próprio C. Rodrigues contou que o sonho de infância era ser advogado, mas acabou fazendo carreira como servidor público federal na Previdência Social. Paralelamente, ele atuava como radialista, fascínio que o atraía desde jovem.

A estreia nas ondas hertzianas foi na equipe de esportes da Rádio Tabajara, em João Pessoa, no início da década de 1960, a convite do companheiro e também radialista Virgínio Trindade. Em 1964, C. Rodrigues estaria na Rádio Arapuan, ao lado de grandes profissionais como Ivan Tomaz, Eudes Moacir Toscano e Hitler Cantalice, dos quais afirmou ter aprendido muito.

Além da crônica esportiva, o paraibano também era acionado para as coberturas de última hora, como repórter volante. Na entrevista a Quelyno Souza, o radialista contou como, em janeiro de 1964, foi escalado pela direção da Rádio Arapuan para cobrir um confronto entre representantes da Liga Camponesa e a Polícia Militar em Mari, na Zona da Mata paraibana, onde morreram camponeses, empregados da usina e policiais. Outra cobertura relatada pelo repórter foi da tragédia ocorrida em 24 de agosto de 1975, na Lagoa do Parque Solon de Lucena, quando uma balsa tipo M-2 afundou, matando mais de 30 pessoas no encerramento da Semana do Exército.

Um dos episódios que também marcou o radialista e que considerava sua pior gafe na imprensa foi quando, ao entrevistar o presidente general Castelo Branco, chamou o militar de tenente. Segundo C. Rodrigues, foi o próprio presidente quem o confortou, dizendo que não ficou chateado porque também já havia sido tenente um dia.

Gilson Souto Maior lembra que, quando foi chefe de locutores da Rádio Caturité, em Campina Grande, acolheu C. Rodrigues na emissora com Clóvis de Melo Azevedo, que também era do município de Pedra Lavrada. Na lista de companheiros daquela época, Gilson cita Ari Ribeiro, Juarez Amaral, Antônio Alberto de Queiroz e Magidiel Lopes. Já na Rádio Borborema, C. Rodrigues esteve ao lado de colegas como o radialista Joselito Lucena, Humberto de Campos e Hermano Ramalho.

Souto Maior afirma que uma das características marcantes de C. Rodrigues era a alegria e o bom humor de suas reportagens. "Ele era um repórter extremamente engraçado. Ele pegava detalhes engraçados de determinados jogadores e fazia umas tiradas para chamar atenção, que deixava o ouvinte rindo. Por exemplo, na escalação de um time do Autoesporte, certa vez ele disse: "Pela lateral direita: Coca!" Aí o outro locutor: "Como é, Coca-Cola?". Aí ele disse: "Não! É Coca, mas se for Coca-Cola também cola", recorda o jornalista campinense.

Debates

De volta à capital do estado, onde permaneceu até o fim da vida, C. Rodrigues passou a integrar a equipe da Rádio Correio FM, onde esteve dividindo a bancada do longevo programa *Correio Debate*, lançado em 1980 pelo jornalista e amigo Luiz Otávio Amorim, falecido em 2002. O programa rompia com as formas mais tradicionais do radiojornalismo, nas quais prevaleciam a locução impessoal e a voz impostada, e criava, como o próprio nome indica, o debate ao vivo com entrevistas e a participação ativa dos ouvintes, que se manifestaram sobre os temas discutidos e faziam reivindicações. Quando recordava esse tempo, C. Rodrigues se emocionava. "Ele batia nos poderosos e era uma espécie de pai para os humildes", relembrou ele, referindo-se ao amigo Luiz Otávio e ao programa campeão de audiência.

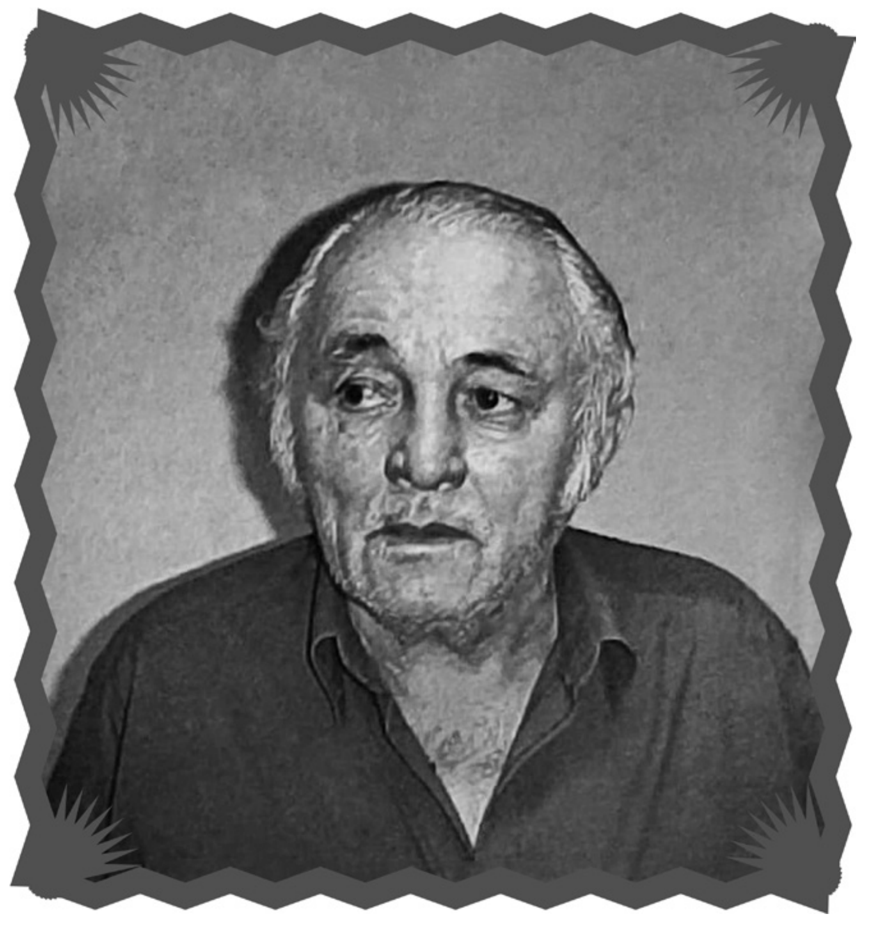
Na Rádio Sanhauá, ele também participou por mais de uma década de um programa do mesmo gênero, o *Debate Sem Censura*, no qual fazia comentários sempre cuidando para não cometer exageros nem injustiças. Destacava como a direção da emissora deixava a equipe trabalhar à vontade, sem impor exigências ou censura, e priorizava sempre o ouvinte, cujo reconhecimento, de acordo com ele, era o melhor prêmio que um radialista poderia receber.

Quando se afastou da crônica esportiva, C. Rodrigues continuou atento aos novos talentos da área. O jornalista esportivo da Rádio Tabajara, Stefano Wanderley, recorda com apreço as lições recebidas do veterano radialista: "Quando iniciei no rádio, ele, que era bastante experiente, me dava conselhos sobre a postura de um profissional e procurei absorver. E na minha primeira transmissão como repórter, ele já afastado da crônica esportiva porque atuava na política, me ligou parabenizando e isso jamais esquecerei. Nós mantínhamos uma amizade, até porque ele, como eu, veio de Campina Grande para trabalhar em João Pessoa e era apaixonado pelo Treze e pelo rádio em si", contou o jornalista.

Nos últimos anos de vida, seu passatempo favorito era ouvir rádio. Considerava-se um "ex-bom de garfo" porque, como portador de diabetes, tinha que manter uma dieta rigorosa que o impedia de devorar tudo. Francisco Rodrigues Lima faleceu aos 77 anos de idade, no dia 9 de maio de 2014, em decorrência de falência múltipla dos órgãos. Ele deixou esposa e cinco filhos.

Quem foi o radialista C. Rodrigues? Em vida, ele mesmo respondeu: "Uma pessoa simples que procura ofender o mínimo possível o ser humano e que não abre mão do sentimento mais nobre da humanidade, a gratidão".

Foto: Reprodução/A Paraíba é notícia



Com bom humor e versatilidade, o radialista paraibano priorizava sempre o ouvinte nos programas e coberturas que realizava

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Sobre o passar do tempo e o arrastado da chinela

Meu pai tinha o costume de anotar, na folhinha afixada na parede, o volume de chuvas que acabara de molhar as terras das Cuncas, lá no Sertão. Quando ele olhava para o calendário e percebia que já era dia 15 do mês em curso, invariavelmente, comentava: "Mês meiou, mês findou".

Essa cena voltou à minha mente na terça-feira passada, quando me dei conta de que o dia 15 de setembro havia passado correndo no domingo. Logo pensei: — Meu Deus, daqui a pouco estaremos em outubro, novembro… e depois teremos a voz de Simone ecoando nas lojas: "Então é Natal, e o que você fez?".

O passar do tempo, a vida acelerada, o excesso de informação e as notificações constantes em nosso celular contribuem para a percepção de que os dias, os anos, os meses correm mais rápido. Tendemos a querer fazer "tudo-ao-mesmo-tempo-agora" (mas nada sairá perfeito, adianto) e mais e mais atropelamos o calendário.

Tal percepção sobre o passar do tempo é individual, mas parece que há outro motivo também. Explico: a Terra está girando mais rápido agora do que nas cinco décadas passadas. Isso foi verificado em 2022 pelos cientistas, virou notícia, e eu não duvido.

Para quem vive às voltas com pautas, então, imagino como estará o cérebro, já antecipando o planejamento da cobertura dos últimos debates e entrevistas referentes às eleições (inclusive o aguardado "Dia D"); das tradicionais notícias sobre o Dia das Crianças/Nossa Senhora Aparecida; da dobradinha Outubro Rosa/Novembro Azul; dos publieditoriais em alusão ao Dia de Finados.

A propósito: este ano, o 2 de novembro cairá em um sábado e não terá sabor de feriado. Em compensação, teremos um feriadão com o 15 de novembro comemorado em uma sexta-feira; e ainda a folga do dia 20 de novembro, "Dia da Consciência Negra e Dia Nacional de Zumbi dos Palmares", que foi oficialmente incorporado ao calendário de feriados em todo o território nacional em março deste ano. Haja pauta fria para tanto plantão… e falta de tempo!

Foto: Arquivo Pessoal



Como dizia seu João Lúcio, quando observava no calendário que já era o dia 15: "Mês meiou, mês findou"

O tempo está passando mais rápido também no comércio. Esses dias, eu vi panetones expostos em um supermercado. Admito, foi um susto! Por alguns segundos, fiquei sem saber em qual mês eu estava vivendo. E até fiquei a especular se a antecipação do Natal, como decretado na Venezuela, estaria repercutindo nas gôndolas do Brasil.

O tempo parece passar mais rápido para quem fica até mais de nove horas por dia na internet, como os brasileiros. Passa mais rápido para quem fica o dia todo acompanhando memes nas redes sociais, observando cadeira voar para cima de candidato-*coach*; lendo pseudonotícias sobre Deolanes e que tais; ignorando o fogo a queimar nossas florestas e a desfaçatez de parlamentares, no Congresso, que se preocupam apenas com o próprio umbigo.

O tempo também parece correr nos locais de trabalho. Ainda que alguns duvidem, também passa mais rápido quando priorizamos os empregos ruins ou que não têm muito a ver com quem somos. E isso deixa marcas em nosso cabelo, rosto e mente.

O tempo passa mais rápido e me atraso para entregar a coluna. Para chegar ao fim, porém, retorno ao começo: "Mês meiou, mês findou" — parece mesmo que estou ouvindo meu pai falar. Na minha mente, escuto o arrastar da chinela de couro pelo chão de cimento queimado, enquanto ouço novamente seu João Lúcio dizer: "Devagar também é pressa".

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Os instrumentistas da MPB — III

Na área dos instrumentistas, ao lado de pianistas que caíram nas graças da MPB, ressaltam-se os que se dedicaram à flauta, ao cavaquinho, violão e bandolim.

Apesar de certa resistência que havia por parte das gravadoras nos anos 1940 e primeira metade dos anos 50, a chamada música instrumental caiu no gosto popular, talvez embalada pelo contagiante ritmo do "choro", carinhosamente batizado de "chorinho". De início, esse ritmo era considerado apenas um jeito brasileiro de tocar qualquer gênero musical, com incursões, sobretudo, no lundu e na polca. O fato é que ele mostrou a sua face autêntica, chegando a ser gravado em países do exterior, inclusive, no Japão. Como se sabe, a tradicional formação de um grupo de "chorões" incorpora bandolim, flauta, violão específico (sete cordas), pandeiro, cavaquinho e clarinete.

O choro, como já dito em coluna anterior, neste ano de 2024, entrou em festa diante do fato de o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), atendendo a solicitações feitas ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural impetradas por vários clubes de choro — Clube do Choro de Brasília, Instituto Casa do Choro do Rio de Janeiro, Clube do Choro de Santos-SP — haver resolvido conferir ao gênero musical o título de Patrimônio Cultural do Brasil. Para nós, torna-se relevante a existência, na capital paraibana, do nosso *Sabadinho Bom*, onde se executa o choro na sua versão mais autêntica. Assim, o chorinho é parte integrante da cultura e da história musical do país, pois já era reconhecido como um gênero genuinamente brasileiro, já tendo sido classificado, conforme dizem os estudiosos, como o possuidor com maior número de seguidores na música popular brasileira, desde o início da implantação da indústria fonográfica no Brasil.

É atribuído a Waldir Azevedo (Rio de Janeiro, 1923-São Paulo, 1980) o mérito de haver popularizado o cavaquinho como instrumento solo do choro, sobretudo, por haver impulsionado a gravação do que convencionamos chamar de música instrumental, razão pela qual foi considerado mestre nesta arte.



Foto: Reprodução/Acervo Todamérica

Waldir Azevedo (1923-1980) popularizou o cavaquinho como um instrumento solo do choro

Desde a primeira infância de menino pobre nos bairros de Piedade e Engenho Novo, ele já manifestara interesse pela música popular, conseguindo amealhar alguns trocados com que adquiriu o seu primeiro instrumento, curiosamente uma flauta transversal. Há registros, inclusive, de que, aos 10 anos, já se apresentara em público, com esse instrumento, no Carnaval de 1933.

Foi exercitando-se, já na adolescência, com um grupo de amigos que se reunia aos sábados, que resolveu trocar a flauta por um bandolim, passando, em pouco tempo, deste para o definitivo cavaquinho, embora com pequenas incursões pelo violão. De qualquer forma, como visto antes, esses quatro instrumentos sempre estiveram presentes em qualquer ambiente onde se executasse o chorinho.

O sonho de tornar-se piloto de aviação foi descartado pelo jovem quando dos exames necessários ao ofício: problemas de natureza cardíaca impediram-no de seguir a vocação, perdendo a aviação, mas ganhando a música. Assim é que, em 1945, com 22 anos, já enturmado no ambiente musical e aconselhado por um amigo, procurou Dilermano Reis, que mantinha com o seu grupo musical um programa na Rádio Clube do Brasil, tornando-se o cavaquinhista do regional. Dois anos depois, com a saída de Dilermano, ele assumiu a direção do conjunto.

Na década de 1950, enfim, veio a consagração de Waldir Azevedo como instrumentista, com a composição/execução de vários *hits*, com a sua primeira criação, o choro "Brasileirinho" (1949, pela Continental), a que se seguiram o baião "Delicado" (1950), que entrou para o *hit* parade da revista americana *Cash Box*, e o chorinho "Pedacinho do Céu" (1951), que ganharam o mundo em diversas regravações e, posteriormente, com letras, respectivamente, de Pereira Costa, Ary Vieira e Miguel Lima. Foram gravadas em versões antológicas por Ademilde Fonseca, com uma versão anterior (1955) por Carmen Miranda, e uma nova versão (1985), por Baby Consuelo, em dueto ainda com Ademilde. Por outro lado, pode-se afirmar que a arte na execução do cavaquinho elevou-o à condição de pioneiro, no sentido de que "retirou-o do mero papel de acompanhante, colocando-o em destaque como instrumentista solo, explorando de forma [até então] inédita as [suas] potencialidades."

O sucesso levou-o a viajar, por mais de uma década, a países das Américas, da Europa e do Oriente Médio, para o que, em certos eventos, foi impulsionado pelo patrocínio do Itamaraty em apoio à Caravana da Música Brasileira. Isso ensejou gravações na Alemanha, Estados Unidos e até do Japão, com direito à apresentação na BBC de Londres, transmitida para 52 países, inclusive, com o *band leader* canadense Percy Faith e orquestra gravando o *hit* "Delicado" que, na época, atingiu a venda de mais de um milhão de cópias. Enfim, ele nos deixou cerca de 70 obras autorais, gravando, ao que consta, 132 fonogramas e 20 LPs.

A título de curiosidade: em 1964, a morte de sua filha, aos 18 anos, levou-o a afastar-se da música, quando se mudou para Brasília. Ali, sofreu um acidente, que o fez perder o dedo anular, ficando impossibilitado de exercer o seu mister, por cerca de dois anos. Cirurgias e fisioterapia fizeram-no retornar à vida artística e às gravações.

No dia 21 de setembro de 1980, portanto há quase exatos 40 anos, um aneurisma o levou à morte acontecida no Hospital da Beneficência Portuguesa, em São Paulo, aos 57 anos de idade.

TECNOLOGIA

Após oito anos, Bluetooth lança a sua sexta versão

Atualização da comunicação sem fio traz série de aprimoramentos funcionais

Guilherme Nannini
Agência Estado



Usado em fones de ouvido e celulares, o Bluetooth 6.0 tem aprimoramentos na transmissão de dados, visando economia de energia e redução da latência da comunicação

Foto: Divulgação/Google

Após oito anos desde o lançamento do Bluetooth 5.0, o Bluetooth Special Interest Group (SIG) anunciou oficialmente o Bluetooth 6.0, a mais recente versão da tecnologia de comunicação sem fio. A nova versão traz uma série de aprimoramentos funcionais, com destaque para o recurso de rastreamento de dispositivos com precisão centimétrica, e foi batizado de *Bluetooth Channel Sounding*.

O *bluetooth* é uma tecnologia de comunicação sem fio que permite a troca de dados entre dispositivos próximos, como *smartphones*, fones de ouvido, caixas de som, teclados, *mouses* e muitos outros. Ele utiliza ondas de rádio de curto alcance para estabelecer conexões com o dispositivo (como um *smartphone* ou computador) eliminando a necessidade de cabos e fios.

Principais novidades

Entre as atualizações, destaca-se a tecnologia *Bluetooth Channel Sounding* que permite determinar a distância entre dois dispositivos com uma precisão na casa dos centímetros, emitindo sinais de rádio entre ambos os aparelhos em frequências diferentes para estimar a distância. Essa comunicação é feita somente entre dispositivos autorizados, garantindo a segurança e a privacidade dos usuários.

Com essa tecnologia, será possível utilizar o celular para localizar objetos com dispositivos de rastreamento similares ao Apple AirTag, além de outras aplicações como chaves digitais para abertura de portas, portões ou carros, e o "despertar" de dispositivos periféricos, como *mouse* e teclado, de acordo com a proximidade física em relação a um *tablet* ou *notebook*.

A Apple ainda poderá utilizar o Bluetooth 6.0 para aprimorar o recurso "Busca Precisa" (*Precision Finding*) do *app* Buscar, oferecendo uma localização ainda mais precisa de dispositivos perdidos, mesmo em ambientes amplos ou complexos. Além disso, a atualização permitirá que dispositivos sem *chip* de banda ultralarga (UWB), como o controle remoto da Apple TV, também sejam localizados com maior precisão.

O Bluetooth 6.0 também traz aprimoramentos na transmissão de dados, visando à economia de energia e à redução da latência da comunicação. O recurso *Decision-Based Advertising Filtering* evita que o processo de varredura para estabelecer conexões seja executado em canais irrelevantes, enquanto o *Monitoring Advertisers* ajuda a poupar energia quando o alcance de um dispositivo a ser conectado é incerto. A *Isochronous Adaptation Layer* também foi aprimorada, reduzindo a latência e aumentando a confiabilidade da transmissão de dados, especialmente em casos que envolvam informações sensíveis ao tempo.

Embora as especificações do Bluetooth 6.0 estejam prontas, o acesso à tecnologia deve demorar alguns meses, dependendo do desenvolvimento de componentes e dispositivos compatíveis. A expectativa é que os primeiros dispositivos com suporte ao Bluetooth 6.0 comecem a chegar ao mercado em 2025.



Imagem: Pixabay

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: existir (1) = ser + desembaraçador de cabelo (2) = pente. **Solução:** réptil (3) = serpente . **Charada de hoje:** Ah! Se a fêmea suína (2) pudesse, ela até achava graça (2) da imundície (4) em que vive.

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Desvivelândia

Jorge Rezende (argumento) / Tônio (arte)





Foto: Divulgação/Warner

Eita!!!!

Batman, "o retorno"

No fim dos anos 1980, o Homem-Morcego completava 50 anos de criação. Para celebrar a data, a Warner produziu o primeiro longa-metragem (sério) do personagem vindo dos quadrinhos: *Batman* foi dirigido pelo promissor Tim Burton, que já viria colocando a sua marca *dark* e "gótica" no vigilante de Gotham City. O que se espalhou na época foi uma "batmania", com a elipse amarela que envolve o morcego em tudo o que era produto da cultura pop. Nesta semana (até a próxima quarta-feira), o filme está de volta aos cinemas, remasterizado e comemorando seus 35 anos de lançamento (confira as salas e sessões na seção "Em Cartaz", na página 12). Por conta disso, listamos algumas curiosidades sobre a criação de Bob Kane (1915-1998) e Bill Finger (1914-1974).

Rejeição a Michael Keaton

Baixinho, testudo, feio e vindo da comédia. Muitos fãs rejeitaram o nome de Michael Keaton para viver Batman/ Bruce Wayne, mas o ator já havia trabalhado com Burton na comédia de terror *Os Fantasmas se Divertem* (1988). Até Adam West, o Batman da série de TV (que também tinha um longa), desejava protagonizar o filme. A lista era imensa, com nomes que iam de Bill Murray, passando pelo Arnold Schwarzenegger, até Patrick Swayze, Mel Gibson, Harrison Ford, Tom Hanks, Kevin Costner, Tom Cruise, Bruce Willis e Michael J. Fox, entre outros.

Sucesso

Na época, a produção ganhou o Oscar de Melhor Direção de Arte, por conta da sombria Gotham City de Anton Furst (1944-1991). Orçado em aproximadamente US$ 35 milhões, *Batman* arrecadou mais de US$ 400 milhões ao redor do globo, colocando o filme no quinto lugar na lista de maior bilheteria mundial. Burton voltaria a dirigir *Batman — O Retorno* (1992), passando, em seguida, a cadeira de diretor para Joel Schumacher (1939-2020), que afundou a franquia com os longas *Batman Eternamente* (1995) e *Batman & Robin* (1997).

Em segundo plano

Como na maioria dos filmes de Batman, quem rouba a cena é o vilão da vez: o arqui-inimigo Coringa, interpretado pelo "oscarizado" Jack Nicholson. Robin Williams, Willem Dafoe e David Bowie estiveram cotados para o papel do Palhaço do Crime. O contrato de Nicholson continha uma cláusula que dava a ele uma porcentagem do faturamento total do filme. Com isso, o artista embolsou US$ 60 milhões pela atuação. Até 2003, este foi o maior cachê que um ator recebeu por um único filme.

Mudanças

Originalmente, o roteirista Sam Hamm colocou o Coringa matando Vicki Vale (jornalista interpretada por Kim Basinger) no clímax do filme. Porém, no começo das filmagens houve uma greve de roteiristas e o produtor Jon Peter reescreveu o final. Por conta disso, houve também a polêmica versão de um jovem Jack Napier (*alter ego* do Coringa) assassinando os pais de Bruce Wayne.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)





Solução

1 – crucifixo; 2 – cauda do pássaro; 3 – faca; 4 – árvore; 5 – folha no chão; 6 – caju; 7 – pintas no cachorro; 8 – enxada; e 9 – costeleta.

EDIÇÃO: Audaci Junior
EDITORAÇÃO: Lucas Nóbrega

É uma expressão que remete ao sentimento de estar "desacreditado" nas relações heterossexuais. Uma percepção generalizada de desilusão quanto aos relacionamentos amorosos, por diversos fatores, como traições, machismo, imaturidade, falta de comprometimento, entre outros.

RELACIONAMENTO

Antes só do que mal-acompanhado

O que leva uma pessoa a se tornar heteropessimista e quais os caminhos para lidar com a decepção, o constrangimento ou o desespero com o estado das relações amorosas de pessoas do sexo oposto?

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Frustração, desencanto e ceticismo nas relações amorosas são sensações cada vez mais compartilhadas nas conversas entre mulheres, quando o assunto é encontrar ou manter uma boa relação com o sexo oposto. "Todos os caras legais já estão comprometidos", "Eu já estou traumatizada, hoje em dia só tem *boy* lixo", "A mulher hétero sofre, amiga!", "Meu parceiro me dá mais trabalho que um filho, sobra tudo para mim" são algumas das frases que remetem a essa percepção coletiva que Asa Seresin, pesquisador da Universidade de Pensilvânia, nos Estados Unidos, chamou de heteropessimismo, em um artigo publicado em 2019, no qual afirma que a heterossexualidade não é mais um problema pessoal.

Segundo André Memória, psicólogo especializado em sexologia, a descrença nas relações amorosas não é privilégio dos heterossexuais, mas o termo heteropessimismo vincula-se a uma corrente de pensamento na qual as mulheres veem como quase nulas as possibilidades de estabelecer um relacionamento com homens, seja para ficar, namorar ou casar. O psicólogo alerta que o sentimento também é manifestado por homens, porém em número bem menor.

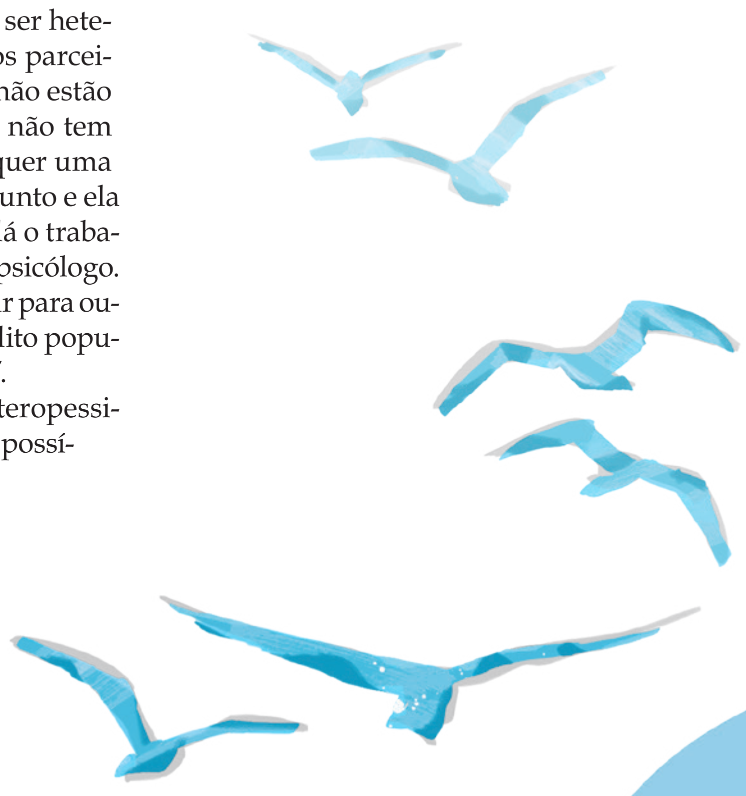
"Uma das questões mais comuns que eu ouço na clínica são mulheres falando que não encontram uma pessoa interessante, um cara legal nem para ficar, muitas vezes, nem para ser um PA, como se diz no popular, um pênis amigo", relata André. A reclamação é que, tanto em aplicativos de relacionamento como nos encontros presenciais, os homens não dialogam ou têm um diálogo muito raso e, às vezes, até negativo em relação ao que é a vida e o que são as mulheres.

"Elas alegam que não conseguem construir nada, porque a quantidade de homens sem o mínimo de capacidade intelectual, de bom humor ou de estabelecer uma conexão saudável é mínima ou quase inexistente".

Como atende também on-line, o psicólogo reforça que se trata de um sentimento generalizado, presente tanto na Paraíba como em vários lugares do Brasil. "Essa sensação não é algo ilusório, não é uma coisa criada mentalmente, é um fato. A situação está braba mesmo!", afirma. Para o especialista, um sinal muito claro do heteropessimismo é quando a mulher começa a reclamar vários dias, semanas, meses ou até anos que está difícil encontrar um parceiro interessante.

Embora mulheres casadas também possam ser heteropessimistas, desacreditar das relações com os parceiros tem sido mais expressado por aquelas que não estão num relacionamento. "Essa mulher, em geral, não tem uma relação, mas ela quer construir algo. Ela quer uma pessoa interessante para passar algum tempo junto e ela não encontra. Então, muitas vezes, ela nem se dá o trabalho de buscar, de estar disponível", constata o psicólogo. Resignada, a heteropessimista pode se direcionar para outras atividades e tomar como norma o famoso dito popular de que "antes só do que mal-acompanhada".

Mas o que leva uma pessoa a se tornar heteropessimista? Onde estaria a raiz do problema? Seria possível combatê-la? Quais os caminhos para lidar com o heteropessimismo? E entre os homens, como ele se manifesta? São questões que nos levam a *Pensar*. Para isso, conversamos com homens e mulheres héteros que se mostram desiludidos, depois dos últimos relacionamentos amorosos, assim com especialistas na área.





Segundo o psicólogo, a maioria das mulheres reclamam sobre a dificuldade de diálogo e o negativismo dos homens em relação ao que é a vida

Ilustração: Bruno Chiossi

CONCEITO

Bases que amparam trauma

Dar um nome a um problema é abrir um caminho possível para compreendê-lo

Marcella Alencar
marcella.t.alencar@gmail.com

Para compreender o heteropessimismo, é preciso trilhar um caminho que nos leve ao entendimento de como o conceito ganhou materialidade. O que o sustenta? Nomear o problema talvez seja o primeiro passo para conseguir entender como ele funciona. Mas, "ao mesmo tempo, nomear um problema não o faz desaparecer. Dar um nome a um problema pode ser vivido como uma exaltação do problema, ao permitir que determinada coisa ganhe densidade social e física por tornar tangíveis experiências que, de outra forma, continuariam dispersas".

Essa é a visão da teórica australiana feminista, Sara Ahmed, no livro *Viver uma Vida Feminista*. Nele, a autora destaca a complexa relação entre nomear e enfrentar questões que, até então, permaneceram invisíveis ou dispersas na sociedade. Esse pensamento é especialmente relevante quando se fala de fenômenos nomeados recentemente, como o heteropessimismo.

Evellyn Lima, redatora e revisora de textos, está solteira há 10 anos. Ela conta que já lhe ocorreu diversas vezes o sentimento ou pensamento heteropessimista, principalmente após experiências malsucedidas. A sucessão dessas experiências leva a crer na necessidade de lidar com seriedade com o que está ocorrendo. "Entendo essa linha de pensamento como uma tentativa de nomear, para, então, superar uma dificuldade generalizada, principalmente entre mulheres, de se relacionar romanticamente de forma saudável, mas procuro não me apegar a esse sentimento".

O professor de sociologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Valdênio Meneses, quando questionado sobre o que acha do assunto, comentou o porquê de parte desse problema parece ser exaltado quando falamos dele. "A capacidade de compartilhar experiências, hoje, é bem mais ampla do que antes, entre as mulheres que se relacionam com homens".

Valdênio ainda traz uma opinião que leva a pensar sobre o surgimento desse movimento. "O heteropessimismo não é novo, tem muito bolerão antigo que, cantado na voz feminina, fala que homem não presta. Talvez o que seja novo é falar e compartilhar rapidamente as experiências negativas e traumáticas". Mas, afinal de contas, de onde surge esse trauma, quais as bases que o sustentam?

Mal-estar no ar

"O heteropessimismo está presente, principalmente nas mulheres, desde o primeiro estágio, que é o da paquera. Ou seja: não vai usar o Tinder, não vai a um bar ou nem vai com um olhar de relacionamento para algum tipo de show, de qualquer evento, porque já está pessimista em relação a uma construção de relacionamento", comenta o psicólogo André Memória.

Essa desesperança e essa inquietação, na realidade, têm uma relação com a latente necessidade de mudança de postura diante das estruturas que existem e guiam as interações afetivo-sexuais. A psicóloga clínica de Campina Grande, Adriana Reis, comenta que o que sustenta esse mal-estar em relação aos relacionamentos tem a ver, principalmente, com o machismo. "O repertório que sustenta o heteropessimismo é o repertório de relações patriarcais, machistas, com esse lugar da violência presente". Segundo a especialista, as relações heterossexuais vão repetir violências de gênero. Então, a partir dessas retomadas, constrói-se o caminho do heteropessimismo.

No entanto, reiterar o sentimento de desesperança e as estruturas que já existem não esconde que as relações entre homens e mulheres sofrem também de outros problemas, a exemplo dos hiatos de comunicação entre ambos. A redatora Evellyn Lima aponta para a necessidade de organizar outras formas de se relacionar. "Tudo isso é um sinal de que homens e mulheres, igualmente, precisam se dedicar a pensar em maneiras viáveis de se entenderem romanticamente", comenta.

Por ser um problema que atinge, em sua maioria, as mulheres, como atesta o psicólogo clínico André Memória, logo, os homens estariam menos sujeitos ao mal-estar presente socialmente no ato de se relacionar afetivo-sexualmente. Talvez os homens sofram menos violências decorrentes desses processos; no entanto, o mal-estar é generalizado, justamente pelos processos, sobretudo, vindo do feminismo, de questionamento dos modelos vigentes de relacionamento, nos quais homens e mulheres têm papéis específicos nas relações.

Foto: Arquivo Pessoal



Para a psicóloga Adriana Reis, o que sustenta o heteropessimismo é um repertório de relações patriarcais e machistas

Adriana Reis explica de que forma essa relação afeta não apenas as mulheres, mas também os homens que estão presentes nos entrelaces sociais. "O gênero é realmente um fator estruturante. Há uma diferença gigantesca entre a forma de homens e mulheres se relacionarem", explica a psicóloga, complementando ainda que as pessoas que levam em consideração a forma como querem se relacionar, seja a partir de uma idealização do amor romântico, seja por meio do questionamento das formas tradicionais de se relacionar, realmente tendem a ter uma visão bem pessimista.

Esse pessimismo já é apontado há mais de 20 anos pelo autor Zygmunt Bauman, em seu livro *Amor Líquido*. O autor, em 2003, elaborou a teoria de que as relações contemporâneas são sustentadas por laços mais frágeis e explora, na obra, a fragilidade das relações humanas, caracterizada por uma constante mudança e fluidez comuns aos processos cotidianos modernos.

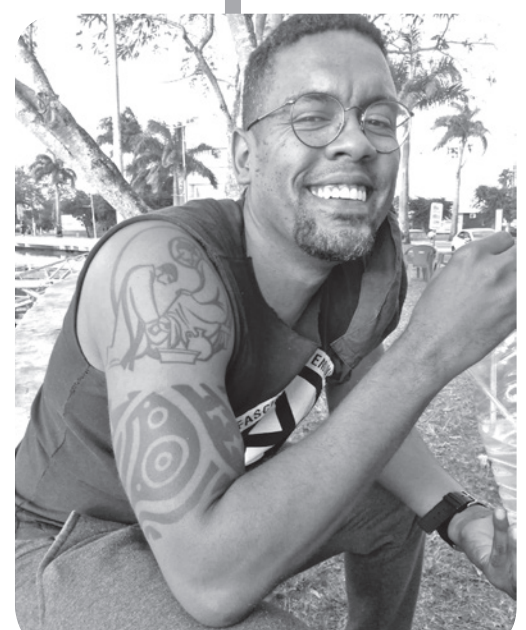
Ele argumenta que as relações amorosas, assim como muitos aspectos da vida contemporânea, tornaram-se voláteis e superficiais, com menos compromisso e profundidade. As relações perpassadas pela ideia de "amor líquido" são marcadas por inseguranças e falta de comprometimentos, para o referido autor.

Já para Evellyn Lima, talvez essa também seja uma das causas dos problemas de relacionamento. "A expansão dos meios digitais, com os aplicativos de relacionamento, apesar de ter facilitado os encontros, talvez tenha dificultado a possibilidade de conexões mais profundas e que levam tempo para serem construídas", avalia a redatora e revisora.

A desilusão em torno das relações heteroafetivas contemporâneas são experimentadas mutuamente, com frustrações similares e marcadas por uma desconexão emocional. João (nome fictício para o entrevistado que não quis se identificar), pedagogo natural do Rio Grande do Norte, ao ser questionado sobere o que acha do heteropessimismo, respondeu que o "amor demanda tempo e abertura, e capitalismo tardio demanda produção extra e isolamento". Essa resposta torna visível a indisponibilidade amorosa nas relações contemporâneas.

Fotos: Arquivo Pessoal







De cima para baixo: Allyson Gabriel fala que o conceito se aplica mais a mulheres, que geralmente se decepcionam em relações hétero; já Ronaldo Sales tem um autopessimismo quanto à capacidade de viver relacionamentos saudáveis; por fim, para Valdênio Meneses, o homem precisa ter uma reflexão mais silenciosa sobre si



Ilustração: Bruno Chiossi

OPINIÃO

O que pensar sobre heteropessimismo?

Heterossexuais enfrentam pressões que vão desde a idealização do romance até os rígidos papéis de gênero

Marcella Alencar
marcella.t.alencar@gmail.com

Ao tornar possível identificar o sentimento pessimista, cria-se a capacidade de dar voz a uma experiência que, até então, era vivida de forma isolada e sem uma linguagem clara para expressá-la. Homens e mulheres heterossexuais frequentemente enfrentam pressões culturais que vão desde a idealização do romance até os rígidos papéis de gênero. Para entender melhor, a reportagem buscou questionar mulheres e homens com a mesma pergunta: "O que você pensa sobre o heteropessimismo?".

Para alguns homens entrevistados, o conceito de heteropessimismo é visto com certo distanciamento e, por vezes, desdém. "Esse conceito é besta", enfatizou o pedagogo João (nome fictício, pois o entrevistado não quis se identificar). "Me poupe", disse de forma impaciente o engenheiro Carlos (nome fictício). "Eu acho que esse negócio se aplica mais a mulheres, que geralmente se decepcionam em relações hétero. Ficam tempos sem se relacionar", atestou Allyson Gabriel, professor de matemática da rede pública em Patos, no Sertão paraibano.

De fato, os motivos pelos quais as mulheres se relacionam mais com o problema já foram apontados. Embora o mal-estar exista, as mulheres estão sujeitas a uma quantidade maior de violência em uma determinada situação, diante do contexto histórico no qual as relações sociais se constituíram. Ronaldo Sales, professor de sociologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), falou que o heteropessimismo ocorre diante de uma desilusão, e que ela existe "em razão da atitude afetiva, sexual e política de grande parte de homens heterossexuais. Agressividade, violência física e sexual, machismo, padrão de vida, tendência ao conservadorismo político, dificuldade de vínculos afetivos saudáveis".

Hoje, Sales diz se considerar um heteropessimista. "Mas isso se expressa como um autopessimismo quanto à minha capacidade de viver relacionamentos realmente saudáveis". No entanto, é preciso lembrar que o sentimento pessimista não parte de uma causa puramente individual, embora muitas pessoas acabem acreditando nesse caminho e caindo em outro: o do julgamento.

Individualizar o problema leva a movimentos contrários aos que são necessários para lidar com o problema, como aponta a psicóloga Adriana Reis. "A heteronormatividade compulsória tem sido uma discussão muito presente. As reflexões mudam a forma de se relacionar, e isso atinge a todos, embora muitas vezes a gente encare como se fosse um problema pessoal". Os relacionamentos heterossexuais pressupõem regras e normas para a afinidade e acabam criando, por vezes, expectativas irreais em relação a como um envolvimento amoroso deve ser, nas palavras dela.

Já o professor Valdênio Meneses, ao ser questionado sobre a existência de homens heteropessimistas, confessa que não gosta da ideia. "Julgo mesmo aqueles homens que fazem performance, às vezes, para aparecer, se desculpando por ser hétero. Quem mais expressa, às vezes, é quem mais ajuda no clima pessimista". Para ele, chegou a hora de o homem ter uma reflexão mais silenciosa sobre si. Contudo, revela um ponto sensível, que é o fato de que os homens não conseguem, por vezes, associar-se aos próprios sentimentos de maneira saudável. "O homem precisa falar o que sente, claro, sair daquela fantasia de inabalável — hétero ou não".

Algumas explicações para o porquê de os homens estarem pessimistas podem adentrar lugares mais obscuros e mostram como essas questões se atrelam ao machismo. Para o engenheiro Carlos, "o que existe hoje em dia é uma perspectiva negativa de alguns homens — dos que despertaram — em relação às mulheres em questão de relacionamento. De fato, é pessimista". A sugestão do entrevistado foi assistir a vídeos que remetem a um movimento crescente na internet, o *redpill*.

"O movimento dos que despertaram". O acordar faz uma alusão ao filme *Matrix* (1999), no qual, ao se tomar uma pílula vermelha, é possível entender a realidade como ela realmente é. Essa visão liga-se à desilusão presente no heteropessimismo de uma forma específica.

Esse movimento não foi citado apenas por Carlos. O professor Ronaldo Sales se lembrou do movimento *redpill* ao ser questionado se os homens também poderiam ser heteropessimistas. "Talvez os 'redpilados' possam ser vistos como heteropessimistas. Mas, nesse caso, é justamente a heteromasculinidade deles que é o problema. Inclusive, há mulheres que cobram que os homens voltem a ser homens".

O movimento, guiado por transforma a frustração em uma crítica mais intensa às mulheres e ao feminismo, sustentando que as relações heterossexuais se tornaram insatisfatórias para os homens devido à mudança nos papéis de gênero. Para os seguidores do *redpill*, o pessimismo em relação às mulheres e aos relacionamentos não é apenas emocional, mas uma espécie de "despertar" para a ideia de que o equilíbrio de poder nas relações foi distorcido em favor das mulheres. Thiago Schutz, escritor de *Redpill 2.0*, é um dos expoentes do movimento atualmente.

No entanto, se voltarmos alguns passos na história das frustrações amorosas, é possível considerar os *incels* como parte desse movimento. Esse nome é uma abreviação de "celibato involuntário", em inglês. Surge em meados de 1993, em comunidades virtuais, e refere-se a indivíduos, majoritariamente homens, que se consideram incapazes de estabelecer relações amorosas ou sexuais, apesar do desejo por essas conexões. Atualmente, a comunidade agrega-se majoritariamente no *Reddit*. Eles estariam sujeitos ao celibato involuntário causado por mulheres que não querem se relacionar com eles e a solução.

Os *incels* radicalizam o pessimismo, evoluindo para um ressentimento mais profundo. Eles atribuem sua falta de sucesso a uma injustiça sistêmica e frequentemente direcionando sua frustração contra as mulheres. Alguns chegam a promover discursos de ódio ou até violência, diferentemente de outras manifestações de heteropessimismo, que podem ser mais introspectivas, ou críticas sociais sem envolver hostilidade direta.

Experiência é mais tangível e dolorosa para mulheres

Apesar de não haver simetria entre as frustrações extremas de homens que lidam com o pessimismo em relações heterossexuais e mulheres que lidam com o pessimismo na mesma situação, é possível observar que também há um movimento de mulheres que também envolvem o celibato — mas, desta vez, voluntário.

Algumas reportagens e falas presentes na internet destacam que esse movimento faz parte de um "detox de homem". A psicóloga Adriana Reis comenta que, se por um lado o celibato voluntário promove uma certa autonomia ao corpo, por outro lado "as pessoas que estão chegando no heteropessimismo com muita raiva, elas podem ir para o celibato como um lugar de culpa, muito parecido como uma autopunição". Para ela, é possível um heteropessimista ser mais criativo e ter outras possibilidades de se relacionar nesse lugar do não querer algo.

Aplicativos de relacionamento, apesar de terem facilitado encontros, podem ter dificultado a possibilidade de conexões mais profundas e longevas

Ao serem questionadas sobre heteropessimismo, as mulheres se engajam mais nas respostas. Para as mulheres, o heteropessimismo parece ser uma experiência mais tangível e dolorosa. A assistente social Luiza (nome fictício) falou que o questionamento a deixou intrigada. "Essa questão de ser heterossexual e ter esse pessimismo muito grande, de achar que não vai conseguir ter boas relações, tem me pegado nos últimos tempos. Eu acabei entrando em uma batalha contra mim mesma, de achar que eu tinha que ser bissexual, que tinha que gostar de mulher". Ela relata que tal discussão começou a deixá-la mal e que tem tentado sair desse movimento.

A historiadora e professora Jéssica Salvino propõe uma reflexão sobre a existência desse movimento, comentando que é fruto de um processo de questionamentos e do cansaço em se relacionar romanticamente com homens héteros. "De certa forma, é algo bom para que as mulheres entendam que não precisam se sacrificar para estar em um relacionamento romântico que não é tudo nas nossas vidas".

A transformação de percepção em torno do que se tolera em um relacionamento, ou o que se busca, está ligado, para a redatora Evellyn Lima, ao modo como as mulheres foram mudando com o passar dos anos. Ao ser questionada sobre os motivos pelos quais as mulheres estão heteropessimistas, ela fala sobre essas mudanças. "Acho que está muito relacionado também a essa questão de que as mulheres se transformaram, foram se atualizando de acordo com as transformações feministas e sociais e os homens continuaram no mesmo lugar, não buscaram por essa transformação até porque eles não são cobrados por isso".

Para Evellyn, a cobrança e as mudanças atingem mulheres e homens de formas distintas. "Além de hétero, sou uma mulher fora do padrão, então, talvez, por esses marcadores, minhas experiências românticas nos últimos anos têm sido cada vez piores, não passando de vivências casuais curtas e rasas".

O psicólogo André Memória relata que uma das premissas de busca por relacionamento para homens passa pela busca de um corpo que eles idealizam e, muitas vezes, causa também uma frustração, alimentando o sentimento heteropessimista. "O homem quer aquela mulher com um corpo-padrão, preferência branca e independente". A busca por um par romântico idealizado também causa sentimento de frustração.

A dificuldade de encontrar pontos em comum dentro de uma relação afetivo-sexual a dois. No entanto, Jéssica Salvino aponta um caminho pertinente para se pensar as relações românticas. "Um relacionamento não é tudo. Corresponde apenas a uma das partes de um todo relacional maior. A gente não pode depositar nossa felicidade em um relacionamento. Talvez o termo até ajude a entender a importância de descentralizar os relacionamentos românticos", comenta a historiadora.

Para a psicóloga Adriana Reis, é necessário lidar com a frustração de uma forma que "transforme ele em um relacionar mais respeitoso, mais criativo, que você se conecte mesmo com as pessoas. É interessante tentar construir algo que funcione para ambas as partes. Dá para transformar essa frustração em um lugar mais aberto para se relacionar de outra forma", conclui ela.

Movimento feminino faz parte de um "detox de homem": a busca por um par idealizado também causa sentimento de frustração



Jéssica Salvino (E) aponta que as mulheres não precisam se sacrificar para estar em um relacionamento romântico; já Evellyn Lima (D) analisa que houve uma atualização segundo as transformações feministas e sociais e que os homens não buscaram essa mudança



Fotos: Arquivo pessoal

PESSIMISMO

Um sentimento que precisa ser reduzido

Psicólogo especializado em sexologia aconselha ter pensamento mais positivo, pois não existe uma "fórmula secreta" para combater o medo de morrer solteiro ou solteira

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Parece óbvio, até pela sua própria denominação, mas é preciso recordar: o heteropessimismo é um tipo de pessimismo, comportamento de quem espera o pior de todas as situações, guiado por pensamentos e atitudes negativas. O problema está quando esse pessimismo começa a interferir em aspectos da vida social ou até mesmo afetar a saúde física e a psicológica da pessoa.

"Eu vejo que é exatamente por ter esse pessimismo, por achar que não vai ter boas relações, que pode não haver boas trocas", relata uma mulher que se considera heteropessimista, mas preferiu não se identificar. Justamente por reconhecer as relações estruturais que envolvem a questão, revela ter enfrentado uma batalha interior para encontrar uma resposta ao que sentia. "Eu comecei a pensar: Tenho que ser bissexual, eu tenho que gostar — sei lá — de mulher e tal? Isso começou a me fazer muito mal, sabe? Então, eu tenho tentado sair um pouco desse movimento".

Foto: Arquivo pessoal



André Memória frisa o cuidado para lidar com a ansiedade provocada pelas redes sociais, que pode acarretar transtornos

O sexólogo André Memória alerta que é preciso ter cuidado nas tentativas de realizar outras experiências com pessoas do mesmo gênero só porque algumas pessoas, mesmo amigos e amigas, fizeram e disseram ter dado certo. "Se você quiser experienciar e você acha que é uma experiência interessante e válida, faça. Agora, se você não quer, não faça. A gente precisa entender bem os nossos limites, até onde a gente pode ir. É um processo de observação, de autoconhecimento", aconselha.

Para André Memória, não existe uma "fórmula secreta" para combater o medo de morrer solteiro ou solteira. A principal recomendação é ter paciência e tentar trabalhar o pessimismo, um sentimento que faz parte da vida de muita gente, mas que precisa ser reduzido. "Na vida como um todo, no trabalho, na faculdade, na escola, na relação familiar, a pessoa pessimista tende a viver muito pior do que a pessoa otimista/realista. É importante a gente tentar aumentar um pouco a esperançosidade e o otimismo e ter um olhar um pouco mais realista", sugere o psicólogo.

Apesar de os tipos de relações mantidas em aplicativos de relacionamento serem superficiais, o especialista não propõe descartá-los de tudo: "Usa o Tinder quando achar que deve, vai ao bar, vai a uma apresentação do *Sabadinho Bom*, vai ao show, faz o que você gosta, vai às festas dos amigos. Vai vivendo com calma e com um certo otimismo ou trabalhando um pouco o pessimismo para não se fechar às relações", orienta André Memória.

Saúde mental

Outro cuidado muito importante é aprender a lidar com a ansiedade, cada vez mais presente no contexto de imediatez e de aceleração, provocada pela instantaneidade das redes sociais digitais. Os relacionamentos, inclusive amorosos, não acontecem no ritmo das interações nesses ambientes, e as respostas não podem ser esperadas na mesma velocidade em que se comenta ou curte um vídeo publicado no Instagram ou no TikTok. Como nem tudo acontece no tempo que a gente deseja, imaginar que tudo tem que ser "para hoje" ou "para já" acaba se tornando um risco à própria saúde mental.

"Se a gente quiser tudo muito rápido, como nem tudo está sob nosso controle, a ansiedade vai se elevar muito, o que pode acarretar transtornos de ansiedade", explica o psicólogo, sempre recomendando calma e paciência consigo mesmo. Para as mulheres acima dos 25 ou 30 anos, esse cuidado deve ser redobrado, porque costuma haver uma autocobrança, imposta culturalmente, de que nessa idade já deveriam estar casadas, com um filho ou, no mínimo, em uma relação estável.

Antigamente era melhor?

Na opinião de André Memória, a situação atual das relações é complexa, mas isso não é motivo para acreditar que, apenas no passado, as coisas funcionavam melhor.

O especialista cita exemplos: as mulheres não sabiam quanto ganhavam seus maridos, e o orgasmo era muito raro. "A gente não deve se enganar com a simplicidade das relações do passado que, muitas vezes, escondia uma série de prisões e situações de repressão e de impossibilidades para as mulheres. Eu entendo que aquela relação não era melhor do a que gente tem hoje", defende.

Segundo o profissional, para evitar os picos de ansiedade, é preciso estar bem consigo mesmo, independentemente de parceiro ou parceira. Uma dica para evitar pensar o tempo todo na necessidade de estar em uma relação é dedicar tempo a si mesmo: fazer ioga, meditação ou realizar atividades que proporcionem momentos de bem-estar e felicidade.

> **"Na vida como um todo, (...) a pessoa pessimista tende a viver muito pior do que a pessoa otimista/realista. É importante a gente tentar aumentar um pouco a esperançosidade e o otimismo e ter um olhar um pouco mais realista**
>
> André Memória

Para evitar picos de nervosismo, preocupação ou desconforto, é preciso estar bem consigo mesmo, independentemente de ter ao lado um parceiro ou uma parceira

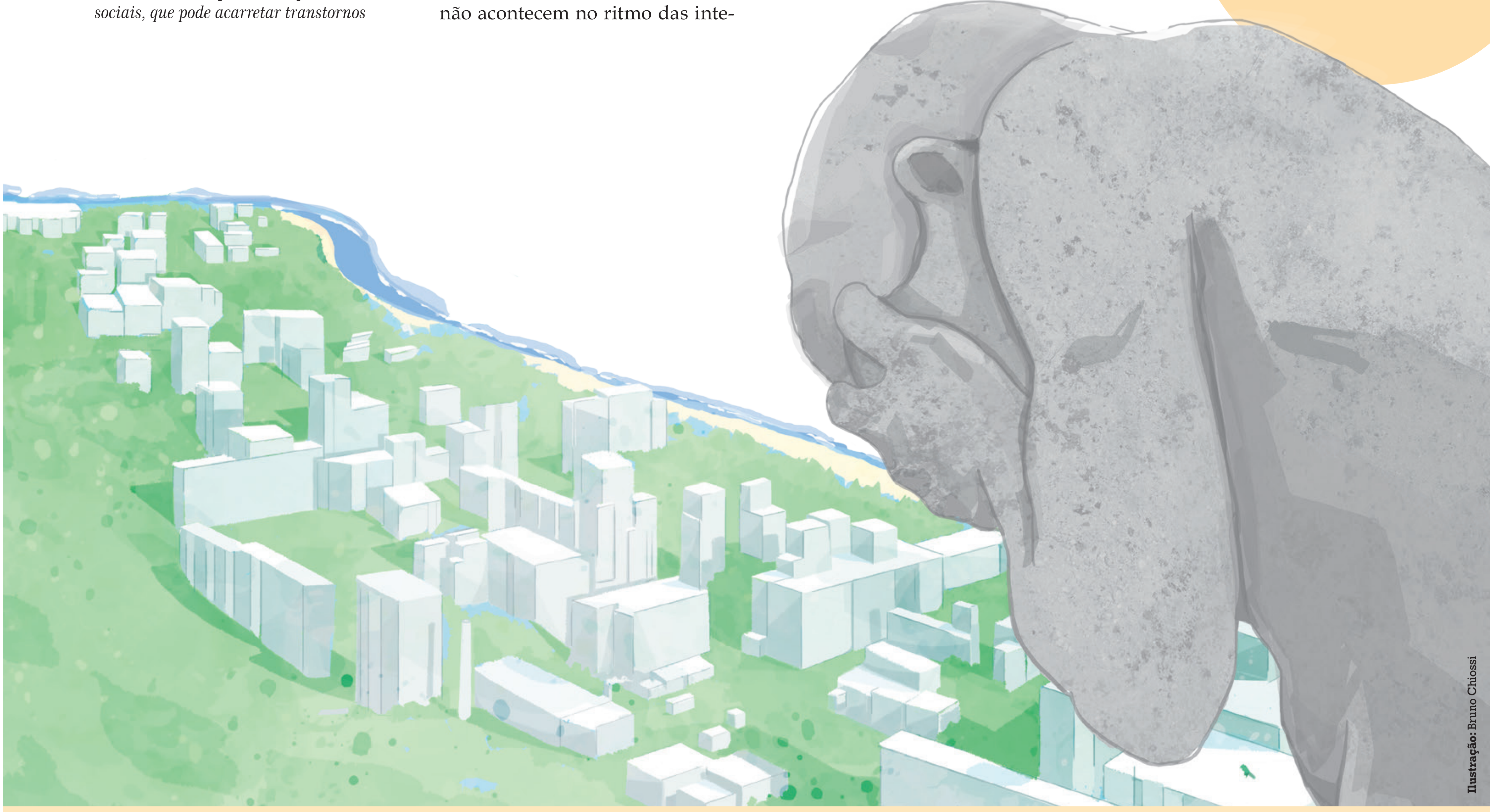


Ilustração: Bruno Chiossi